

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Marcelo Armesto dos Santos

Wikipédia e Google Knol
hipertexto e a reconfiguração da leitura e da autoria

Porto Alegre

2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Marcelo Armesto dos Santos

Wikipédia e Google Knol
hipertexto e a reconfiguração da leitura e da autoria

Monografia apresentada à Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação Social –
UFRGS como requisito parcial para a
obtenção do título de graduação em
Publicidade e Propaganda.

Orientador:
Prof. Dr. Alexandre Rocha da Silva

Porto Alegre

2009

nós não vemos ...a realidade ...como 'ela' é, mas como são nossas linguagens. E nossas linguagens são nossos meios de comunicação. Nossos meios de comunicação são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo de nossa cultura.

Neil Postman

AGRADECIMENTOS

À minha família,
especialmente ao meu
pai, por ter dado
sempre todo o suporte
para que eu pudesse
chegar até aqui.

Ao Prof. Alexandre
Rocha da Silva, pela
disponibilidade, pela
boa vontade e pelas
observações sempre
certeiras.

A todos amigos que fiz
durante o curso e que
contribuíram
fortemente para minha
formação pessoal,
profissional e
acadêmica.

RESUMO

O presente trabalho monográfico estabelece um estudo comparativo entre Wikipédia e Google Knol, com o objetivo de identificar nos dois projetos a manifestação das características que distinguem o hipertexto dos modelos de textualidade que o precederam. Para tanto, apresenta-se um breve histórico das tecnologias da inteligência e do modo com que elas se refletiram na relação homem e conhecimento. Também foi traçado um histórico da Enciclopédia, por caracterizar – e esta é a hipótese aqui desenvolvida - o nascimento do tipo de publicação que veio a originar recentemente a Wikipédia e o Google Knol. Também foi apresentado o fenômeno do hipertexto e dos novos paradigmas associados à leitura e à autoria para, por fim, analisar as nuances do fenômeno da leitura hipertextual e da autoria coletiva.

Palavras-chave: Wikipédia, Knol, hipertexto, escrita coletiva, colaboração.

SUMÁRIO

1 - Introdução.....	8
2 - As tecnologias da inteligência e a Enciclopédia: da cultura oral à cultura escrita.....	12
2.1 - Memória e conhecimento: um breve histórico.....	12
2.2 - Enciclopédia: o compêndio do Iluminismo.....	17
3 - A Revolução da informação: ascensão do ciberespaço.....	25
3.1 - Ciberespaço: tempo real e desterritorialização.....	28
3.2 - O Hipertexto.....	38
4 - Convergência e reconfiguração: autor, leitor e discurso.....	50
4.1 - Reconfigurando o leitor-autor.....	53
4.2 - A colaboração.....	65
4.3 - Reconfigurando a propriedade intelectual.....	71
5 - O fenômeno Wiki: Wikipédia e Google Knol.....	74
5.1 - A Wikipédia.....	74
5.1.1 - A edição de um verbete.....	77
5.2 - O Google Knol.....	79
5.2.1 - Criando um artigo.....	80
5.3 - Wikipédia, Knol e hipertexto.....	82
6 – Considerações finais.....	98
Bibliografia.....	103
Anexos.....	106
Anexo 1 – Wikipédia – resultado de busca por Iraq.....	106
Anexo 2 – Knol - resultado de busca por Iraq.....	107

Anexo 3.....	108
Anexo 4 – Knol – Avaliação.....	109
Anexo 5 – Wikipédia – página de discussão.....	110

1 - INTRODUÇÃO

O presente trabalho de monografia tem por objetivo estudar a inserção da Wikipédia e do Google Knol no ambiente hipertextual, evidenciando de que forma os dois projetos se relacionam com os novos paradigmas que ascendem com o hipertexto e com o ciberespaço com o intuito de observar como se dá a reconfiguração da leitura e da autoria nesses espaços.

A partir da popularização da informática, durante a década de 70, e, posteriormente, da conexão dos computadores em rede, encurtando distâncias, religando indivíduos e criando um novo espaço de comunhão, a relação do homem com a informação e o conhecimento vem se alterando profundamente. Durante a história da humanidade, o método de conservação da informação vem estando em estreita relação com a forma com que entendemos o mundo. Assim, antes do advento da escrita, não existiam formas de materializar e registrar a informação de forma perene. Informação e conhecimento eram tomados por uma eterna re-escritura, estando diretamente ligados às capacidades de memorização e de transmissão do homem. Com o advento da escrita e, mais tarde, da impressão, o discurso pode se separar de seu autor e a informação pode se inscrever no tempo. Junto com a escrita, criou-se o entendimento ocidental de história, de passagem do tempo, de evolução. A informática emerge de um misto da oralidade, principalmente de sua característica de constante mutação, e da impressão, fundamentalmente por sua construção do conhecimento e pelo distanciamento entre discurso e autor.

Como mostra Lyotard, “a enciclopédia de amanhã são os bancos de dados. Eles excedem a capacidade de cada usuário. Eles são 'a natureza' para o homem pós-moderno.” (LYOTARD, 1988, p. 93) A informática vem tomando um papel cada vez mais central em todas as ações do homem contemporâneo, seja nos seus momentos de trabalho, de lazer ou de estudo. Este homem já não pode mais ser entendido fora da sua relação com os novos meios de comunicação.

Com estes novos meios, crenças como o progresso irrefreável, a individualidade, a autonomia do sujeito perante a história que o precedeu, vão cedendo espaço a um entendimento muito mais flexível da sociedade. Somos testemunha de um resgate do eterno retorno - característico das comunidades ágrafas -, da mudança na concepção do sujeito como fruto de uma realidade que o precede e que, portanto, é membro indissociável de uma coletividade. Assim, entidades como o autor, que acompanham o homem desde antes da Idade Média, começam a ruir, para ceder lugar a uma constituição muito mais flexível e

colaborativa da construção coletiva do conhecimento.

Neste sentido, acreditamos que a Wikipédia e o Google Knol são projetos que repensam e propõem novos tratamentos para colaboração, sendo extremamente representativos dessa nova realidade.

Para a correta apreensão do fenômeno da escrita coletiva mediada pela informática, acreditamos ser necessária – acompanhando uma extensa linha de pensadores, da qual podemos ressaltar Roger Chartier e Pierre Levy - uma regressão aos primórdios da escrita. Dessa maneira, no segundo capítulo desenvolveremos um breve histórico das tecnologias da inteligência, dando destaque às técnicas ligadas à escrita. Estudaremos de que forma a escrita e a impressão mudaram o entendimento do homem sobre o mundo e sobre si próprio, tentando elucidar aspectos que foram fundamentais para o homem ocidental até o advento da informática, e de que forma estas concepções ainda ecoam no modo como o homem contemporâneo se relaciona com a informação. Faremos um histórico da produção do que entendemos como a pedra fundamental do que veio a ser a Wikipédia e o Knol, a Enciclopédia de Diderot, de modo a entender como ela se tornou um produto tão bem sucedido e um marco na história do conhecimento.

No capítulo três, estudaremos o surgimento deste novo espaço, o ciberespaço, e de sua textualidade, o hipertexto. Para isso, investigaremos como se deu o surgimento da informática e de que maneira ela vem se popularizando, de modo a apreendermos a perspectiva histórica deste processo. O ciberespaço muda o entendimento de distância e conseqüentemente de tempo, além de reabrir o espaço para o mito e para o rito. Esta reabertura é um fato fundamental para o entendimento de como o homem se comunica atualmente. Com o ciberespaço, o hipertexto vem tomando lugar do texto impresso, e com ele, ocorre uma reconfiguração da leitura e da autoria. Para entendermos como se dá esta reconfiguração, estabeleceremos um estudo sobre os aspectos técnicos e teóricos que constroem o hipertexto, buscando entender como se deram as primeiras ideias sobre ele e como elas se desdobraram atualmente.

No capítulo quatro investigaremos especificamente as questões ligadas à autoria e à leitura. Assim como qualquer desenvolvimento técnico na história da humanidade, o hipertexto foi precedido por uma mudança gradual no entendimento sobre várias questões, principalmente em relação à construção do conhecimento e de sua apreensão. Para tanto, estabeleceremos os elementos básicos para a construção de uma visão histórica sobre a escrita e a leitura, de modo a entender como se atribuiu a autoridade, a individualidade e a propriedade aos textos.

O estudo dos objetos será feito no quinto capítulo, de modo a identificarmos nos projetos a manifestação das características que descrevemos ao longo do presente trabalho monográfico. Assim, com a análise de um verbete qualquer, pretendemos conseguir observar como se manifestam estes itens na Wikipédia e no Knol. O verbete utilizado será *Iraq*, e a escolha se deve em primeiro lugar às possíveis polêmicas envolvendo o assunto, além da importância e abrangência da história do país e de sua recente relação com os Estados Unidos. Analisaremos os dois projetos em suas versões em inglês, e a escolha da língua se deu por sua popularidade. Como o inglês é a língua corrente na Internet, acreditamos que uma quantidade maior de usuários de diferentes países possa ter acesso tanto à leitura quanto à colaboração nos verbetes, o que nos proporcionará mais material de estudo, além de possibilitar o testemunho do encontro de várias culturas durante a colaboração.

Para tanto, primeiramente faremos um resumo do funcionamento e das regras dos dois projetos, com o intuito de apreendermos de forma mais detalhada o seu funcionamento, para posteriormente efetuarmos uma busca na Wikipédia e no Knol pela palavra *Iraq* e observarmos os resultados. Logo em seguida identificaremos os principais colaboradores dos verbetes, através da pesquisa dos autores cadastrados que participaram da edição na Wikipédia e dos autores que assinaram os artigos no Knol. Assim, analisando as informações dos perfis, pretendemos entender quem são estes usuários ativos e participantes desta escrita coletiva, e como as particularidades dos projetos se refletem na maneira como estes autores se identificam. Observaremos as funções disponibilizadas pela Wikipédia e pelo Knol – sistemas de versionamento, de avaliação, de correção, de comentários, etc - e como estas se relacionam com os novos paradigmas da textualidade. Os conteúdos relacionados ao *Iraq* serão alvo de estudo, com o propósito de identificar as diferenças no tratamento do assunto. Para isso, utilizaremos-nos do texto da enciclopédia Britannica acerca do *Iraq* para vias de comparação, observando as temáticas presentes nos projetos. Deste modo, temos o objetivo de investigar como o ruído, o erro, a discussão e os pontos de vista aparecem na escrita coletiva. O histórico dos verbetes será estudado para obtermos um panorama de como se desenrola a evolução do texto e de quem são os agentes envolvidos. Utilizando-nos de estatísticas e ferramentas disponibilizadas pela Wikipédia e pelo Knol, investigaremos como se dá o acesso aos verbetes, como acontecem as discussões, quem são os usuários mais ativos, etc.

Sabemos das dificuldades para triunfamos no entendimento de projetos que possuem tantas nuances e, muito mais do que exaurir o tema, queremos aqui estabelecer os elementos fundamentais para desenvolvimentos posteriores. Se faz necessário um estudo multidisciplinar e extensivo destas iniciativas de escrita coletiva, de modo a compreendermos

como se inserem no processo de transformação da relação homem e informação.

2 - AS TECNOLOGIAS DA INTELIGÊNCIA E A ENCICLOPÉDIA: DA CULTURA ORAL À CULTURA ESCRITA

A *Enciclopédia* foi um empreendimento que marcou fortemente sua época, não apenas mercadologicamente, como também filosoficamente. Ela é um belíssimo exemplo da mudança da lógica do mercado no século XVIII, passando de uma produção muito mais artesanal para as práticas capitalistas a que estamos familiarizados hoje em dia. Além disso, ela foi fruto da mudança de pensamento próprio do Iluminismo, em que o centro do mundo desloca-se de Deus para o homem. Sob certos aspectos, a *Enciclopédia* pode ser encarada como um manifesto deste movimento. Para entendermos corretamente o contexto em que ela será aqui estudada, faz-se necessária uma breve descrição da relação das novas tecnologias da inteligência e da difusão da impressão e de sua relação com pensamento.

2.1 - Memória e conhecimento: um breve histórico

Existem três tipos de memórias: a memória motora, a memória de curto prazo e a memória de longo prazo. A memória motora é a memória corporal, que utilizamos ao andar de bicicleta, e constitui o tipo mais primário de memória. A memória de curto prazo é a utilizada ao guardarmos um telefone até discarmos, possuindo curta duração, já que é fracamente permeada de relações emocionais ou de raciocínio. Já a memória de longo prazo é fortemente tecida por um emaranhado destas relações e, por este motivo, possui a capacidade de perdurar.

O desenvolvimento do homem está baseado no acúmulo e na evolução do conhecimento, e estes mantêm uma relação indissociável com a memória. Sem o desenvolvimento de técnicas que permitam a permanência da memória de longo prazo, o conhecimento fica refém das capacidades de memorização do homem e de sua coletividade. A memória nas comunidades ágrafas se caracterizava por uma presentificação da vida, em que o futuro e o passado eram noções enuviadas e a vida era feita de um eterno retorno, de uma evolução circular, já que um discurso que não fosse periodicamente retomado acabaria por desaparecer, como argumenta Pierre Levy (1998). O desenvolvimento se dava insensivelmente, pois a transmissão do conhecimento era sempre recriação.

Na oralidade primária, a palavra tem como função básica a gestão da memória social, e não apenas a livre expressão das pessoas ou a comunicação prática cotidiana. (...) Numa sociedade oral primária, quase todo o edifício cultural está fundado sobre lembranças dos indivíduos. A inteligência, nestas sociedades, encontra-se muitas vezes identificada com a

memória, sobretudo com a auditiva. (LEVY, 1998, p. 77)

Neste sentido, a oralidade primária é o tempo do mito, já que o saber, para perdurar, utilizava-se do mito como estratégia mnemônica, pois as representações deveriam estar ricamente interligadas por diferentes tipos de imagem e pelos “problemas da vida” para se tornar parte da memória de longo prazo. Assim, a dramatização e a parábola não tinham um caráter puramente de entretenimento, mas constituíam-se como formas de enriquecer as relações para a memorização. Durante muito tempo, a arte da memória utilizou-se de espaços como teatros e palácios como forma de treinamento e armazenamento das memórias, e esta metáfora não servia apenas como forma de salvar as informações do esquecimento, mas também para determinar como a memória era entendida. Este tipo de treinamento foi sendo gradativamente esquecido com o advento da escrita.

Os vestígios da memória são preservados na força ou na acessibilidade das conexões. As representações têm caráter distribuído. A memória é um processo gradual. A reprodução baseia-se na reativação dos circuitos neuronais envolvidos. (DRAAISMA, 2005, p. 288)

Mesmo depois do surgimento da escrita, este tipo de relação com a memória não desapareceu, já que muito de nosso aprendizado ainda se dá de forma oral, através da comunidade e da família. Porém, a escrita inscreve-se no tempo, ela materializa o passado, permite seu acesso, e o discurso pôde ser separado de seu autor. Em tempos de oralidade primária, o discurso poderia ser adaptado aos seus receptores, moldando-se às circunstâncias, ajustando-se ao público, pois todos partilhavam do mesmo momento. Com a escrita, o leitor é exposto a contextos distantes, a sentidos não tão claros, a um texto dado, estático. Portanto, surge a necessidade da interpretação, da hermenêutica. A escrita possibilita que os discursos “bastem a si mesmos”, como diz Levy (1998), engendrando as teorias.

A memória de curto prazo esteve totalmente ligada à oralidade humana, nos tempos em que ainda não havia sido inventada a escrita. A escrita vem a ser uma forma de estender indefinidamente a memória de curto prazo. A linguagem e a escrita nos permitem conceber e modular o tempo.

A história é um efeito da escrita. (...) [A partir do seu surgimento], a memória separa-se do sujeito ou da comunidade tomada como um todo. O saber está lá, disponível, estocado, consultável, comparável. (LEVY, 1998, p. 95)

Porém, até o fim da Idade Média, a escrita e o livro ainda eram muito devedores da oralidade, já que o livro era repleto de comentários e anotações, além de passar pelas mãos dos copistas, modificando-se muito ao longo do tempo. O processo de aprimoramento do livro teve início muitos séculos antes da Idade Média, através de inovações no campo da escrita e dos processos artesanais envolvidos em sua manufatura. O alfabeto foi um destes desenvolvimentos e sua invenção, aproximadamente em 700 a.C. na Grécia, foi fruto de um processo de evolução na tradição oral, que terminou por separar a comunicação oral e a escrita. Porém, foi só com o desenvolvimento das técnicas de impressão que a alfabetização se tornou imprescindível e se difundiu.

Com o advento da impressão, o progresso adquiriu novas nuances, já que a comparação e o acesso a textos antes inacessíveis foi possibilitado. Além disso, a valorização da objetividade e a busca por uma pretensa neutralidade puderam ter origem com ela. A impressão corrige as imperfeições entre os diversos desenhistas, autores, e elimina o copista, sendo produto e promotora da busca pelos melhores, pois é perene e replicável.

Assim como Levy, não queremos argumentar no sentido de uma determinação do pensamento pela técnica da escrita, mas sim no sentido de que ela tanto cria quanto é criada pela ordem cultural e simbólica. Portanto, utilizamos “a escrita”, “a impressão”, e utilizaremos “a informática” como sujeitos da argumentação, não como entidades desencarnadas de suas relações dentro de uma forma de pensamento e de seu contexto histórico.

A interface do livro, padronizada em páginas, índices, referências, acaba por torná-lo universal, e “como o computador, o livro só se tornou uma mídia de massa quando as variáveis de interface ‘tamanho’ e ‘massa’ atingiram um valor suficientemente baixo.” (Levy, 1998, p. 34). Os grandes tomos, característicos da Idade Média, foram pouco a pouco dando espaço às edições *in folio*, em que a folha é dividida em duas partes, às edições *in quarto* – a folha sendo dividida em quatro -, e, posteriormente, *in octavo* - dividindo a folha em oito. Além disso, a tipografia foi evoluindo para tipos mais leves, como o itálico, o que incentivou a diminuição dos volumes. O livro e as bibliotecas acabam por se tornar centros do saber objetivo, e a biblioteca pôde ser considerada um mega-documento, que, através de pouco treinamento, possibilita encontrar facilmente aquilo que se procura.

Enquanto em nossa era dizemos a nós mesmos ‘preciso lembrar-me disso até poder escrevê-lo’, nossos ancestrais medievais pensavam: ‘Preciso escrever isto para poder lembrar melhor’. (DRAAISMA, 2005, p. 63)

Ou seja, ocorre uma inversão axiológica: enquanto a escrita era um registro que deveria ser absorvido, com o tempo, ela passa a funcionar como meio de externalização das nossas capacidades intelectuais. O conhecimento não necessariamente precisa estar introjetado, digerido, precisa apenas estar disponível (eis aí a enciclopédia; Diderot e D'Alembert pretendiam objetivar o acesso ao conhecimento humano em sua totalidade e destruir as tradições). Além disso, o livro seria um dos agentes e dos reflexos do isolamento do indivíduo, tornando-o incapaz de expressar ou compreender suas experiências, ao contrário do que acontecia durante o primado da oralidade, quando o saber nascia da troca, da interação, da experiência.

[...] o declínio da transmissão oral, simultaneamente ao surgimento do romance no início da época moderna, foi compreendido paralelamente à decadência de um aprendizado que se dava através da experiência e da transmissão de valores éticos e morais. Lukács, e Benjamim depois dele, traçou um marco distintivo entre a transmissão da informação no mundo moderno e a transmissão de significados que era feita através do contador de histórias. (SANTOS, 2003, p. 124)

Com o pensamento tecnológico e informático, o caráter de disponibilidade e de isolamento torna-se ainda mais presente, já que a memória enquanto aprendizado tende a se perder no mundo da informação. A informática cria um híbrido entre a oralidade e a escrita, como bem observa Pierre Levy (1998), herdando a capacidade de armazenamento da escrita e a fluidez e flexibilidade do sistema oral. Enquanto a escrita “permite estender as capacidades da memória a curto prazo” e é isto que explica “sua eficácia como tecnologia intelectual.” (LEVY, 1998, p. 124), a informática funciona mais como um módulo externo e suplementar de nossa mente, absorvendo funções que antes eram próprias da alma, e depois da consciência.

Enquanto para Platão a memória era uma placa de cera, para os hermetistas era um teatro ou um palácio, e para nossos quase contemporâneos foi uma chapa fotográfica, com o advento da informática a concepção da memória torna-se computacional. Estas metáforas são importantes para compreendermos o entendimento acerca da memória ao longo da história. Só interpretando-a através da metáfora do palácio – na qual os conhecimentos eram guardados em salas e em móveis, como estratégia mnemônica -, tentaremos resguardar nossas lembranças de uma forma espacial, e só interpretando-a através da metáfora do computador começamos a pensar em *deletar* esta memória do suporte do cérebro. Do mesmo modo, enquanto “inteligente” era um adjetivo exclusivamente usado para se referir ao homem, ele é mais e mais utilizado para artefatos, como a *casa inteligente*, o *carro inteligente*, etc.

Além do entendimento sobre a memória, estas *tecnologias intelectuais*, para usar o termo levyniano, instauram novas formas de conceber o saber. A interação entre computador e memória não só promove uma tecnificação da memória, como pretende humanizar o computador. Na máquina de calcular, as operações aconteciam metaforicamente no seu “armazém”, enquanto no computador, acontecem na sua memória, como Turing¹ foi um dos primeiros a acreditar.

Henri Bergson foi um dos primeiros pensadores a questionar a memória como atributo exclusivo da mente humana, rejeitando a sua associação exclusiva à consciência e a sua redução a reações mecânicas (ou químicas, se preferirmos) do sistema nervoso. “A memória foi pensada a partir dos laços sociais existentes entre indivíduos constituídos no presente.” (SANTOS, 2003, p.21). Desta maneira, podemos vislumbrar uma das primeiras reflexões que deram origem ao pensamento do computador, que mais tarde influenciaram Pierre Levy em sua teoria sobre os novos métodos de construção coletiva do conhecimento, e que é parte constituinte do pensamento por trás da Wikipedia e do Google Knol, objetos de estudo do presente corpus de pesquisa.

O autor começa a problematizar o conhecimento e a memória enquanto fatores sociais, e não particulares de um indivíduo. O conhecimento só se daria em sociedade, já que todo desenvolvimento se dá no coletivo, e não no individual. Assim, as

Culturas variam segundo o grau pelo qual impõem clichês na experiência e na memória. Quanto mais desenvolvida a sociedade em direção ao conformismo de massa, independentemente de este desenvolvimento ter sido alcançado através de um padrão totalitário ou dentro de uma estrutura democrática por meios do mercado de trabalho, educação, padrões de vida social, propaganda, imprensa, rádio, filmes, best-sellers, e assim por diante, mais rigorosa se torna a regra da experiência convencional e da schemata da memória na vida dos membros da sociedade. Na história dos últimos cem anos da civilização ocidental a esquematização convencionalizada da experiência e da memória tem se tornado crescentemente predominante em um passo acelerado. (SCHACHTEL, apud SANTOS, 2003, p. 107)

Pierre Levy utiliza o caráter social da memória para legitimar as suas concepções sobre a rede colaborativa. Para ele, “(...) não há mais paradoxo em pensar que um grupo, uma instituição, uma rede social ou uma cultura, em seu conjunto, ‘pensem’ ou conheçam. O

¹ Alan Turing, matemático inglês, demonstrou que seria possível manipular símbolos e operações através de uma máquina, desenvolvendo as bases para as pesquisas que buscam a criação de uma Inteligência Artificial (IA). Foi criador do chamado *Teste de Turing*, através do qual um operador interage com um humano e um computador fazendo-lhes perguntas, e, caso ele não consiga distinguir se as respostas são ou não humanas, é provada a posse de inteligência artificial pela máquina.

pensamento já é sempre a realização de um coletivo.” (LEVY, 1998, p. 169), portanto, estes atores não param de traduzir, recortar, flexibilizar, complementar o que recebem do outro, em uma rede em que cada nó é indiscernível. Ao descrever o *groupware*, o autor afirma:

[...] os hipertextos de auxílio à inteligência cooperativa garantem o desdobramento da rede de questões, posições e argumentos, ao invés de valorizar os discursos das pessoas tomados como um todo. (...) Não é mais ‘cada um na sua vez’ ou ‘um depois do outro’, mas sim uma espécie de lenta escrita coletiva, dessincronizada, expandida, como se crescesse por conta própria seguindo uma infinidade de linhas paralelas. (LEVY, 1998, p. 66)

Antes de prosseguirmos no estudo sobre o hipertexto e o ciberespaço e posteriormente abordar a Wikipédia e o Knol, faz-se necessário entendermos como se deu o processo de criação da mais destacada enciclopédia, a Enciclopédia de Diderot e D'Alembert.

2.2 - Enciclopédia: o compêndio do Iluminismo

Utilizaremos Enciclopédia para denominar a publicação de Diderot e enciclopédia para nos referirmos às outras publicações. O nome *enciclopédia* vem do termo grego *encyclopaedia*, que significa literalmente “círculo do aprendizado”. Em princípio se referia ao currículo educacional, mas foi utilizado posteriormente aos livros que estavam organizados na mesma disposição que o sistema educacional, “fosse para assistir os estudantes em instituições de ensino superior ou para oferecer um substituto para essas instituições, um curso para autodidatas.” (BURKE, 2003, p. 89) A *Enciclopédia* acabou convertendo-se na “corporificação do Iluminismo”, sendo uma compilação da informação disponível até ali.

Com a difusão das ideias de Newton e Descartes, a partir da segunda metade do século XVII, o mecanicismo penetrou em muitas áreas do saber juntamente com a crescente “matematização do empírico”, isto é, mensuração e quantificação dos estudos, notável em ramos como a astrologia e a física. Esta relação da medida e da ordem com o conhecimento durou até fim do século XVIII, tentando estabelecer entre as coisas, mesmo as que não poderiam ser mensuráveis, uma sucessão ordenada. Como ressalta Robert Darnton (1996), a questão sobre a *Enciclopédia* ser ou não uma obra de referência ou a materialização de um manifesto do Iluminismo é um falso problema, já que a publicação foi pensada desde sua idealização por Diderot e D'Alembert para exercer estes dois papéis. Esse talvez tenha sido o maior ponto para o seu sucesso, já que conseguiu preencher o desejo de seus leitores tanto pela *philosophie* quanto pela informação nela contidas, não a tratando como se faz com as enciclopédias atuais, como “uma compilação neutra de tudo o que existe de A a Z”.

(DARNTON, 1996, p. 404)

O primeiro volume da *Enciclopédia* foi publicado em 1751, já sendo alvo de perseguições instauradas por parcelas ortodoxas da sociedade, das quais a Igreja Católica foi a maior representante, pois o conteúdo subversivo, contrário à figura da autoridade real, fortemente antropocêntrico da *Enciclopédia* punha em questionamento os alicerces que fundamentavam a sociedade à época (DARNTON, 1996, p. 20). Diderot foi o responsável pela organização e pelo angariamento de colaboradores e de fundos, além de mentor intelectual do projeto, juntamente com D'Alembert. Diderot encerrou sua participação na *Enciclopédia* por volta de 1772, e é justamente na década de 1770 que está localizado o momento mais importante da publicação. Antes disso, só existiam edições luxuosas e com altos preços, portanto a sua difusão ficou restrita a um número muito baixo de leitores. Quando finalizou a edição dos últimos volumes, já sem a companhia de importantes nomes como D'Alembert e Voltaire, além de outros tantos que o acompanharam desde a década de 1750, Diderot estava desiludido e acreditava que a obra precisava ser reescrita do princípio ao fim.

Ainda em 1768, Charles Joseph Panckoucke e mais dois sócios compraram de Le Breton os direitos e os clichês da *Enciclopédia*, dando origem ao maior empreendimento literário da sua época. “Como objeto físico e como veículo de idéias, a *Enciclopédia* sintetizou um sem-número de artes e ciências; representou o Iluminismo, de corpo e alma.” (BURKE, 2000, p. 402) Panckoucke pôs em marcha uma revisão da obra criando uma nova versão estendida a partir do plano original de Diderot. O caráter filosófico e contestatório que este, junto com D'Alembert e o grupo inicial impingiram a *Enciclopédia* em seu gênese foi atenuado e reconceituado em muitos verbetes, de maneira a reduzir o impacto e a antipatia junto ao Estado e a Igreja, pois Panckoucke mantinha relações próximas com altas esferas do poder. O encarregado desta tarefa foi Jean-Antoine de Laserre, um abade e literato quase inexpressivo. “Ele não teve escrúpulos quanto a adulterar o texto ou adaptar suas modificações ao estilo de Diderot porque tinha outras preocupações – promover sua própria carreira, por exemplo, e adular seus superiores na Igreja.” (DARNTON, 1996, p. 162) O processo chegou ao fim aproximadamente em 1780, quando a finalização da obra e sua distribuição em larga escala pela Europa aconteceu.

A *Enciclopédia* não passou incólume às pressões do processo produtivo. Seus idealizadores perceberam de antemão a proporção que a obra poderia alcançar; ela era “o mais belo empreendimento jamais realizado no ramo livreiro”. Pelo tamanho e pelos interesses envolvidos no projeto, qualquer problema poderia tomar enormes proporções, e o

mercado livreiro europeu era marcado pelos jogos de interesse. “Disputas sobre contratos; contrafações e guerras comerciais são eventos que apontam, todos, para um fato central: a Enciclopédia tornara-se um *best-seller* – o maior de que já se tivera notícia, o sonho de todo editor” (DARNTON, 1996, p. 148) Sua história foi marcada pelo *lobby* e pelo tráfico de influências, transformando-se em um retrato da economia do conhecimento de sua época.

Nas palavras de Panckoucke podemos observar mais nitidamente as pretensões envolvidas na obra:

Se executarmos exatamente o nosso plano, deve-se encontrar aí tudo que os homens conceberam, imaginaram, criaram desde que a arte de escrever foi inventada. Não deve haver aí uma única palavra, um único objeto dos conhecimentos humanos sobre os quais não se deva encontrar detalhes satisfatórios. (DARNTON, 1996, p. 368)

Quem publicava obras iluministas deveria estar disposto a correr risco, e quanto maiores fossem eles, maior seria a possibilidade de retorno dos investimentos. Com o movimento para a publicação de uma nova edição da *Enciclopédia*, existiam duas alternativas viáveis: ou se recriava um produto novo e fantástico para chamar a atenção do mercado – opção mais dispendiosa e mais arriscada, com mais chances de incorrer em problemas, já que o preço era o maior limitador para sua distribuição; ou se vendia o texto antigo com uma distribuição maior e preços menores – visando um público de menor renda. Panckoucke optou pela primeira opção, enquanto Joseph Duplain, livreiro de Lyon optou pela segunda. Duplain mantinha freqüentes trocas de favores com a *Société Typographique de Neuchâtel* (STN), a qual já imprimira diversos livros importantes, sendo influente atacadista e parceira de Panckoucke no negócio da *Enciclopédia*. Durante estas negociações, Duplain acabou anunciando que lançaria uma edição da obra, mesmo não detendo os direitos para isso. Panckoucke e a STN tentaram impedir que Duplain fizesse o lançamento desta contrafação, porém quando perceberam o sucesso de assinaturas que ele alcançara, optaram por legalizar a edição e dividir os lucros com o livreiro de Lyon.

O relativo fiasco da política de Panckoucke e o sucesso de Duplain conduzem a mesma conclusão: a demanda pela literatura do Iluminismo ultrapassara o pequeno círculo da clientela original de Diderot e chegara a um público menos privilegiado. (DARNTON, 1996, p. 411)

No Discurso Preliminar, D'Alembert enalteceu o conhecimento como fruto das três faculdades: memória, razão e imaginação. Esse conhecimento acabou se tornando indissociável do Iluminismo. As pessoas desejavam encarnar estes valores numa marcha progressiva à filosofia.

Uma enciclopédia in-quarto na estante demonstraria a excelência de seu possuidor em três aspectos: como um homem de bom gosto, um homem culto e um filósofo. Longe de serem incompatíveis, esses papéis se complementavam mutuamente; e o melhor de tudo é que eram fáceis de encarnar. (...) Nem era preciso ler muitos livros, pois a Enciclopédia era, em si mesma, uma biblioteca. (DARNTON, 1996, p. 207)

A Enciclopédia demonstrava que o conhecimento provinha dos sentidos e era ordenado pela razão, junto com a memória e a imaginação, retirando da tradição a responsabilidade de sua transmissão e manutenção, pois a tradição era caótica, baseada no preconceito e na superstição. Os princípios da racionalidade que nela eram defendidos, se “aplicados às instituições contemporâneas, desmascarariam o absurdo e a iniquidade por toda parte” (DARNTON, 1996, p. 416), revelando uma mudança epistemológica em tudo que o homem conhecia até então.

Com a proliferação do conhecimento impresso, as enciclopédias tiveram sua importância aumentada, já que ajudavam na tarefa de ordenamento e indexação deste conhecimento.

A conservação cada vez mais completa do escrito, a instauração de arquivos, sua classificação, a reorganização das bibliotecas, o estabelecimento de catálogos, de repertórios, de inventários representa, no fim da idade clássica, mais que uma sensibilidade nova ao tempo, ao seu passado, à espessura da história, uma forma de introduzir na linguagem já depositada e nos vestígios por ela deixados uma ordem que é do mesmo tipo da que se estabelece entre os seres vivos. (FOUCAULT, 1997, p. 146)

Não é estranho que a ordem dos livros correspondesse à ordem do currículo das universidades. Muito se discutia à época sobre sistemáticas de classificação dos conhecimentos e sobre a disciplina arquivística, já que a floresta de documentos e livros multiplicava-se a uma velocidade cada vez maior. Gabriel Naudé afirmava que “uma pilha de livros não constituía uma biblioteca, assim como um monte de soldados não constituía um exército” (BURKE, 2000, p. 98), e pregava que a classificação deveria ser subdividida em teologia, direito, medicina, além de história, filosofia, matemática, humanidades e outras. Durante o Renascimento, as enciclopédias obedeciam a categorizações muito parecidas com a defendida por Naudé, porém não se destinavam a ser consultadas, mas sim lidas e interpretadas seguindo o encadeamento dos conhecimentos. Entretanto, na *Enciclopédia* foi adotado o ordenamento que hoje nos parece mais natural: o alfabético. A sua alfabetização e de outras obras da época é interpretada como uma alteração na visão do conhecimento, deslocando-se de uma relação mais orgânica entre os conteúdos para uma segmentação e individualização dos saberes, retalhando-os em “escaninhos alfabéticos”. Esta mudança

atinge também a leitura, não só em termos de eficiência, quanto de um distanciamento entre o mundo e a palavra. A ordem alfabética deu origem à consulta rápida, à prática conhecida como “leitura extensiva”, ao passar de olhos. Esta passagem de uma leitura intensiva para uma leitura mais extensiva e independente foi possibilidade pela crescente difusão dos livros e por sua conseqüente dessacralização, criando uma abertura no sistema de conhecimento e dando origem a grupos com o desejo de torna-lo público.

Apesar das discussões acerca da categorização que envolvia a *Enciclopédia*, algumas pessoas pareciam já aceitar este tipo de divisão como algo natural.

[Para Panckoucke] ao que tudo indica, as ligações entre palavras e coisas pareciam-lhe evidentes por si mesmas, e ele não se angustiou com a base epistemológica do empreendimento. Sua abordagem era taxionômica e organizativa: se pudesse assegurar que cada palavra fosse colocada em seu lugar próprio em cada dicionário e que cada dicionário se inserisse no lugar adequado na Enciclopédia, ele produziria “uma biblioteca completa e universal de todos os conhecimentos humanos”. (DARNTON, 1996, p. 326)

Além de, por um lado, a metodologia classificatória da Enciclopédia movimentar a taxonomia do conhecimento, o crescimento do ramo livreiro movimentava com questões relacionadas ao direito sobre as obras. Antes do desenvolvimento da impressão, estas eram muito devedoras da cultura oral, mais coletiva e mais flexível, e a contribuição dos escribas na modificação dos livros deve ser ressaltada. Assim como na cultura oral, cada nova cópia de um livro era também sua re-edição. Nessa época, a questão do plágio ainda não era significativa, já que a autoria e a propriedade intelectual ainda eram elementos muito pouco discutidos. Apesar de a *Enciclopédia* ser o exemplo fundamental da expansão do impresso, é difícil identificar quais verbetes foram produzidos por quais autores e, por esse motivo, ela é interpretada muito mais como a síntese de um movimento intelectual do que como a compilação da obra de vários autores.

A popularização da impressão preocupava as altas esferas da sociedade, já que o trânsito mais intenso de livros e a sua dessacralização permitiam que camadas menos privilegiadas da população agora pudessem ter acesso ao conhecimento e, conseqüentemente, não precisavam mais confiar no que a elite lhe dizia. Esta democratização não pode ser negada. A partir do momento em que se ouviam mais vozes e mais vozes recebiam a chance de se manifestar, tornou-se muito mais comum que o conhecimento se distribuísse de forma horizontal, entre os pares, entre pessoas com interesses comuns, ao contrário do que acontecia antes da revolução da impressão, em que a

informação advinha das classes superiores e era imposta às classes inferiores.

Esta revolução carregou consigo a tarefa de aumentar o senso crítico de uma parcela cada vez maior da sociedade ao oferecer a diversidade de visões. Peter Burke (BRIGGS; BURKE, 2006) cita o exemplo de Montaigne como um caso emblemático desta transformação. Montaigne era um autor que percebera muito mais conflitos do que seus colegas durante a Idade Média, e essa percepção se dera através da vasta leitura a que Montaigne tivera acesso. Este movimento de proliferação do impresso tornou-se ainda mais palpável após a revolução industrial, e podemos perceber a sua expansão até os dias atuais.

[A industrialização] demandava circulação de informação mais substancial e confiável, tanto por motivos financeiros quanto para o controle dos processos industriais, (...) também precisava a longo prazo de um acesso público mais amplo à educação(...) A instrução de massa era agora julgada essencial” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 189)

Podemos perceber com esta afirmação que a lógica se inverte. A estratégia de dominação que vigorou até a Idade Média era que só os eleitos – e quem os elegia era Deus – pudessem ter acesso e ser beneficiados pela esfera do conhecimento. Com o antropocentrismo característico da modernidade, o homem toma as rédeas do mundo e se entende como o único responsável pelo progresso e pela determinação do que é bom para si. A técnica entra aí como o mecanismo de salvação do homem, encarnando características e capacidades que antes eram inerentes a ele em favor da dominação da natureza, e os artefatos técnicos conquistam cada vez mais espaço, tornando-se cada vez mais indispensáveis à vivência da modernidade. Com uma demanda maior por artefatos, mais pessoas são necessárias para a produção, para isso precisavam de mais conhecimento e, o círculo é retroalimentado pela necessidade de um aumento no mercado consumidor. A estratégia de dominação desloca-se da posse do conhecimento para a posse dos meios de produção, e a ciência deixa de ser uma prática com a função de formação do indivíduo e passa a exercer a função de motor de uma lógica capitalista, pois o progresso e a eficiência tornam-se imperativos nesse modelo de sociedade. “O antigo princípio segundo o qual a aquisição do saber é indissociável da formação (*Bildung*) do espírito, e mesmo da pessoa, cai e cairá cada vez mais em desuso.” (LYOTARD, 1988, p. 4) A informação é tomada cada vez mais por um caráter operacional, pois seu tempo de duração passou a, cada vez mais, coincidir com seu tempo de uso. Assim, o esforço no sentido de introjeção, de análise, veio perdendo importância, em detrimento ao esforço da busca, da indexação e da articulação das informações em redes de sentido. Como Michel Maffesoli demonstra, ao citar G. Simmel (1997, p. 197), a técnica de produção, a arte, a ciência e, claro, o meio doméstico são

dominados pelo 'espírito objetivo', e acrescentaríamos a esta lista também o conhecimento e a informação, que vêm sendo tomados pelo caráter utilitarista.

No fim do século XVIII, a máquina a vapor e a presença cada vez maior de máquinas executando o trabalho antes artesanal representam a primeira etapa da revolução industrial, enquanto por volta de cem anos mais tarde, o desenvolvimento de novas formas de produção de energia, como a eletricidade e o petróleo, fortalecem ainda mais a ideia de progresso como fruto da união entre ciência e técnica, sedimentando as transformações desta revolução. Esta união é o caminho para a emancipação do homem no momento em que o mito dá lugar ao progresso, já que ele agora pensa poder dominar a natureza através da sua análise e de sua administração racional. A tecnologia é a promessa de transformação, da posse do mundo pelo homem e de sua salvação. Lemos comenta que “é a construção de Centros de Pesquisa e Desenvolvimento (P & D), na segunda metade do século XX, que finaliza o processo de cientificação da técnica e da tecnicização da da ciência” (2002, p. 55). É nessa época em que surgem os primeiros resultados dos esforços técnicos relacionados à comunicação, o telégrafo e o telefone.

A partir do século XIX a imprensa passa a ter uma importância cada vez maior, junto com o movimento cada vez mais intenso de valorização à informação. No início do século XX o rádio tem suas primeiras transmissões, dando início à era da radiodifusão e das mídias de massa. O rádio foi um fenômeno global, e sua tecnologia permitiu que atingisse o público fora das metrópoles, indo até locais mais ermos, feito que outros meios de comunicação ainda não haviam alcançado, “consolando e entretendo, informando e educando” (BRIGGS; BURKE, 2006). Seu impacto na criação de uma esfera de compartilhamento da informação, da educação e do entretenimento na sociedade foi enorme, caminho que já vinha sendo trilhado desde o advento da impressão e que preparou terreno para a difusão posterior da televisão e finalmente da micro-informática. Se o mecanicismo newtoniano resume bem a forma do pensamento moderno, onde o homem entende o mundo como uma máquina perfeitamente ajustada e equilibrada, como um móbil de Calder², e entende-se como mais uma peça desta mega-máquina, a descoberta do DNA³ resume a forma do pensamento contemporâneo,

² Alexander Calder, artista influenciado pelos movimentos surrealistas e dadaístas, teve na escultura sua expressão máxima. Os móveis de Calder tiveram imprescindível papel na criação da arte cinética, representando ao mesmo tempo o equilíbrio, o movimento, a mutação e a estabilidade.

³ Em 1953, James Watson e Francis Crick descobriram que a informação genética dos seres vivos estava contida em um composto orgânico estruturado na forma de uma dupla hélice, o qual foi chamado de ácido desoxirribonucleico (ADN, ou DNA, do inglês deoxyribonucleic acid), e que garante a reprodução dos seres vivos. http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81cido_desoxirribonucleico acessado em 20/08/09

mostrando que até mesmo nós somos constituídos por informação. A ciência, assim, vai perdendo seu *status* de verdade absoluta e imparcial e vai sendo contaminada por um caráter probabilístico e relativista, enquanto o papel do observador vai sendo mais e mais importante. A física quântica e a teoria da relatividade têm papel fundamental nessa nova forma de entender o mundo, que mais tarde ecoa para outras ciências e para o conhecimento informal. O conhecimento científico passa a ser entendido como um “certo modo de organizar, estocar e distribuir certas informações” (LYOTARD, 1988, p. IX), passando a ser fundamental na competição política entre nações e diminuindo o papel da produção de matéria-prima nessa disputa. A ciência passa de meio de formação do indivíduo para uma *tecnologia intelectual* em função do progresso, adquirindo valor de troca.

Após a Revolução Industrial, a próxima grande transformação foi o que vários pensadores denominam como *Revolução da Informação*, que começou há muitos séculos, como já mencionamos, mas que vem acelerando de maneira cada vez mais intensa a partir do fim do séc. XX. Aprofundando o caminho aberto pelo desenvolvimento das técnicas de impressão, e posteriormente do advento dos meios de comunicação de massa, a informática vem se fazendo mais presente e mediando cada vez mais aspectos da vida na atualidade. Desta forma, é natural que exista uma tendência à digitalização de todo o conhecimento que o homem já produziu. Portanto, a Enciclopédia sendo uma das grandes obras produzidas pelo conhecimento humano, é natural que ela seja revista e transposta para este novo ambiente, já que, ainda no séc. XVIII, Diderot já sentia a necessidade de sua total reestruturação. Entretanto, esta digitalização não deve se limitar apenas a uma transposição do meio analógico para o meio digital, implicando a re-significação profunda da obra e a necessidade de trazer à tona novos questionamentos e conceitos, para possibilitar o entendimento do fenômeno de uma forma mais ampla e atual. Para tanto, precisamos observar de que forma operam estas novas tecnologias da informação e quais os seus impactos na relação entre homem e conhecimento.

3 - A REVOLUÇÃO DA INFORMAÇÃO: ASCENSÃO DO CIBERESPAÇO

O advento das novas tecnologias de comunicação, ainda no século XIX, marca o início de uma nova era em que o telégrafo, o rádio, o telefone e o cinema vêm operar no sentido de um encurtamento das distâncias geográficas e da criação de um novo espaço para o trânsito de informações. As redes telemáticas intensificam o fenômeno da globalização, fruto da virtualização e da possibilidade de agregação em comunidades desvinculadas de laços territoriais, esboçada com a popularização do livro, ainda no século XVII, e aprofundada ao longo da evolução da técnica. A globalização não foi desencadeada apenas recentemente, mas sim vem sendo construída ao longo de muitos séculos, em iniciativas e transformações na forma como entendemos o mundo, em invenções como a de Robert Boyle, que em 1669 criou o *testemunho à distância* (STONE, 1999), método que possibilitou cientistas testemunharem e revisarem experimentos mesmo sem estar em sua presença. Desta maneira, foi criada uma comunidade de cidadãos com ideias afins, que não estavam necessariamente próximos em sentido geográfico, mas que poderiam discutir sobre romances, sobre trabalho, etc, criando comunidades virtuais baseadas em trocas de conteúdo textual. Com o telégrafo, o rádio e as novas tecnologias da comunicação, criou-se uma comunidade que partilhava experiências através das mídias de massa. No século XX, o computador, e, por último, o ciberespaço, são os mais recentes agentes da popularização da virtualidade.

A intensificação da fusão entre as telecomunicações analógicas e a informática depois da metade do século XX deu início ao movimento de popularização da personalização, em detrimento da massificação comum aos grandes meios de comunicação existentes até ali, transformando o modelo de distribuição da informação. Esta passagem se dá de forma lenta, com o surgimento e a popularização de meios de gravação - como o videotape e o videocassete -, e depois, com o a diversificação de mídias mais segmentadas - por exemplo, com o surgimento da televisão a cabo. Ao contrário do quadro anteriormente existente, em que um número pequeno de canais concentrava enormes parcelas de audiência, com a TV a cabo se intensifica o fenômeno do *zapping*, caracterizado pela alternância rápida entre diversos canais e programas, fragmentando a experiência televisiva. Estas inovações prepararam terreno para o surgimento da rede mundial de computadores e de meios mais pessoais de navegação, em que, o antes considerado por alguns receptor passivo da televisão, passa a agir de maneira mais profunda sobre o conteúdo; e o trajeto da comunicação nestes novos meios de comunicação passa a ser cada vez mais bidirecional, ao contrário da predominante unidimensionalidade característica dos meios de comunicação de massa. A TV

a cabo e o videocassete vieram a agir no sentido de fragmentação da audiência e de sua consequente dessincronização, permitindo ao espectador um maior controle sobre o momento em que ele vai consumir os conteúdos e alargando o número de possibilidades de escolha. Com a informática e o desenvolvimento da rede mundial de computadores, o modelo “um para todos” começou a dar lugar ao modelo “todos para todos”, tornando o fluxo de informações um fluxo caótico, multidirecional, entrópico, coletivo, e, ao mesmo tempo, personalizado. A metáfora da árvore do conhecimento que dominou o pensamento moderno vem cedendo espaço à metáfora do rizoma, conceito defendido por Deleuze e Guattari no livro *Mil Platôs* (DELEUZE; GUATTARI, 1995), com suas ligações horizontais, sem um centro identificável, organizado. Com a troca de informação entre os pares, o individualismo próprio da era do impresso acabaria, em certos aspectos, dissolvendo-se, dando lugar à conectividade. O leitor solitário, reflexivo e introspectivo característico do reinado da impressão vem cedendo espaço para o leitor/produtor das novas mídias, que está, potencialmente, em contato virtual com um número muito grande de outros leitores/produtores. Assim, a homogeneização acabaria por ceder lugar à pluralização.

Todas as formas de socialidade contemporâneas encontram, nesse ambiente rizomático [o ciberespaço], um potencializador, um catalisador, um instrumento de conexão. O ciberespaço não é uma entidade puramente cibernética (no sentido de controle ou pilotagem), mas uma entidade abstrata, efervescente e vitalista. (LEMOS, 2002 , p. 142)

A informática, em um curto espaço de tempo, vem alterando e sendo alterada profundamente pela relação que o homem estabelece com todas as esferas do conhecimento. André Lemos (2002) sugere a divisão da evolução da informática em quatro fases. Entre a década de 40 e a década de 60 são formuladas as primeiras ideias que possibilitam o seu desenvolvimento, como a cibernética e as teorias de organização de sistemas. Nessa primeira fase, buscava-se emular o cérebro e os seres vivos, baseado nas teorias de troca de informação e auto-regulação advindas da teoria cibernética de *Norbert Wiener*, com as máquinas estando basicamente limitadas a cálculos simples. Wiener estudou o movimento das partículas em fluidos e a auto-regulamentação de sistemas, desenvolvendo a *teoria cibernética* – publicada em seu livro intitulado *Cibernética*, de 1954 -, que “inclui não apenas o estudo da linguagem mas também o estudo das mensagens como meios de dirigir a maquinaria e a sociedade” (WIENER, 1954, p.15) . Na cibernética, do grego *kubernetes*, que significa piloto, o autor percebeu a importância da informação para a regulação de um sistema, pois através do seu domínio e do seu julgamento, um sistema maquinístico pode encarnar certas habilidades antes exclusivas do homem. Para isso, a máquina – ou autômato – deveria ter a capacidade de receber informações do meio e a de reagir a ocorrências futuras.

Os primeiros computadores eram gigantescos, compostos por milhares de válvulas, ocupavam salas inteiras, não eram confiáveis e eram de difícil manutenção. Eles foram construídos com propósitos militares, só podendo ser manipulados por especialistas. O ENIAC⁴ talvez seja o exemplo mais conhecido, e foi construído para facilitar o cálculo de estratégias do exército durante a II Guerra Mundial.

Na segunda fase, entre 1960 e 1970, o computador teve o seu tamanho reduzido e penetrou em universidades, além de ter se tornado muito importante para a pesquisa militar. Inúmeras inovações permitiram este movimento de popularização do computador. A invenção da memória de núcleo magnético permitiu que os computadores incorporassem certas tarefas de uso comum, eliminando a necessidade de reprogramá-los do início a cada uso. Com isso, começaram a surgir as primeiras linguagens de programação. A mudança do uso de válvulas para o uso de transistores permitiu a queda substancial no tamanho e no gasto de energia desses computadores, e em contrapartida, aumentou a sua capacidade de cálculo. Um *chip* de um sexto por um oitavo de polegada possuía então a mesma capacidade do ENIAC (BRIGGS; BURKE, 2006). Foi nesse período que os estudiosos começaram a perceber a importância da ligação desses computadores em uma rede com o intuito de possibilitar a troca de informações. A Arpanet, projeto que deu origem ao que veio se tornar a Internet, ao qual voltaremos mais adiante, entrou em operação em 1969. Esses computadores ainda eram manipulados apenas por especialistas, e sua função era centralizadora, parte de uma tecnocracia científico-industrial.

Por volta da década de 70, período que caracterizou a terceira fase, o computador transformou-se em um objeto pessoal e cotidiano, ao atingir parcelas cada vez maiores da população. Foi na década de 70 que o computador pessoal deu seus primeiros passos. Nos Estados Unidos, o Vale do Silício na Califórnia foi o berço da popularização dos computadores. Em nenhum outro lugar no mundo era possível encontrar tantos artefatos eletrônicos, e a proximidade com empresas ligadas à informatização e à tecnologia ofereciam a concentração de mão de obra necessária para o desenvolvimento de projetos como o computador pessoal. Para muitos jovens o passatempo era juntar peças de segunda mão e criar seus próprios dispositivos eletrônicos ou montar computadores vendidos desmontados nas lojas. A mudança ocorreu aproximadamente na metade da década de 70, quando as lojas passaram a vender computadores montados, ao invés de vender as peças separadas, quando então o objetivo principal deixou de ser a sua montagem e passou a ser o *uso* deste

⁴ Finalizado nos últimos anos da década de 40, o ENIAC foi o primeiro computador digital, criado com a finalidade de facilitar os cálculos militares durante a II Guerra Mundial

computador. Assim, os usuários não iniciados na ciência da informática começaram a ser angariados devido às possibilidades abertas por aquela máquina. Porém, ainda àquela época, as possibilidades de uso eram muito limitadas e exigiam um conhecimento grande de computação, restringindo o seu uso aos entusiastas da tecnologia. A informática estava muito ligada ao processo de facilitar os cálculos, e ainda não era tida como uma tecnologia intelectual. Com o tempo, técnicas de interação mais intuitiva foram se desenvolvendo, o que acabou por diminuir em muito a curva de aprendizado. O mouse, a interface gráfica remetendo ao ambiente do escritório, com ícones e metáforas visuais como pastas e lixeiras, o estabelecimento de processos básicos e da coerência destes processos entre diferentes aplicativos foram os desenvolvimentos técnicos que culminaram por popularizar o uso do computador, ao aproximá-lo do usuário não especialista. O conceito de *What you see is what you get*, ou seja, o que você vê é o que você obtém, resume bem a nova forma de pensar a interação homem-computador. A interface gráfica é reflexo da tendência de diminuição da interação técnica em prol da interação social. Através dela, o homem interage com o computador de forma orgânica, deslocando a relação homem/objeto para a relação homem/informação, mediada pela tecnologia digital. A interação não surgiu com as novas tecnologias, mas transformou-se de uma interação técnica analógico-mecânica - em que o homem interagia com a máquina e com os artefatos técnicos -, em uma interação técnica eletrônico-digital, em que o homem interage com a informação.

A partir da segunda metade da década de 80 passamos à quarta fase, a da popularização das conexões entre computadores, o chamado ciberespaço. O social se apropria das ferramentas disponibilizadas pelas novas tecnologias, extrapolando o seu caráter puramente econômico e funcional. Assim, surgem novas formas de socialidade e de produção de conhecimento, que vêm alterando profundamente o modo com que o homem interage com a informação. Enquanto as primeiras enciclopédias foram criadas para ser lidas e interpretadas, a Enciclopédia idealizada por Diderot já se destinava à consulta; no ciberespaço as enciclopédias possuem um caráter operacional, sendo muito mais *utilizadas* do que *consultadas*. Este comportamento, na verdade, se estende a todo tipo de informação armazenado no ciberespaço, como veremos posteriormente.

3.1 - Ciberespaço: tempo real e desterritorialização

Muitas dos conceitos por trás da tecnologia informática e das redes telemáticas foram desenvolvidos há muito tempo e só foram passíveis de execução há poucos anos. Ainda na década de 40, *Vannevar Bush* publicou um artigo conceituando uma máquina nunca

concretizada chamada de Mémex (LEVY, 1998, p. 28), e que hoje podemos percebê-la como um belo resumo de muito das características da Internet. Porém, a popularização dos progressos técnicos obedece a uma equação simples; se o trabalho exigido para seu desenvolvimento for maior do que os benefícios e as facilidades trazidas por seu uso, ele muito provavelmente não terá sucesso. Foi o que aconteceu com as idéias de Bush, que só acabaram por se tornar viáveis muitos anos mais tarde.

Com as novas tecnologias da comunicação, surge o ciberespaço – termo cunhado por *William Gibson* em seu romance chamado *Neuromancer* (GIBSON, 2003) no ano de 1984, que descreve o espaço não físico criado pela rede de computadores. Com ele, o modo como a informação é distribuída, o modo com que os indivíduos se relacionam com seus pares e o modo como entendemos o território sofrem profundas transformações, impactando todas as esferas da vida a partir do final do século XX. “O ciberespaço é um espaço sem dimensões, um universo de informações navegável de forma instantânea e reversível. Ele é, dessa forma, um espaço mágico, caracterizado pela ubiquidade, pelo tempo real e pelo espaço não-físico.” (LEMOS, 2002, p. 137)

A *Internet* é a principal promotora do ciberespaço, entretanto, não foi a primeira iniciativa de conexão dos computadores em rede; ela foi precedida pela *Arpanet*. A *Arpanet* surgiu dentro da Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA), idealizada por *Bob Taylor*, diretor do instituto de defesa norte-americano. Podemos observar, desde a sua fundação, a forte relação que a rede possuía tanto com a universidade quanto com o departamento militar, situação reforçada pelo fato de que apenas cientistas e militares possuíam acesso a ela. A *Arpanet* era a rede dedicada às universidades, enquanto a *Milnet* era a rede militar, e as duas eram conectadas entre si, permitindo a troca de informações. Em 1975, elas possuíam aproximadamente dois mil usuários. A ideia era criar um sistema que fosse resistente a ataques durante a guerra, e que mesmo se uma parte fosse avariada, o sistema continuaria funcionando. Partiu daí a iniciativa de ligar os computadores em rede, de maneira que não existisse um controle centralizado. A NSFNET substituiu a *Arpanet* em 1990. Surgiram inúmeras outras redes que se juntaram a elas, como a *Usenet*, um grande fórum de discussões dividido em *newsgroups* (grupos temáticos), e os BBS, redes comunitárias independentes. A consolidação da *Internet* se deu entre os anos de 1993 e 1994 e hoje é formada por milhares de redes independentes. Assim como a *Enciclopédia*, a rede mundial de computadores foi idealizada para uso restrito, científico, de interesses privados; porém, o seu caráter elitista foi diminuindo com o aumento do seu alcance.

A partir do início da década de 90, a criação da *WWW (World Wide Web)* veio popularizar definitivamente a Internet, organizando os conteúdos da rede por informação, e não mais por localização, como acontecia anteriormente. A invenção da WWW foi resultado em grande parte dos esforços de Tim Berners Lee e da sua concepção de que as pessoas deveriam utilizar o computador em seu próprio benefício. Dessa maneira, a Internet deixou de ser um espaço exclusivo de iniciados para atingir camadas cada vez maiores da população. O poder e a facilidade de acesso a conteúdos multimídia foi aumentado com o surgimento da WWW, e a sua popularização se deu através da distribuição gratuita dos softwares básicos ao redor do mundo. Foi criada a linguagem que até hoje é usada para criar os documentos na Web, o HTML (*hypertext markup language*), e surgiu por volta de 1993 o primeiro navegador chamado *Mosaic*. (CASTELLS, 2002, p. 90)

A informação é transmitida entre computadores através de pacotes de informação, e o protocolo usado para a comunicação entre as máquinas é ainda hoje o mesmo utilizado na *Arpanet*: o TCP/IP (*Transmission Control Protocol/Internet Protocol*). É importante notar, como mostra André Lemos (LEMOS, 2002, p. 125), que ele foi totalmente desenvolvido com capitais públicos, não sendo proprietário de nenhuma empresa. Esta foi uma característica determinante na história da disseminação da Internet, pois o fato de ser um protocolo aberto permitiu a colaboração e a sua rápida difusão ao redor do mundo. Além disso, sua estrutura permitiu abdicar de uma gestão central em prol de um governo coletivo.

A *Internet* é uma enorme força potencial de democratização da informação, pois possibilita a troca de conteúdos de uma forma global, superior a qualquer outro meio de distribuição, tanto em termos de flexibilidade, de capacidade, e, com a sua crescente popularização, de alcance. A formação de aldeias globais contribui para um processo de retribalização da sociedade, resgatando o caráter lúdico e imaginativo, incentivado pelo afrouxamento do controle social característico de um meio descentralizado como a *World Wide Web*. Este afrouxamento opera tanto no sentido positivo quanto negativo, por exemplo, democratizando o processo de criação de conteúdo ou fornecendo um meio para a divulgação das pulsões mais obscuras do homem.

O ciberespaço é o território dos agrupamentos urbanos com ênfase na “tragédia do presente” - conceito proposto por Simmel e frequentemente utilizado por Maffesoli (1997) para descrever o impulso responsável por sempre buscarmos expandir os limites das relações sociais -, em que os indivíduos se relacionam cotidianamente sem questionar o futuro ou a moral. A multiplicidade de experiências por ele mediadas, através dos inúmeros valores e

papéis que os indivíduos encarnam, é a verdadeira possibilidade de não sucumbir à moral e à racionalidade comuns do individualismo que se propagou durante a modernidade, segundo Lemos (2002). O ciberespaço permite a criação de comunidades com interesses afins, diluindo a noção de ligação ao território. O paradoxo das possibilidades de socialização contemporâneas vem justamente do fato de elas surgirem através do amálgama entre a racionalidade e a objetividade - em grande parte responsáveis pelo desenvolvimento das novas tecnologias -, e o impulso gregário das novas formas de socialidade. Enquanto, por um lado, a nova socialidade nega a racionalidade típica da idade moderna, por outro é justamente essa racionalidade que possibilita o desenvolvimento dos meios técnicos necessários para o seu surgimento. Esta aproximação entre o social e o tecnológico é o que dá origem à cibercultura, e a tecnologia, entidade atribuída de racionalidade e austeridade, torna-se contaminada pelas iniciativas e potencialidades do social. Desde o início da Internet, a troca de correspondência eletrônica foi o seu principal uso, e essa correspondência era ligada a fatos do cotidiano, em tom informal, entre indivíduos com estreitas relações pessoais, diferente do contato sóbrio entre dois cientistas ou militares.

A cibercultura forma-se, precisamente, da convergência entre o social e o tecnológico, sendo através da inclusão da socialidade na prática diária da tecnologia que ela adquire seus contornos mais nítidos. Não se trata, obviamente, de nenhum determinismo social ou tecnológico, e sim de um processo simbiótico, onde nenhuma das partes determina impiedosamente a outra. (LEMOS, 2002, p. 95)

A noção de identidade é modificada no ciberespaço e torna-se ambígua, já que o indivíduo flutua e encarna diversas personalidades, e estas não são, necessariamente, vinculadas a uma entidade física. A identidade se torna identificação, a diferenciação se torna comunhão, contribuindo para o fortalecimento do caráter socializante do ciberespaço. “A tecnologia, que foi durante a modernidade um instrumento de racionalização e de separação, parece transformar-se numa ferramenta convivial e comunitária”. (LEMOS, 2002, p. 87)

O desenvolvimento de formas de telecomunicação deu início a um processo de encurtamento das distâncias, modificando a noção de espaço e, simultaneamente, de tempo. Enquanto, no passado, a comunicação, a interação social e a troca de formas simbólicas estavam diretamente ligadas ao território, à presença simultânea no mesmo espaço, com o advento da telecomunicação engendrou-se também “uma disjunção entre o espaço e o tempo” (THOMPSON, 2002, p. 36), em que concepção de presença, de pertencimento, separaram-se da concepção espacial. Esta concepção de tempo e espaço pode ser observada no início do século XX através da ilustração que o cubismo faz, trazendo para o mesmo plano

várias partes de um mesmo motivo, desestruturando os objetos no espaço e oferecendo várias perspectivas simultaneamente, utilizando-se de colagens. O tempo presente deixou de estar ligado somente ao local físico e lugares distantes passaram a ser experienciados e conhecidos através da mediação dos novos meios de comunicação. Da mesma forma, a noção de passado e o seu estudo passaram a, cada vez mais, fazer parte do que Thompson chamou de *historicidade mediada* (THOMPSON, 2002, p. 36), pois quanto mais para o passado se desloca o estudo, menos provável é que o conhecimento provenha da experiência pessoal ou de uma interação com indivíduos que presenciaram estes determinados fatos. Este quadro colabora para alterar a noção de grupo e de pertencimento, fazendo com que a identificação possa ocorrer não só entre indivíduos que estão fisicamente próximos, quanto com indivíduos que estão ligados através das telecomunicações.

O autor distingue três formas de interação relacionadas com os meios de comunicação: a interação face a face, a quase-interação mediada e a interação mediada (THOMPSON, 2002, p. 78). A interação face a face é a interação entre indivíduos em uma situação de presença espacial simultânea, portanto, tem natureza dialógica e repleta de deixas simbólicas; o discurso pode ser adaptado e enriquecido através da observação das reações do outro. Porém, o resultado desta interação não se mantém no tempo, ela possui um caráter fugaz. É o tipo de interação comum às comunidades em oralidade primária. A quase-interação mediada surge com o livro e com os meios de comunicação de massa, como a televisão. Este tipo de interação inscreve o conteúdo e a informação no tempo, diminuindo o caráter transitório da interação face a face; ela está profundamente ligada à disponibilização do conteúdo para um sem número de receptores e é monológica, restringindo o espaço para deixas simbólicas. Por último, a interação mediada se dá através de um meio como o papel - no caso de troca de cartas -, ou de fios elétricos - como no caso do telefone -, e tem em comum com a interação face a face o caráter dialógico e a sua orientação para um número específico de receptores; porém, assim como na quase-interação mediada, possui restrições com relação à capacidade de transmitir deixas simbólicas e inscreve-se no tempo e no espaço. Estas três categorias podem co-existir, dependendo do meio em questão, e, no nosso entendimento, a distinção da quase-interação mediada e da interação mediada podem ser estendidas para entendermos as formas de interações hipertextuais, mas voltaremos a elas no próximo capítulo.

Rosanne Stone (1991) divide em quatro épocas a história das comunidades virtuais. Como supracitado, Stone entende o *testemunho virtual* de Robert Boyle como o marco zero das comunidades virtuais baseadas no texto. Em seguida, no início do séc. XX, a invenção do

telégrafo é o ponto de partida para a segunda era, a era das comunidades virtuais eletrônicas. O modo com que compreendemos o sentido de presença alterou-se com estas novas comunidades, já que, a partir dali, um incontável número de pessoas podia experimentar o mesmo momento estando separadas geograficamente. Ao mesmo tempo, o questionamento sobre a separação entre o corpo e o “eu” associado a ele começa a surgir como um aspecto importante. O terceiro período é o das tecnologias da informação, ilustradas pelos BBS ainda na década de 70, entretanto ainda não de domínio vasto da população e sim restrito aos especialistas, devido ao alto custo e ao grau de conhecimento técnico necessário para operá-los. Logo no início dos BBS, já era notório para alguns usuários o principal problema do sistema: a dificuldade de encontrar as informações desejadas. Os sistemas de busca àquela época ainda estavam em um nível primário de desenvolvimento, e com o crescimento das comunidades o rastreamento das informações estava cada vez mais difícil. Assim, novas propostas de organização dos conteúdos em forma de árvore surgiram, separando assuntos em “galhos”, onde os mais populares cresceriam e aqueles não utilizados morreriam, ainda que permanecessem disponíveis como “arquivos on-line de discussões sem êxito e como uma fonte potencial de inspiração para posteriores e mais prolíficas conferências” (STONE, 1991).

Outro ponto importante que pôde ser observado nos BBS foi a ênfase na interação social e na vontade de transformar os modos de convivência pelos participantes. A dissolução das fronteiras entre social, natural e tecnologia que foi ensejada nos BBS estava indissociavelmente relacionada às práticas e ao desejo dos participantes.

Os conferencistas não se veem primariamente como leitores dos quadros de recado (bulletin boards) ou como participantes de um novo discurso, mas como agentes de um novo tipo de experimento social. Eles veem o terminal ou o computador pessoal como uma ferramenta para a transformação social pelo modo como eles reconfiguram a interação social.⁵ (STONE, 1991)

Para a autora, os BBS e o subsequente desenvolvimento da Internet como à conhecemos atualmente preparam para a quarta época. O marco de transição entre a terceira e a quarta época seria o lançamento do livro *Neuromancer* (STONE, 1991) e do surgimento do termo *ciberespaço*, em que as comunidades virtuais passam a ser experienciadas em 3 dimensões (3D) através da imersão do sujeito na realidade virtual. Não iremos nos alongar

⁵ Tradução do autor: “Social spaces are beginning to appear that are simultaneously natural, artificial, and constituted by inscription. The boundaries between the social and the natural and between biology and technology are beginning to take on the generous permeability that characterizes communal space in the fourth epoch. The conferencees saw themselves not primarily as readers of bulletin boards or participants in a novel discourse but as agents of a new kind of social experiment. They saw the terminal or personal computer as a tool for social transformation by the ways it refigured social interaction”

na discussão que a autora faz sobre o desenvolvimento desses ambientes em 3D que estavam – e, ainda hoje, mesmo 18 anos depois, ainda estão – em estágio inicial de desenvolvimento e de popularidade, e que fogem ao escopo do presente estudo.

No ciberespaço, o entendimento de espaço é abolido pela falta de dimensões e pela reversibilidade da navegação. Os caminhos podem ser refeitos e revertidos instantaneamente, em tempo real. De certa forma, um resgate da magia presente nas mitologias e nos ritos da antiguidade, perdidos durante a modernidade pela sua racionalidade e materialidade características, têm lugar no ciberespaço, já que ele demonstra-se como espaço potencial de religião, um resgate do mítico, do simbólico e da imaginação. Ele encarna a vontade do homem de criar um espaço em que ele seja senhor de si próprio, com possibilidades ilimitadas de criação, encarnando o mito do paraíso.

Na pós-modernidade, o sentimento é de compressão do espaço e do tempo, onde o tempo real (imediató) e as redes telemáticas, desterritorializam (desespacializam) a cultura, tendo um forte impacto nas estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais. O tempo é, assim, um modo de aniquilar o espaço. (LEMOS, 2002, p. 72)

Lemos (2002), em sintonia com outros pensadores como *Nicholas Negroponte*, afirma que o ciberespaço é um rito de passagem, uma transição entre a era industrial, do átomo e da máquina, e a era pós-industrial, dos bits e da informática. Ele é uma passagem para um novo mundo simbólico, um abandono do individualismo e do analógico em direção à retribalização e ao digital; e a tela do computador é o seu portal.

O ato de “se conectar” é o rito de iniciação ao ciberespaço, porém, cada vez mais esse ato está diluído em todas as ações do cotidiano, e a fronteira entre o conectado e o não conectado se torna mais rarefeita, já que somos mais e mais absorvidos por esse novo espaço. Enquanto há alguns anos somente o computador era o portal de entrada para o ciberespaço, assistimos à proliferação dos dispositivos informáticos conectados à rede. As novas gerações já são filhas do ciberespaço, ou *web native*, para usar o jargão publicitário, e esse rito de iniciação já não pode ser facilmente identificado. O indivíduo já nasce imerso em um ambiente repleto de conexões por toda parte e já não percebe claramente as fronteiras entre conectado ou não conectado, aprendendo a navegar nesse espaço inicialmente por comportamento mimético, ultrapassando a barreira inicial da estranheza e do distanciamento, como foi comum às gerações passadas. Para ele, a interface do computador é algo muito familiar, o mouse é uma extensão do corpo talvez até mais familiar que a caneta.

A velocidade da transformação aumenta vertiginosamente, pois o conhecimento é

usado para colocar em movimento um ciclo de retroalimentação, em que cada vez mais a informação é usada em favor da inovação. Como sugere Castells (CASTELLS, 2002, p. 73), partindo-se de uma análise histórica dos avanços tecnológicos, a proximidade entre os locais de inovação, produção e utilização destes avanços parece favorecer a velocidade de seu desenvolvimento e popularização. Dessa maneira, o ciberespaço seria o local ideal para a aceleração dos desenvolvimentos técnicos, já que agrupa os meios de produção e de utilização destes desenvolvimentos. O ciclo de retroalimentação entre a introdução de uma nova tecnologia, seus usos e seus desenvolvimentos em novos domínios torna-se muito mais rápido no novo paradigma tecnológico. Conseqüentemente, a difusão da tecnologia amplifica seu poder de forma infinita, à medida que os usuários apropriam-se dela e a redefinem. (CASTELLS, 2002, p. 69)

Na sociedade da informação, todas as mensagens passam a ser entendidas como dados, sejam elas privadas ou públicas, verbais ou visuais, portanto, todas são passíveis de digitalização. “Atualiza-se, com o ciberespaço, o grande sonho enciclopédico de, em um único *media*, armazenar todo o conhecimento da humanidade, disponível a todos”. (LEMOS, 2002, p. 76) A tecnologia digital não apenas reproduz as mensagens, como era a única possibilidade nas mídias clássicas, mas possibilita a sua recriação, modificação e colagem, devido ao controle das estruturas. Esta possibilidade rompe com o modo de concepção da informação, transforma seu modo de difusão e põe em discussão instituições que foram erguidas durante a modernidade, como a autoria. O acesso e a interferência na informação acabam por se difundir juntamente com o desenvolvimento da micro-informática e por engendrar a transição “do reino do especialista, figura típica e marcante da modernidade, ao reino do amador, tipicamente pós-moderno”. (LEMOS, 2002, p. 115) A penetração das máquinas informacionais no cotidiano acabou por transformar a relação do homem com o conhecimento, do mesmo modo que o desenvolvimento dos meios de transporte, dos dispositivos de armazenamento de som, imagens e da imprensa. Portanto, era de se esperar que as novas pesquisas se baseassem na tradutibilidade dos resultados ao meio informacional (LYOTARD, 1988)

[...] as sociedades serão informacionais, não porque se encaixem em um modelo específico de estrutura social, mas porque organizam seu sistema produtivo em torno de princípios de maximização da produtividade baseada em conhecimentos, por intermédio do desenvolvimento e da difusão de tecnologias da informação [...] (CASTELLS, 2002, p. 268)

Ocorre então um deslocamento do privilégio da posse para o privilégio ao acesso e da intervenção na informação, tendo poder quem tem capacidade de acessar e intervir nas

informações. Assim como o advento da escrita e da impressão engendraram uma estratificação do poder entre os letrados e os iletrados, o ciberespaço, à medida que tem sua importância aumentada, cria uma separação entre os conectados e os não-conectados. Dados, diferente dos meios materiais, são replicáveis indefinidamente sem perda de conteúdo ou qualidade, portanto, o mais importante na sociedade da informação é o acesso aos conteúdos e nele que estará o foco da luta de classes. Muito já foi falado sobre a democratização fruto das novas tecnologias, porém, muitas vezes parece passar ao largo destas discussões o fato de o acesso ser o novo espaço da luta de classes. Levy fala na nova ágora virtual (1998), onde se caminha em direção à participação de um número cada vez maior de indivíduos, à construção de um conhecimento coletivo, ao estabelecimento de relações edificantes, porém, parece não dar a devida atenção ao fato de que, mesmo abrindo possibilidades democratizantes, o ciberespaço, por ascender em meio ao sistema capitalista de produção, não pode ser destituído das características de controle e de totalização ligadas a este sistema. Cada vez mais são desenvolvidos meios de averiguação e de mapeamento das interações no ciberespaço, como meio de abrir um canal de resposta e de coleta de informações, que podem servir tanto para o aprimoramento do sistema quanto para o monitoramento e controle dos indivíduos no ambiente ciberespacial. Portanto, seria pertinente questionar, quem são esses todos? Levando em consideração que os desdobramentos técnicos nascem dentro de uma lógica de produção capitalista, a quem eles servem? São realmente desprovidos de interesse mercadológico? Ou operam muito mais no sentido de uma democratização potencial do que real?

Apesar de entrarmos em um novo paradigma, em que buscamos cada vez menos fontes de energia e de produção baratas e mais meios de produção, categorização e indexação da informação, “a lucratividade e a competitividade são os verdadeiros determinantes da inovação tecnológica e do crescimento da produtividade.” (CASTELLS, 2002, p. 136). Ao contrário do que acontecia anteriormente, situação em que a informação e a ciência já eram fundamentais, porém ainda apontavam seus esforços em direção à geração de produtos externos a elas, cada vez mais a informação é utilizada na geração de mais informação. Porém,

Longe de estar emergindo como um reino de algum modo inocente, o ciberespaço e suas experiências virtuais vêm sendo produzidos pelo capitalismo contemporâneo e estão necessariamente impregnados das formas culturais e paradigmas que são próprias do capitalismo global (SANTAELLA, 2003, p. 75)

Como demonstra Thompson, a difusão das telecomunicações esteve a cargo dos

grandes conglomerados de mídia. Estes conglomerados estavam estreitamente ligados com o desenvolvimento do comércio de notícias, principalmente na Europa, ainda durante o séc. XVII, que se aprofundou durante o séc. XIX, com o aumento de jornais que focavam agora não mais uma parcela restrita e instruída da população, mas, sim, direcionaram seus produtos para um público cada vez maior. A concentração dos veículos de mídia sempre esteve extremamente ligada ao poder político e econômico, e um número pequeno de grupos dominou grande parte da produção de conteúdos na história. Estes grandes conglomerados, formados principalmente na América do Norte, na Europa Ocidental, na Austrália e no Japão (THOMPSON, 2002, p. 144), tendem muito mais a exportar do que a importar conteúdos. Apesar de recentemente sua influência vir sendo diminuída pela criação e dispersão dos meios de produção de conteúdos proporcionados pelo advento das novas tecnologias de comunicação, como a Internet, e da consequente flexibilização do controle que estes grupos podem exercer sobre estes novos meios de comunicação, parece-nos precipitado descartar o grau de influência que o poder econômico e político exercem nas novas mídias. Se existiu uma tendência dos grandes grupos a se apoderarem das novas mídias durante a história comercial da comunicação, como ocorreu com o advento da mídia impressa e, mais recentemente, da televisão, qual seria a impossibilidade de o mesmo fato se repetir com a Internet e o ciberespaço? Não estariam estes países desenvolvidos, e os grandes grupos que a eles pertencem, mais aptos a produzir conteúdos de uma forma muito mais intensa, de ter a capacidade econômica para divulgar estes conteúdos, colonizando estes novos espaços que muitos teóricos tendem a promover como de domínio público e promotor da democracia? Esta é uma questão extremamente complicada, que permanece em aberto e excede o escopo da presente pesquisa, mas tentaremos manter como norte das futuras análises.

Langdon Winner (1998) critica justamente esta postura assumida não só por Levy, como por tantos outros críticos e comentaristas do desenvolvimento tecnológico. O autor utiliza a metáfora de uma revolução prática, como a dos Sandinistas na Nicarágua, para demonstrar a postura acrítica que é corrente ao se conferir o status de revolução ao desenvolvimento da micro-informática e da tele-comunicação. Um comentarista ou estudante da revolução sandinista iria ter como preocupação estudar em profundidade o contexto em que ela estava inserida. Para isso, procuraria saber os objetivos dos revolucionários, os meios que eles se utilizariam para atingir estas metas, tentaria entender a estrutura organizacional que seria instituída, etc, tentando procurar subsídios diversos dentro da sua linha de estudo e dentro de uma metodologia científica, ou correria o risco de desenvolver um estudo tendencioso ou irrelevante do caso. Entretanto, ao propagar a revolução do computador, a revolução da informação, a revolução micro-eletrônica,

frequentemente os comentaristas tecem sua argumentação apenas no nível técnico e de celebração das possibilidades abertas, promovendo uma visão superficial do processo.

Os entusiastas da tecnologia pregam que o desenvolvimento da capacidade computacional e comunicacional levam diretamente a um processo de democratização, abrindo infindáveis quantidades de informação para o acesso de todos, ao mesmo tempo em que estes aparatos tornam-se mais baratos, possibilitando o acesso de todas as classes sociais, e não só a elite, como acontecia na sociedade industrial, a este novo mundo unido e mais humano. Esta troca e o convívio entre as diferentes classes levariam a uma dissolução das fronteiras culturais e da estratificação do poder aprofundadas até então pelo desenvolvimento do capitalismo, quadro em que o poder da informação é de posse de todos, formando uma aldeia global. A este tipo de crença o autor denomina “mitoinformação”, que é a

[...] crença quase religiosa de que a larga adoção de computadores e de sistemas de comunicação, em conjunto com o fácil acesso à informação eletrônica automaticamente produzirá um mundo melhor para os humanos viverem⁶ (WINNER, 1998, p. 232).

Apesar da visão do autor ser bastante pessimista, ela traz à tona várias questões que são deixadas de lado pelos evangelistas da tecnologia. O autor ressalta o fato de que acesso à informação é diferente de educação e de democracia.

3.2 - O Hipertexto

O texto característico da modernidade foi o impresso, ele carregou e estabeleceu a forma de pensar do homem moderno. Com o impresso o texto se separou definitivamente de seu autor e a hermenêutica passou a ser necessária à leitura do mundo.

A materialidade espacial da impressão, a disposição linear das sentenças, a estabilidade das letras no papel, o espaçamento ordenado, sistemático das letras negras sobre o fundo branco permitem ao leitor se distanciar do autor, promovendo uma ideologia do indivíduo crítico que pensa isoladamente das dependências religiosas e políticas. (SANTAELLA, 2003, p. 126)

Com o advento das técnicas ligadas à informática e a popularização do ciberespaço, o texto característico de nossa época passou a ser o hipertexto, termo cunhado por Theodor

⁶ Tradução do autor: “the almost religious conviction that a widespread adoption of computers and communications systems along with easy access to electronic information will automatically produce a better world for human living”.

Nelson (LEVY, 1998, p.29). Porém, assim como o processo de transição da cultura oral para a cultura escrita foi um processo que se alongou durante séculos, e a transformação nas primeiras nações só chegou ao fim por volta de 1700 nos países mais avançados da Europa, o processo de transição da escrita para o hipertexto é um processo em andamento, no qual estamos ainda no meio das transformações, sem podermos estimar com precisão todos os desdobramentos envolvidos nesta mudança. Ainda assim, já podemos identificar um sem número de características reveladoras deste novo tipo de texto. Como comenta Santaella (SANTAELLA, 2003, p. 96), depois do livro, o jornal traz uma mudança no ritmo de leitura, trazendo uma leitura não linear, desconexa, em que o leitor opta por onde deseja começá-la ou terminá-la. Assim, começa a se ensejar o nascimento de uma leitura hipertextual.

Com o hipertexto, a comunicação se descentraliza e assume cada vez mais um caráter fragmentado e fluido, modificando-se com uma velocidade antes impossível. Enquanto a escrita e a impressão vieram a funcionar como meios de estender e de materializar a memória individual e coletiva, guardando e documentando o conhecimento do homem e agindo como um retrato estático do pensamento de uma época, o hipertexto age como uma extensão do conhecimento coletivo, como um documentário interminável e em constante mutação que tem como tema todas os produtos do conhecimento humano. Por ser constantemente reescrito, o hipertexto dilui a noção de historicidade, trazendo de volta a característica de eterno retorno própria da oralidade, embora este retorno seja de outra natureza. Enquanto na oralidade o retorno advinha da impossibilidade da mente humana de guardar o conhecimento de forma estática e perene, no hipertexto ele nasce da busca por incessante atualização. Além disso, enquanto na oralidade, uma vez que um discurso estivesse perdido, jamais poderia ser recuperado, no hipertexto esses discursos podem permanecer como antigas versões do texto, discussões que caíram no ostracismo, comumente passíveis de recuperação.

A primeira ideia sobre o hipertexto foi desenvolvida por *Vannevar Bush*, em 1945, no artigo *As We May Think*⁷. Bush defendeu a ideia que por centenas de anos o homem vinha desenvolvendo técnicas que aumentavam suas capacidades físicas, porém, deixara de lado o desenvolvimento da mente. O microscópio aumentava a capacidade do olho, máquinas aumentavam a força e a produtividade, porém nenhuma máquina viera a desenvolver as capacidades de pensamento do homem moderno. O progresso da ciência em todas as áreas chegou a um ponto em que se tornou impossível para as capacidades cognitivas de um só homem abarcar todas as suas esferas, e então se criou a necessidade da especialização. O

⁷ Disponível em <<http://www.theatlantic.com/doc/194507/bush>> Acessado em 20 mai. 2009

grande homem renascentista, conhecedor de todas as ciências tornou-se uma figura do passado. Entretanto, mesmo para o especialista, a quantidade de informação que vinha sendo produzida acabava por inviabilizar a sua interpretação e sua memorização. Bush já havia percebido o caminho do aumento de capacidade de armazenamento de informações dos dispositivos técnicos, como a fotografia, prevendo que em poucos anos a *Enciclopédia Britannica* caberia em um dispositivo do tamanho de uma caixa de fósforo. Outras duas variáveis que o autor considerava importantíssimas para a máquina que ele estava conceituando eram o custo – a Enciclopédia Britannica compactada deveria custar poucos centavos -, e a possibilidade de envio – enviá-la de um lado a outro do país deveria custar também poucos centavos. Bush enxergava uma necessidade de o autor escrever diretamente sobre o suporte, e que nesse mesmo suporte fosse possível a re-escrita e a correção do que fosse necessário. Ele foi contemporâneo do advento das primeiras calculadoras e dos computadores que utilizavam cartões perfurados, vendo nessas duas técnicas o embrião do desenvolvimento que iria levar a uma máquina dinâmica e versátil, capaz de executar inúmeras tarefas diferentes e simultâneas. Porém, talvez o mais importante ponto desenvolvido pelo autor diga respeito ao modo como a informação estava estocada, o modo como se dava a sua busca e sua indexação. Para Bush, estava claro que os métodos de categorização utilizados até a sua época eram muito distantes do real procedimento que o pensamento utiliza. As ordens alfabética ou numérica eram artificiais, criadas apenas porque não existia um meio técnico mais avançado que permitisse uma categorização mais natural. Ao contrário, a mente humana funciona por associação, pulando de um nó associativo a outro de modo não linear. Os nós não utilizados com frequência vão ficando mais fracos, pois a mente não é estável. Enquanto, para Bush, o desenvolvimento da máquina não conseguiria suplantiar a velocidade associativa da mente humana, ele estenderia muito sua duração e sua capacidade de armazenamento. Os conteúdos do Memex, esta máquina fotomecânica, seriam obtidos prontos, entretanto, junto a estes livros, fotos, sons, viriam comentários e toda a sorte de intervenções. O acesso frequente a determinados conteúdos faria com que eles fossem atribuídos de maior relevância do que aqueles menos acessados, privilegiando-os em buscas futuras.

O Memex é um retrato vívido e extremamente próximo do que veio a se tornar o ciberespaço e o hipertexto. Nele estavam contidas características que formam os principais diferenciais do hipertexto em relação às outras formas de mediação do conhecimento que os precederam, e estas características são as responsáveis pela sua rápida disseminação e sucesso.

Pierre Levy (1993) estabelece seis características fundamentais do hipertexto: ele está constantemente em metamorfose, seus contornos estão sempre sendo redesenhados e renegociados; o hipertexto é intrinsecamente *multi mídias*, seus nós são formados por textos, imagens, sons, vídeos; em relação ao seu desenho, o hipertexto é uma estrutura fractal, cada parte da rede possui semelhanças com o todo, cada pedaço constitui uma micro-rede; ele é descentralizado, não possui um governo central, e sua administração é de responsabilidade do grupo; o hipertexto não está no espaço, ele é o espaço, é através dele que o território virtual é construído e, por último, o ciberespaço, por possuir uma estrutura descentralizada, permite que os vários núcleos naveguem pela rede, sendo virtualmente impossível de atingi-lo de forma irreversível.

O hipertexto logicamente herda características importantes da crescente digitalização da informação, como bem observa Santaella, ao comentar que os “maiores méritos da digitalização estão na compressão de dados e na correção de erros”, pois ela está baseada no fato de que “um sinal contém um grande número de informações inúteis ou redundantes” (SANTAELLA, 2003, p. 83). Esta é uma oposição clara à lógica da impressão, que privilegia a precisão e permanência dos dados. O hipertexto privilegia a correção em relação à precisão, permitindo a verificação da resposta do usuário, seja através de pesquisas ou dos chamados *web analytics*⁸, possibilitando a adaptação dos conteúdos ao longo do tempo. O hipertexto é dinâmico, sem versão final, permitindo uma constante correção e atualização, deixando para trás a rigidez característica do texto impresso que caracterizou, moldou e foi moldada pelo pensamento ocidental durante vários séculos. (LANDOW, 1997, p. 64)

No hipertexto, os conteúdos deixam de atingir seus públicos de maneira simultânea e massificada, para atingi-los de forma assíncrona e individual. Porém, a necessidade de compartilhamento de assuntos não deixa de existir e passa a ser de responsabilidade do indivíduo, já que “o fascínio da televisão tem raízes profundas na necessidade de contato humano, manutenção da identidade e o sentido de pertencer a uma cultura compartilhada”. (SANTAELLA, 2003, p. 133) A informação é tomada por um caráter ubíquo no hipertexto, pois, apesar de tecnicamente ela estar armazenada em um local físico e pontual, determinado no espaço, em um servidor localizado em qualquer parte do mundo, dentro da rede ela está em todos os lugares, ao mesmo tempo. É virtualmente possível acessá-la de qualquer ponto, sem limite de usuários conectados.

A intemporalidade do hipertexto de multimídia é uma característica decisiva

⁸ Ferramentas de métricas, que monitoram todas as ações de usuários ou robôs em um determinado site, gerando relatórios acerca do comportamento dos usuários.

de nossa cultura, modelando as mentes e memórias das crianças educadas no novo contexto cultural. (...) Educação escolar, entretenimento na mídia, noticiários especiais ou publicidade organizam a temporalidade do melhor modo, para que o efeito geral seja um tempo não seqüencial dos produtos culturais disponíveis em todo o domínio da experiência humana. Se as enciclopédias organizaram o conhecimento humano por ordem alfabética, a mídia eletrônica fornece acesso à informação, expressão e percepção de acordo com os impulsos do consumidor ou decisões do produtor. Com isso, toda a ordenação dos eventos significativos perde seu ritmo cronológico interno e fica organizada em seqüências temporais condicionadas ao contexto social de sua utilização. Portanto, é simultaneamente uma cultura do eterno e do efêmero. (CASTELLS, 2002, p. 554)

Apesar do caráter ubíquo, a universalização do hipertexto esbarra em alguns problemas elementares, como a linguagem. Para existir um entendimento e uma interação entre os indivíduos é imprescindível que eles partilhem não só da mesma linguagem, como também do mesmo sistema de referências. Atualmente, os mecanismos automáticos de tradução ainda estão em uma fase extremamente rudimentar, e não substituem as capacidades humanas. Além disso, se estes indivíduos não partilharem do mesmo sistema conceitual, pertencendo a culturas com ideias e valores completamente diferentes, o nível de ruído será muito grande e acabará por atrapalhar a comunicação em um grau profundo.

A operação elementar da atividade interpretativa é a associação; dar sentido a um texto é o mesmo que ligá-lo, conectá-lo a outros textos, e portanto é o mesmo que construir um hipertexto. É sabido que pessoas diferentes irão atribuir sentidos por vezes opostos a uma mensagem idêntica. Isto porque, se por um lado o texto é o mesmo para cada um, por outro o hipertexto pode diferir completamente. (LEVY, 1993, p. 72)

A abertura de um canal de resposta é uma característica fundamental das novas tecnologias e da comunicação mediada por computador. Desde o advento da escrita até o império da mídia de massa, o fluxo de informação se dava de maneira bastante unidirecional, monológica. Claro que já existiam meios de influência (poder de escolha, influência mercadológica, etc) e de resposta por parte dos leitores para os veículos (cartas, telefonemas, protestos, etc), mas esse canal era diferente e distante do meio principal, tornando o fluxo extremamente assimétrico.

Por isso os receptores das mensagens da mídia não são parceiros de um processo estruturado de transmissão simbólica. Daí o motivo por que geralmente falarei de 'transmissão' ou 'difusão' das mensagens da mídia, mais do que 'comunicação' como tal. (THOMPSON, 2002, p. 31)

Castells (2002, p. 457) estabelece quatro características fundamentais da comunicação mediada por computador. Primeiro, a crescente segmentação tanto de

conteúdo quanto de acesso. Não só são produzidos conteúdos mais específicos, como também o usuário seleciona o que deseja assistir de maneira a cada vez mais encaixar em seus interesses. Segundo, esta segmentação gera uma estratificação social entre os usuários, em que a posição social e cultural é determinante para a forma de ação dentro do hipertexto. O autor faz uma distinção entre dois comportamentos fundamentais: o do interagente e o do receptor. Enquanto o primeiro age diretamente sobre a produção e a seleção de conteúdos, o segundo receberia conteúdos determinados e rotas a serem seguidas. Em terceiro, o desenvolvimento de uma linguagem particular ao hipertexto, que perpassa todos os conteúdos, sejam textuais ou audiovisuais, criando um “padrão cognitivo comum” (2002, p. 458). Podemos perceber este fato na troca de linguagens e “cacoetes” entre os diferentes conteúdos, por exemplo, em programas educacionais que resguardam semelhanças com videogames ou noticiários construídos como espetáculos (2002, p. 458). Em quarto, sua abrangência, já que o hipertexto é permeado por todas esferas da cultura, desde a mais popular até a mais erudita.

Alex Primo (2003) rejeita os termos *usuário* e *receptor* em favor do conceito de *interagente* para denominar o papel do indivíduo na interação mediada por computador. Para o autor, usuário deriva de uma relação entre cliente e empresa, relação diferente da característica no hipertexto, que é a relação entre pares. Usuário seria aquele indivíduo que escolhe dentro das opções que lhe foram previamente determinadas, dentro de um universo exaurível e repleto de conteúdos repetidos, e que estabelece uma relação com o computador, e não com outros indivíduos. O conceito de usuário é reflexo de uma visão tecnicista da interação mediada por computador, a mesma que identifica o crescimento da interatividade com o crescimento do potencial de armazenamento e processamento dos computadores, focando na velocidade das conexões, na capacidade de transmissão de conteúdos multimídia, como sinais diretos e fins últimos da interação, e não observando o caráter e o potencial comunicacional dessas novas tecnologias. Assim, pela visão tecnicista, um site que oferece mais possibilidades de escolha é um site mais interativo, mesmo que todos estes comportamentos já estejam pré-determinados, e, dessa maneira, o papel do usuário seja um papel de coadjuvante. (PRIMO, 2003, p. 128)

Primo faz a distinção de três tipos fundamentais de hipertexto: *potencial*, *colagem* e *cooperativo* (PRIMO, 2003, p. 132). Este hipertexto em que todas as relações estão dadas, a qual identificamos com o uso do termo *usuário* é justamente o *hipertexto potencial*. Sua leitura é não linear e transformada a cada acesso, pois os conteúdos são permutáveis entre si, produzindo um vasto número de narrativas possíveis, porém, estabelecidas de antemão.

Assim, a figura do autor ainda é extremamente importante, pois cabe a ele determinar e programar a navegação, existindo um nível baixo de engajamento por parte do interagente, pelo fato de que, durante o processo de interação, apenas quem se modifica é o leitor. Levando em consideração o hipertexto como um todo, podemos ressaltar que, com o acesso, não só o leitor se modifica, mas também todo o ambiente hipertextual, já que acessos e links direcionados a páginas contam como critérios de valorização em mecanismos de busca.

Esta categoria coincide com a interação quase-mediada de Thompson, que mencionamos anteriormente, no sentido de seu caráter de comunicação ainda bastante monológico e da separação de contexto entre a produção e a recepção dos conteúdos. Dessa forma, está a cargo do produtor estabelecer os rumos do conteúdo, enquanto cabe ao receptor aceitar o jogo estabelecido, controlando a forma e a intensidade de seu envolvimento. Ainda, devemos considerar a existência simultânea de vários receptores, que, pela limitação da interação, não tomam conhecimento da existência de seus pares. Um incontável número de indivíduos pode estar experienciando o mesmo contexto e estar impossibilitado de entrar em contato entre si, sem possibilidade de troca. Assim, as diferenças entre os diversos interagentes só age no sentido de sua própria recepção, do seu entendimento e de sua experiência, não contribuindo para o diálogo. Neste sentido, entendemos que o termo usuário ainda estabelece estreita relação com as práticas no hipertexto potencial.

Os produtores olham os receptores não como parceiros co-presentes num diálogo, mas como espectadores anônimos a quem eles devem agradar, persuadir, entreter, informar, cuja atenção eles podem ganhar ou perder e cuja audiência é a condição *sine qua non* da existência de suas atividades. (THOMPSON, 2002, p. 92)

Já no próximo nível, o *hipertexto colagem*, cabe ao interagente a produção de conteúdos e a criação de novos nós, dando origem a uma criação coletiva, porém sem debate, em que o leitor e o escritor compartilham o mesmo ambiente. A partir deste nível de interação, tanto leitor quanto o projeto se modificam ao longo do processo de interação. Entretanto, em projetos que se identificam com o hipertexto colagem ainda se faz necessária a existência de um grupo administrador, responsável pela moderação do processo. A qualidade final deste texto coletivo vai estar profundamente dependente da qualidade do grupo, e existe uma possibilidade de uma oscilação importante no estilo e na qualidade da colaboração, além da possibilidade de um interagente efetuar uma mudança ou participação indesejada pelo grupo.

O *hipertexto cooperativo* caracteriza-se pela colaboração entre os interagentes na

produção de conteúdo e por permitir meios para a discussão sobre o que está sendo feito, abrindo possibilidades de intervenção em um nível muito mais profundo e pulverizando a responsabilidade pela criação e administração dos conteúdos. Enquanto a qualidade pode oscilar muito no hipertexto colagem, o hipertexto cooperativo permite uma constante reavaliação dos caminhos tomados.

Estes graus de interação estão dispersos entre os incontáveis sites e projetos existentes na Internet, e mesmo dentro de apenas um sistema podem coexistir estes três tipos de hipertexto, dependendo do grau de engajamento do interagente. A Wikipédia é um claro exemplo disso, enquanto um leitor apenas acessa buscando por um conteúdo, outro pode executar somente uma colaboração descompromissada, publicando um excerto dentro de um determinado verbete, enquanto existem os editores que participam de extensas discussões acerca dos seus rumos e até mesmo do projeto como um todo. Por outro lado, os grandes portais de conteúdo, normalmente mantidos por grandes corporações, são em grande parte hipertextos potenciais, pois limitam muito o canal de colaboração do leitor, preservando características da mídia de massa.

Para Primo e Raquel Recuero, estes três tipos de hipertexto estão ligados às gerações, considerando “principalmente o suporte tecnológico para a escrita hipertextual, levando em conta não apenas as formas multidirecionais de leitura, mas também, e sobretudo a abertura dos documentos à intervenção dos participantes do sistema.” (PRIMO; RECUERO, 2006, p. 84) e, portanto, quanto mais recente é um sistema hipertextual, mas ele deveria estar aberto à participação.

O hipertexto é ontologicamente multimídia, já que, com o processo de digitalização tudo pode vir a ser transposto para o meio informático. Diferente do que aconteceu na transição da oralidade para a escrita, e do manuscrito para o impresso, onde praticamente só o texto foi transportado para os novos meios, a informatização tende a absorver igualmente os conteúdos audiovisuais. Ainda assim, assistimos a um quadro em que o texto - tanto por sua facilidade de transposição e armazenamento, quanto por sua forte relação com o surgimento da informática -, ainda é o discurso mais abundante no hipertexto. Esta característica multimídia veio a eliminar uma separação que foi justamente intensificada com a popularização da escrita e da impressão durante a modernidade. A revalorização do audiovisual é um processo que vem ganhando velocidade desde o séc. XX, através da penetração do rádio e da TV na vida cotidiana.

Para George Landow (1997), o texto em um ambiente hipertextual instaura um

problema em relação ao próprio termo: o que é o texto exatamente? Como demonstra Landow, ao traduzirmos um texto qualquer para o hipertexto, ele já não possui o mesmo tipo de textualidade. Desta maneira, adicionar a uma passagem do texto um *link* para outra passagem no próprio texto, ou fora dele, faz com que o texto deixe de ser uma unidade concisa, com início e fim, e passe a fazer parte de um universo maior. Além disso, possibilita a trama de uma quantidade muito maior de conteúdos não-verbais do que a possibilitada no texto impresso, já que o hipertexto “conecta passagens de texto verbal e imagens com a mesma facilidade que duas ou mais passagens verbais, o hipertexto inclui também uma hipermedia”⁹ (LANDOW, 1997, p. 59). Apesar disso, afirma o autor, ainda sofremos de uma hierarquização própria do meio impresso, creditando frequentemente ao texto verbal um status superior aos outros textos.

O autor perde certa autonomia sobre o texto no hipertexto, principalmente em suas extremidades, enquanto as passagens do texto se fragmentam e se atomizam, ganhando autonomia em relação ao todo, quebrando com a linearidade. É importante perceber que esta quebra da linearidade é umas das principais mudanças hipertextuais, já que a linearidade é uma noção que foi formada durante milênios, e que chegou ao seu auge com o texto impresso, de modo que a entendemos como algo natural, e não como uma construção. Landow defende que, muito menos que não possuir nenhum tipo de linearidade, o hipertexto possui múltiplas-linearidades, oferecendo inúmeros começos e fins dentro de um processo de construção de sentido. A noção de completude, de um todo isolado e identificável se perde no momento em que as fronteiras do texto tornam-se rarefeitas, tornando a tarefa de identificar o que pertence ou não a uma obra muito difícil pois já não existe o sujeito e o outro, mas sim uma trama complexa de conexões. Assim, o leitor pode pular entre passagens de um mesmo texto e, com a mesma velocidade e facilidade, pular entre passagens de vários textos. Desta maneira, o hipertexto destrói com outro princípio caro ao livro e ao texto durante a modernidade, que foi a sua tendência a exalar um certo grau de univocidade, de possibilidade de uma leitura única e de uma única interpretação acertada, que já vinha sofrendo abalos em vários fronts, como na prosa de James Joyce, ou na escrita automática e fragmentada dos surrealistas. A autoridade de um texto impresso em um livro não pode ser desfeita, ele está ali, estanque e perene, e, mesmo que seja completamente refutado por qualquer argumento, permanecerá ali. Em compensação, no hipertexto, um texto está ligado a inúmeros outros, a resenhas, a críticas, inserindo este texto em um *diálogo complexo*, do qual não pode ser dissociado.

⁹ Tradução do autor: “hypertext systems link passages of verbal text and images as easily as they link two or more verbal passages, hypertext includes hypermedia”

A 'linkagem' no hipertexto situa o presente texto no centro de um universo textual, criando assim um novo tipo de hierarquia, na qual o poder do centro domina aquele da periferia interminável. Porém, já que no hipertexto o centro é sempre transitório, um centro virtual – criado, em outras palavras, apenas pelo ato de leitura daquele texto em particular – ele nunca tiraniza outros aspectos da rede do mesmo modo que o texto impresso faz. ¹⁰ (LANDOW, 1997, p. 85)

Landow (1997, p. 41) comenta a concepção já referida aqui anteriormente de Deleuze e Guattari acerca do rizoma, que pode ser iluminada em uma relação com o hipertexto. Deleuze e Guattari defendem em seu livro *Mil Platôs* (LANDOW, 1997, p. 41) o rizoma como uma “anti-memória”. Os autores se referem à anti-memória em relação ao caráter provisório e em constante mutação inerente ao rizoma, característica que pode ser facilmente estendida ao hipertexto. A anti-memória opera no sentido do estabelecimento de um nó do hipertexto como o centro evanescente do movimento do leitor no hiperespaço. O rizoma não tem início nem fim, mas sempre tem um meio, tendo entradas e saídas múltiplas.

Landow também discute a adaptação necessária dos conceitos originalmente utilizados para interpretar as atividades relacionadas com a impressão, e que, utilizamos para descrever as atividades relacionadas ao hipertexto. O ato de ler e de escrever, além do próprio conceito de texto, precisam passar por uma atualização radical; do contrário, perderemos de vista o real significado que estes têm em um mundo cada vez mais hipertextual. O leitor do hipertexto é um leitor ativo, mais ou menos envolvido no processo de associação e de escolha dos caminhos que lhe interessam, adicionando *links* e novos textos ao texto original. Uma das soluções comentadas por ele é a denominação autor-escritor.

Outro ponto extremamente importante ressaltado por Landow é a mudança na relação com o texto ao longo da história. O autor cita como exemplo nossa relação com os textos de Platão. Atualmente, estamos habituados com as edições padrão dos seus textos e não refletimos sobre as mudanças que este texto sofreu durante o seu processo de popularização. Primeiro, as barreiras comuns de linguagem, levando em consideração que há 150 anos atrás ou mais não existiam traduções de seus textos para muitas línguas, obrigando o leitor a ter conhecimento da língua dos originais. Além disso, se o leitor tivesse acesso ao manuscrito original ele encararia a oportunidade como rara e privilegiada, diferente do que acontece com uma versão impressa e popular das obras de Platão. Como demonstra Landow,

¹⁰ Tradução do autor: Hypertext linking situates the present text at the center of the textua universe, thus creating a new kind of hierarchy, in which the power of the center dominates that of the infinite periphery. But because in hypertext that center is always a transient, decenterable virtual center – one created, in other words, only by one's act of reading that particular text – it never tyrannizes other aspects of the network in the way a printed text does.

as edições modernas dessas obras combinam multiplicidade e unicidade de uma forma diferente do que ocorria nos manuscritos pré-técnicas de impressão. Uma edição moderna pressupõe a existência de um texto original único, completo, com a intenção de multiplicá-lo em um sem número de cópias idênticas, ao contrário dos textos antigos e medievais, que pressupunham um texto único que materializava inúmeras versões potenciais. Neste sentido,

A capacidade do hipertexto de linkar todas versões ou variações de um texto particular podem oferecer um meio de, de certa forma, re-estabelecer o equilíbrio entre unicidade e variação dos textos pré-impressão (...) [e o] hipertexto oferece a possibilidade de apresentar o texto como um campo disperso de variações, e não como uma entidade falsamente unitária.¹¹ (LANDOW, 1997, p. 68)

Não só a velocidade de atualização e produção dos textos é modificada no hipertexto, mas também a velocidade do consumo.

Vivemos numa era das memórias externas. A erudição aos poucos cede lugar de pré-requisito para a especialidade a algo do tipo “erudição em potencial”: a capacidade de se orientar, de improviso e quando a ocasião exige, com informações que foram registradas externamente. (DRAAISMA, 2005, p. 70)

Na Wikipedia, o maior exemplo de escrita coletiva que temos, o conhecimento enciclopédico acaba por tornar-se quase que inteiramente operacional, no sentido de que sua duração é praticamente igual ao seu tempo de utilização, e de que é destinada ao uso, e não à leitura, no sentido clássico da palavra. Este é o ritmo acelerado. Os verbetes são consultados, e não lidos, já que estamos cada vez mais imersos no ciberespaço, cada vez mais conectados em todos os momentos através de computadores e dispositivos móveis. Desta maneira, estes dispositivos acabam tornando-se próteses, meios de ampliar nossas capacidades intelectuais. A cada vez que a informação se torna novamente necessária, é feito um novo acesso. Enquanto artefatos técnicos, podemos entender o livro como ferramenta, enquanto a informática e o ciberespaço podem ser entendidos como próteses, já que, mais e mais, estes absorvem o homem. O livro agiu como um meio de ampliar nossas capacidades intelectuais, mas sempre foi externo, distante do corpo, um objeto estranho, por isso, uma ferramenta. Ao contrário, a informática, desde a sua popularização, miniaturização e desenvolvimento de sua portabilidade, transforma-se em algo invisível, próximo do corpo, parte indissociável de nosso cotidiano.

¹¹ Tradução do autor: The capacity of hypertext to link all versions or variants of a particular text might offer a means of somewhat redressing the balance between uniqueness and variations in preprint texts. (...) hypertext offers the possibility of presenting a text as a dispersed field of variants and not as a falsely unitary entity.

Os sistemas cognitivos humanos podem então transferir ao computador a tarefa de construir e de manter em dia representações que eles antes deviam elaborar com os fracos recursos de sua memória de trabalho, ou aqueles, rudimentares e estáticos, do lápis e papel. (LEVY, 1993, p. 40)

Assim como várias das características do texto impresso permearam a cultura e se desdobraram em formas de pensamento que ultrapassaram o âmbito da impressão, entrando em um processo dialético de transformação do modo como o homem entendia o mundo, o hipertexto é o novo agente deste processo. Assim, as novas publicações, a maneira com que os indivíduos leem e fruem estes novos textos, têm de se modificar. Nada mais natural que surjam versões hipertextuais das publicações impressas, podendo ser, em maior ou menor grau, adequadas ao contexto hipertextual, podendo gerar desde versões digitais de textos impressos até hipertextos avançados.

No princípio, as transposições de textos impressos para o suporte digital se aproximavam muito mais de meras digitalizações do que de hipertextos complexos, agregando comentários e conteúdos secundários ao texto principal. As primeiras enciclopédias digitais são um exemplo disso. Foram criadas em vários tipos de mídia física, dentre as quais a mais utilizada foi o CD. As características que diferenciavam estas enciclopédias digitais das enciclopédias impressas eram, principalmente, a inserção de conteúdos de apoio - como vídeos e áudios - e as novas ferramentas de indexação e busca. Entretanto, o conteúdo era estático, estava determinado desde o fechamento da edição e não permitia atualizações, a exemplo das enciclopédias impressas. Se fôssemos desenhar um gráfico ilustrando sua estrutura, obteríamos um diagrama axial, com um eixo mestre ligado à vários conteúdos secundários. Portanto, não estariam de acordo com o modelo rizomático do hipertexto.

Ao contrário, podemos observar um desenvolvimento desse modelo em direção a hipertextos mais completos em dois projetos ilustrativos: a Wikipédia e o Google Knol. Para prosseguirmos na análise e entendermos o fenômeno das novas enciclopédias, precisamos compreender ainda como a produção e o consumo do conteúdo são re-significados no hipertexto através da escrita coletiva.

4 - CONVERGÊNCIA E RECONFIGURAÇÃO: AUTOR, LEITOR E DISCURSO

Muito da inquietude em relação às transformações que observamos com a popularização da informática se devem ao fato de o hipertexto engendrar uma ruptura em três aspectos fundamentais do discurso: na técnica, na relação com o texto e na sua produção.

Todo desdobramento técnico está inserido neste quadro de transformações, como aconteceu no caso do livro e como vem acontecendo no caso do hipertexto, com a mudança acontecendo na esfera da relação do homem com a informação. Historicamente, estas reestruturações trazem consigo a estranheza, o medo e a relutância, como foi com o estabelecimento do livro como técnica dominante, quando emergiu também o medo da perda de autoridade por parte dos instrutores e dos detentores do conhecimento, pois, a partir daquele momento, os estudantes poderiam se instruir de maneira autônoma, diminuindo a importância da figura do professor. Entretanto, com o passar do tempo, ficou clara a utilidade do livro e a importância da existência de mestres, responsáveis pela tarefa de mediar o aprendizado dos alunos, iluminando e facilitando os caminhos durante este processo. Do mesmo modo, o hipertexto traz consigo questionamentos acerca da validade da produção coletiva e acerca da dissolução do poder relacionado à autoria, dando vazão à dita produção dos amadores em detrimento da produção dos ilustres autorizados e eruditos.

O fato é que o hipertexto já existe como ideia há mais de meio século e seu desenvolvimento técnico já se iniciou há algumas décadas, porém, mesmo com sua popularidade crescendo rapidamente nos últimos anos, ainda é incipiente como modelo de textualidade. Passamos atualmente por um momento de revisão das estruturas que, desde a popularização da impressão, foram inquestionáveis e, por esse motivo, encaramos com tanta estranheza iniciativas como as enciclopédias colaborativas. O importante é entendermos em que sentido a informática, o ciberespaço e o hipertexto podem ser aplicados nesse novo paradigma da relação homem-informação, em que sentido eles colaboram e onde podem estar localizados os novos problemas surgidos com estes desdobramentos técnicos.

Com o passar do tempo, as mudanças deverão ser incorporadas no senso comum até se tornarem parte indissociável do cotidiano, da mesma forma que hoje encaramos o livro e a escrita como se houvessem sido sempre parte da história do homem, e não como técnicas desenvolvidas ao longo do processo histórico. Poderíamos sugerir, seguindo a tendência de encurtamento dos períodos de transição entre uma tecnologia intelectual e outra, em que

levamos milênios para nos tornarmos sociedades embasadas na escrita e séculos para nos tornarmos sociedades embasadas na impressão, que o estabelecimento do primado do hipertexto deverá ser extremamente rápido.

Neste sentido, autores como Pierre Levy (1993) identificam os novos desdobramentos das *tecnologias da inteligência* - como denomina o autor -, em um sentido benéfico e engrandecedor, enquanto autores como Andrew Keen (2009) interpretam estas inovações técnicas como danosas para o homem e para a cultura. Em uma linha de análise mais técnica e mais crítica, George Landow (1997) traça importantes questionamentos que serão fundamentais na análise do presente *corpus*.

Como Roger Chartier (2002, p. 112), pensamos ser de extrema importância buscar entender como o hipertexto passará a produzir leitores, ainda que assistimos hoje - e provavelmente assistiremos por muito tempo -, a convivência entre três tipos de texto: o manuscrito, o impresso e o digital, com cada um deles ainda mantendo a sua função e utilidade. Além disso, não podemos atribuir maior importância e penetração à digitalização do texto do que ele possui na atualidade, já que

[...] a longa história da leitura mostra com firmeza que as mutações na ordem das práticas são geralmente mais lentas do que as revoluções das técnicas e sempre em defasagem em relação a elas. (CHARTIER, 2002, p. 112)

Parece-nos, que a atualização do suporte da escrita vem, desde a Antiguidade, a atender a necessidade de lidar com o acúmulo do conhecimento humano. Assim, a introdução da separação entre as palavras na Alta Idade Média (CHARTIER, 2003, p. 34) permitiu não só a leitura silenciosa, mas também aumentou a velocidade e a capacidade de ler textos mais complexos e dissociou o texto da declamação e da escuta. Na segunda metade do séc. XVIII acontece uma outra transformação: a passagem da leitura intensiva de um número restrito de obras (CHARTIER, 2003, p. 36), que identificamos como um tipo de leitura *vertical*, em profundidade, dando ênfase à interpretação, para a leitura *horizontal*, constituída por um número muito maior de obras, porém, de modo muito mais superficial. A generalização sempre é problemática, e não queremos aqui argumentar no sentido da extinção da leitura intensiva, que, assim como Chartier demonstra (2003, p. 37), teve em algumas obras no séc. XVIII, como os romances, os seus maiores promotores. Ainda assim, nesse quadro de ascensão da leitura horizontal, podemos observar uma tendência que veio se agravando desde o séc. XVIII, devido à popularização e ao aumento da produção e da busca por textos. Com a popularização do hipertexto e o aumento da velocidade de consumo, a

leitura no meio digital vem agravando a característica de consulta aos textos, identificando ainda mais o seu tempo de duração ao seu tempo de uso, o que já nos referimos anteriormente como o *caráter operacional do conhecimento* (p. 12), promovendo um tipo de leitura ainda mais caracterizadamente horizontal.

É importante notar como as preocupações são cíclicas e comuns nos momentos de transição, como mostra Chartier,

Em relação à cultura escrita, dois problemas inquietaram os homens e as mulheres da primeira modernidade, entre o final do século XV e o início do século XIX: o receio da perda e o medo do excesso. (CHARTIER, 2002, p. 75)

Durante a ascensão do impresso como técnica predominante, existiu uma preocupação muito forte em relação à conservação dos textos antigos, traduzindo-os para este novo suporte, erigindo bibliotecas e museus. Em contrapartida, a proliferação do livro trazia à tona uma preocupação com o excesso da produção de conteúdo e das dificuldades inerentes a ele, como o aumento de produções de baixa qualidade, a dificuldade de encontrar os textos, a banalização do livro, etc. Da mesma forma, estas duas preocupações aparecem hoje. Com duas diferenças cruciais: primeiro, a digitalização não se limita somente a documentos e livros, mas também atinge gravações audiovisuais analógicas, sendo uma iniciativa cada vez mais frequente.

Todos os textos, sejam eles de qualquer gênero, são lidos em um mesmo suporte (a tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente as que são decididas pelo leitor). Cria-se assim uma continuidade que não mais diferencia os diversos discursos a partir da própria materialidade. (CHARTIER, 2002, p. 23)

Em segundo lugar, a preocupação com a perda não se relaciona apenas com a transposição dos textos para o meio digital, mas está ligada também à perda dos conteúdos dentro do próprio hipertexto. A constante re-escritura e a fluidez característica do meio hipertextual estabelecem o eterno retorno e, assim, a perspectiva história do texto pode se perder.

Igualmente, a preocupação com o excesso transparece na questão de como navegar, distinguir e encontrar aquilo que se busca, ensejando uma discussão intensa entre teóricos e práticos ligados à cibercultura sobre como contornar estes problemas.

Ao mesmo tempo, assistimos à volta do afrouxamento em relação à autoria que vigorava durante a Idade Média e o período dos manuscritos, preservados através do tempo

pelos copistas. Este, figura em muito encarregada da transição entre a cultura oral e a cultura escrita, foi substituído posteriormente pelos editor, pelo impressor e por toda a máquina ligada à impressão. Hoje, qualquer de um nós que esteja conectado e estabelecendo a colaboração dentro da rede é responsável pela transição do impresso para o digital. Além do medo e das incertezas inerentes aos períodos de transição, ainda mantemos no hipertexto muitas características próprias da impressão e, principalmente, tentamos sem sucesso entender este novo fenômeno usando de categorias e conceitos aplicados ao estudo do livro e do impresso.

4.1 - Reconfigurando o leitor-autor

Como já mencionamos, mudanças na textualidade provocam mudanças na autoria e na função do autor, e a mudança em que o hipertexto está inserido trás uma profunda transformação no leitor.

[...] o tipo de pensamento associado com a tecnologia da impressão frequentemente nos força a pensar de modos particulares que requerem limitação, descontextualização e atenuação intelectual, ou até o completo empobrecimento. (...) A linearidade da impressão também provém o texto de um centro ilusório, cuja força é intensificada pela sua seleção.¹² (LANDOW, 1997, p. 98)

Esta quebra com a linearidade obriga uma reconfiguração do leitor, pois “a revolução da textualidade digital constitui também uma mudança epistemológica que transforma as modalidades de construção e crédito dos discursos do saber.” (CHARTIER, 2002, p. 25). Como já mencionamos anteriormente, no hipertexto o leitor é atribuído de uma função ativa e de co-autoria. Além disso, o autor passa a se inserir em um ambiente de colaboração.

A flexibilidade característica desta tecnologia da informação centrada no leitor significa, de modo bastante simples, que os autores têm uma presença muito mais forte no sistema, como potenciais contribuintes e colaboradores, mas também como leitores que escolhem os seus próprios caminhos através dos materiais.¹³ (LANDOW, 1997, p. 104)

¹² Tradução do autor: (...) the linear habits of thought associated with print technology often force us to think in particular ways that require narrowness, decontextualization, and intellectual attenuation, if not downright impoverishment. (...) The linearity of print also provides the passage with an illusory center, whose force is intensified by such selection.

¹³ Tradução do autor: The characteristic flexibility of this reader-centered information technology means, quite simply, that writers have a much greater presence in the system, as potential contributors and collaborative participants but also as readers who choose their own paths through the materials.

Para Chartier, a morte da leitura, que vêm sendo decretada desde a segunda metade do século XX, mantém uma relação muito próxima com a “terceira revolução do livro” (CHARTIER, 2002, p. 106). A primeira revolução seria a transição dos rolos de papel - comuns entre os gregos e os romanos -, pelo *códex*, que é a forma como conhecemos o livro hoje, encadernado e composto por páginas. O *códex* já havia trazido mudanças profundas à leitura, abrindo a possibilidade da consulta e da indexação. Esta transição teria se dado entre os séculos II e III e se estabeleceu em uma estreita relação com o cristianismo (CHARTIER, 2003, p. 39), possibilitando o barateamento da produção através da utilização dos dois lados do suporte e da diminuição de margens e corpo do texto, facilitando o manuseio e compilando um número maior de textos, devido ao seu formato. Além disso, os rolos demandavam as duas mãos para ser lidos, impossibilitando a escrita durante a leitura e ressaltando a necessidade da leitura em voz alta. Com o *códex*, a anotação, a alternância entre páginas e mesmo entre diferentes livros foi facilitada (CHARTIER, 2003, p. 41).

A segunda revolução foi o advento da impressão e a popularização do livro e atingiu principalmente o meio de produção e, em menor grau, a relação com o texto. Diferente da passagem do rolo para o *códex*, a impressão ainda manteve muita relação com o manuscrito, em sua forma, seus recursos e em seu modo de produção. Ao contrário, a terceira revolução, que vem acontecendo com a popularização da informática e do hipertexto, atinge simultaneamente a técnica, o suporte e as práticas de leitura e produção (CHARTIER, 2002, p. 113). Ao contrário do livro, que permitia anotações nas margens, nos espaços em branco, “quase clandestinamente” (CHARTIER, 2003, p. 42), e de modo que estas anotações permaneciam restritas àquele exemplar, no hipertexto as anotações e intervenções são levadas para o núcleo do texto, podendo se tornar parte indissociável dele e, devido ao caráter ubíquo dos conteúdos, atingem todos os “exemplares”; assim, *anotação é texto*. De modo ainda mais profundo, não só é ensejada a anotação, mas a recomposição, o recorte, a exclusão, elevando o leitor ao status potencial de co-autor, por isso “(...) a revolução das modalidades de produção e de transmissão dos textos é também uma mutação epistemológica fundamental.” (CHARTIER, 2002, p. 108)

Juntamente com o hipertexto surge a perda da autoridade por parte do autor, não só em relação à linearidade e à delimitação do texto, mas também em relação à atribuição da verdade àquilo que se escreve. Com a tendência e capacidade do digital de absorver todos os conteúdos - em formato de texto ou multimídia -, somada à possibilidade de estabelecer *links* aos textos relacionados, é aberto ao leitor um canal de comprovação sobre o que está sendo dito, já que ele pode consultar pessoalmente os textos ao que o escritor se refere. A

materialidade e a separação entre os diversos tipos de conteúdo (visual, sonoro, textual) se confundem no hipertexto, pois todos estão contidos em um mesmo suporte, o computador, trazendo questionamentos profundos às práticas de classificação, hierarquização e distinção, tão caras à modernidade. Assim, a mistura e a confusão de gêneros tornam-se cada vez mais frequentes e importantes. Ao mesmo tempo que a separação entre os discursos se torna rarefeita, a autonomia do texto em relação a todos outros textos também é diminuída, diferente do que aconteceu durante a era da impressão. E, desta maneira, “ao reduzir a autonomia do texto, o hipertexto reduz a autonomia do autor.”¹⁴ (LANDOW, 1997, p. 91) Passa ao leitor a capacidade de justapor, articular, conectar o que antes eram interpretado como textos isolados, assim “justapor dois textos aparentemente não-conectados e inconectáveis produz o prazer do reconhecimento.”¹⁵ (LANDOW, 1997, p. 172)

Acompanhando este pensamento Michel Maffesoli (1997) identifica uma transição na sociedade e no espaço civilizacional do que ele chama de *potência do patriarcado* para a *potência do matriarcado*. Por patriarcado o autor entende a tradição ocidental calcada na razão, nas identidades sólidas, na classificação e na separação bem distinta entre as diferentes esferas da sociedade, enquanto o matriarcado é “um estado civilizacional mais frouxo, diverso, estilhaçado, mais próximo da vida em suas diversas potencialidades.” (MAFFESOLI, 1997, p. 127) É este tipo de não-separação que passa a tomar conta do cotidiano e da forma com que entendemos o mundo, não deixando também de penetrar as tecnologias da inteligência. Assim, dicotomias criadas pelo pensamento na modernidade passam a se dissolver e cada elemento na sociedade passa a ser imbuído de importância. As particularidades técnicas se relacionam profundamente com o tipo de produção à que dão suporte; assim como o códex determinou em grande parte a forma com que os autores escreveram um texto durante uma era muito extensa da história da humanidade, criando uma escrita linear, separada em capítulos, que conferia às anotações e referências um papel periférico, o hipertexto vem relativizando este tipo de separação.

No mesmo sentido, a “convicção racional” vai dando espaço à “fascinação” e a “contaminação”, que passam a agir de forma quase espontânea, no sentido de que não é comandada por um indivíduo ou organização central, mas que se difunde entre os pares e “não utiliza os canais tradicionalmente definidos pelo racionalismo ocidental” (MAFFESOLI, 1997, p. 143). Vivemos uma era da exaltação ao engajamento, não necessariamente no sentido político do termo, mas muito mais no sentido da ritualização e do mito, da celebração

¹⁴ Tradução do autor: In reducing the autonomy of the text, hypertext reduces the autonomy of the autor.

¹⁵ Tradução do autor: Juxtaposing two apparently unconnected and unconnectable texts produces the pleasure of recognition.

tribal com o intuito de criar uma atividade simbólica comum ao grupo, no sentido da colaboração.

Se aceitamos a definição de anarquia de Elisée Reclus: “ordem sem Estado”, isto é, ordem sem instâncias superiores controladoras que a determinem *a priori* para assim administrá-la, pode-se ver no qualitativo uma *forma ordenada*, uma ordem interna não menos sólida do que a ordem racional patriarcal. (MAFFESOLI, 1997, p. 128)

Assim, o indivíduo deixa de produzir um texto único e autoritário, isolado, de sua propriedade e desvinculado de relação com tudo o que já foi criado até ali, como se entendia na modernidade, para se inserir em um *diálogo*. O autor deixa de ser dono de si, embora não deixe de ser ator. É a ascensão do que o Maffesoli chama de “aspecto estético da existência comum” (1997, p. 147) - em que a estética representa o caráter intersubjetivo da existência, a exigência da vivência com o outro -, pois passa-se a entender que o indivíduo não cria um discurso exclusivamente de sua propriedade, mas sim “recita um texto escrito por outro” (1997, p. 140), sendo este *outro* o representante de todos aqueles discursos que o precederam. A inclusão do indivíduo em uma história que já vem sendo escrita e o caráter de não-separação entre os textos promovem uma atmosfera, que ressalta

[...] de uma parte, a prioridade do global sobre os diversos elementos componentes e, de outra parte, a impossibilidade de privilegiar qualquer um desses elementos. Pode existir hierarquia entre eles, mas todos permanecem indispensáveis. O global sendo fruto da interação constante, da correspondência ou retroação desses elementos. (MAFFESOLI, 1997, p. 135)

Chartier também nos trás um bom resumo sobre a questão da originalidade e da inserção do autor em um contexto:

O conceito de um ideal texto “original”, visto como uma abstrata entidade lingüística presente atrás das diferentes instâncias de um trabalho, é considerado uma completa ilusão. Assim, editar um trabalho não deve significar a recuperação desse texto inexistente, mas sim tornar explícito tanto a preferência dada a uma das diversas “formas registradas” do trabalho quanto as escolhas concernentes à “materialidade do texto” (...). (CHARTIER, 2002, p. 41)

Assim como o retorno ao rito próprio das sociedades em oralidade primária que vem sendo promovido pelo ciberespaço, a escrita hipertextual, principalmente em ambientes que propiciam um grau mais intenso de colaboração (como os *Wikis*¹⁶), intensifica o caráter de

¹⁶ Alex Primo e Raquel Recuero (PRIMO; RECUERO, 2003) definem o *Wiki* como uma ferramenta que possibilita a edição dos conteúdos de um site por qualquer leitor, sem a necessidade de conhecimentos técnicos das linguagens de programação da Web, atualizando automaticamente estes conteúdos após serem

releitura, de replicação de um discurso já estabelecido, como o que Roland Barthes (2004) atribuiu ao xamane. Assim como o xamane, o autor no hipertexto possui um papel de organizador, de transmissor do discurso, diferente do papel de autoridade incontestável e isolada, criador de um discurso original e dissociado de todos os outros textos, atribuído ao autor durante o primado da impressão. Esta dessacralização do autor vem tirando sua voz e dando voz à linguagem e ao conteúdo, transformando toda a relação com o texto. O entendimento de autor deixa de anteceder o livro, não mais servindo de nascedouro para ele e sim nascendo junto com o texto, cabendo a ele o papel de reagrupar, justapor e cruzar escritas anteriores. Como demonstra Barthes,

[...] nas sociedades etnográficas não há nunca uma pessoa encarregada da narrativa, mas um mediador, xamane ou recitador, de que podemos em rigor admirar a “prestação” (quer dizer, o domínio do código narrativo), mas nunca o “gênio”. O autor é uma personagem moderna, produzida sem dúvida pela nossa sociedade, na medida em que, ao terminar a Idade Média, com o empirismo inglês, o racionalismo francês e a fé pessoal da Reforma, ela descobriu o prestígio pessoal do indivíduo, ou como se diz mais nobremente, da “pessoa humana”. (BARTHES, 2004, p. 1)

Maffesoli encontra sinais desta regressão do individualismo ao mesmo tempo em que, como argumenta, o mundo se transforma em um objeto, diminuindo o caráter de isolamento e solidão característicos da modernidade, pois o homem se torna uno com o mundo, “um objeto entre outros, intercambiável à vontade.” (1997, p. 197) O homem, portanto, deixa de ser uma entidade suprema, superior à natureza, e passa a fazer parte de um coletivo que estimula a participação, promovida pelas tecnologias da informação, no que o autor vê a principal característica do nosso tempo: “a sinergia do arcaísmo, essencialmente a nostalgia do 'nós', com a tecnologia” (1997, p. 205) É nessa religação que podemos ver o que já mencionamos como o retorno ao mito, a perda da autonomia por parte do indivíduo, que passa a fazer parte de um coletivo, em que a imitação é o passaporte para a colaboração, atribuindo à massa uma potência maior do que a cada indivíduo que a constitui.

Em contrapartida, Andrew Keen, em *O culto do amador* (2009) faz uma crítica ferrenha às novas mídias e as possibilidades abertas por estas, muito por conta de sua vontade – em certa medida desprovida de contextualização -, de, com as novas tecnologias da comunicação, levar *mais* cultura a todos. Para o Keen, a retração da importância da figura do autor é extremamente danosa ao conhecimento humano. Ainda na abertura do livro, o autor faz uma afirmação que resume bem o tom que a reflexão irá adquirir durante todo o texto:

salvos, sem necessidade de aprovação ou modificação por um editor.

[...] a democratização, apesar de sua elevada idealização, está solapando a verdade, azedando o discurso cívico e depreciando a *expertise*, a experiência e o talento (...), está ameaçando o próprio futuro de nossas instituições culturais. (KEEN, 2009, p. 19)

O autor discute a democratização das novas mídias, entendendo-as muito menos como promotoras da cultura, da opinião e da informação, do que geradoras de ruído e agentes diretos da retirada do poder e da autoridade por parte dos jornalistas, críticos, músicos e intelectuais, que Keen chama de “nossos guardiões da cultura” (KEEN, 2009, p. 20). A visão do autor sofre de uma forte tendência tecnicista, já que ele julga a técnica como uma esfera exterior à cultura e não a insere em um contexto histórico, deslocando-a de qualquer relação com o pensamento e com a sua época. A técnica, para Keen, agiria sobre o homem, e não estabeleceria uma relação dialética com ele, e, no caso da Internet, seu resultado é “o obscurecimento, a ofuscação e até o desaparecimento da verdade” (KEEN, 2009, p. 20)

Em vez de mais comunidade, conhecimento ou cultura, tudo o que a Web 2.0 fornece é mais conteúdo duvidoso proveniente de fontes anônimas, seqüestrando nosso tempo e explorando nossa credulidade (KEEN, 2009, p. 21)

Para se referir às iniciativas colaborativas, abertas à modificação e características das mais recentes gerações hipertextuais, Keen se utiliza do termo Web 2.0¹⁷. O autor dá muito destaque para a questão da verdade na Internet, já que, no seu entendimento, ao abrirmos a produção dos conteúdos, ensejamos também a possibilidade da propaganda, da inveracidade e da imprecisão tomarem os conteúdos. A verdade não seria mais fruto da apuração e não passaria mais pelo crivo de editores capacitados, mas sim, seria fruto do *consenso* de uma comunidade de iguais. Voltaremos à questão do consenso ao tratarmos da colaboração e por enquanto nos deteremos à questão da *verdade*. Parece-nos uma valorização exacerbada e antiquada da figura do autor, ainda moderna, em que se atribui ao autor um status quase sobre-humano. Keen não procura discutir de que modo pode-se, neste quadro de anonimidade por parte do autor, atribuir veracidade ao discurso.

Michel Foucault, em seu artigo “O que é um autor?” (2006), trata a indiferença da atribuição de autoria a um discurso como algo que

[...] não é inteiramente um traço que caracteriza o modo como se fala ou como se escreve; é sobretudo uma espécie de regra imanente,

¹⁷ O termo foi cunhado em 2004, por Tim O'Reilly, fundador da O'Reilly Media, uma das maiores editoras relacionadas à tecnologia. (KEEN, 2009, p. 17)

constantemente retomada, nunca completamente aplicada, um princípio que não marca a escrita como resultado, mas a domina como prática. (FOUCAULT, 2006, p. 34)

Entretanto, quando Foucault escreveu este texto ainda não existiam as iniciativas de escrita coletiva baseadas no hipertexto, e entendemos que hoje a diluição da figura do autor passa a atingir a produção textual também como resultado. Como comenta (FOUCAULT, 2006, p. 42), o nome do autor foi muito mais do que uma simples indicação, tendendo a adquirir o caráter de uma descrição, a qual traz à tona uma série de representações, de status, de autoridade, assumindo o papel de classificação e elevando o discurso acima de um discurso cotidiano. Assim, o nome de autor circunda e delimita os textos a que se relaciona, caracterizando-os, conferindo-lhes determinadas qualidades, situando-se “na ruptura que instaura um certo grupo de discursos e o seu modo de ser singular” (FOUCAULT, 2006, p. 46).

É importante refletirmos sobre como se dá o processo de atribuição de autoridade nos projetos de escrita coletiva, em que a já professada morte do autor é ainda mais palpável, porém, ao contrário de Keen, não acreditamos que a autoria coletiva denota diretamente a falta de verdade e de qualidade, já que não pode existir construção de conhecimento fora da coletividade. É necessário nos indagarmos à qual entidade se transfere a atribuição de delimitar os textos e de lhes ceder o status de uma publicação relevante. Estaria sendo transmitida à organização a que estes discursos pertencem a responsabilidade de responder sobre estes textos, já que a autoria é diluída em nomes sem rostos?

Se sim, este fenômeno não pode ser considerado exclusivo da atualidade, já que, desde a invenção da escrita, o responsável pela publicação e edição dos conteúdos pesa muito no julgamento da relevância de um texto. A relevância de uma publicação científica pode conferir um status aos textos ali contidos, e vice-versa, o nome de autor preenche importância uma determinada publicação. Acreditamos que, nas iniciativas de escrita coletiva, esta relação pesa muito mais para o lado da entidade sob a qual estão organizados os textos do que para aqueles que colaboram.

A autoridade do texto oscilou durante a história do homem, como bem demonstra Foucault. Se, houve na história do discurso uma fase em que textos e narrativas se valiam e circulavam sem a necessidade de um autor, e a sua antiguidade era prova suficiente de sua importância, como era característico nos textos desencarnados das comunidades em oralidade primária (FOUCAULT, 2006, p. 48), durante a Idade Média o nome do autor era a

prova suficiente da verdade. No entanto, a partir do séc. XVII, os discursos científicos passaram a ser imbuídos de importância pelo *contexto* em que são produzidos, “a sua pertença a um conjunto sistemático” (FOUCAULT, 2006, p. 49), diminuindo a influência do autor.

O trabalho científico oficial, publicado numa revista conceituada, não é um anúncio ou item noticioso, e sim uma contribuição para o consenso do saber público (...) o trabalho é redigido de maneira impessoal, em linguagem mais ou menos abstrata seguindo uma forma e um estilo rigidamente convencionais. (ZIMAN, 1979, p. 122)

Entretanto, o nome de autor ainda ressoa algum grau de fiabilidade nas ciências, relativa ao método e ao status, pois é inerente ao autor certa constância de valor – no que tange a qualidade de sua produção -, é possível traçar na sua produção uma linha de coerência e de estilo, além de perceber sua inserção em determinado momento histórico (FOUCAULT, 2006, p. 52). Em um discurso científico, o “eu” encarnado pela função autor não se refere somente ao indivíduo que produziu o texto, mas a qualquer indivíduo que aceite aquele sistema de símbolos e aquele método de argumentação.

[...] o que no indivíduo é designado como autor (ou o que faz do indivíduo um autor) é apenas a projecção, em termos mais ou menos psicologizantes, do tratamento a que submetemos os textos, as aproximações que operamos, os traços que estabelecemos como pertinentes, as continuidades que admitimos ou as exclusões que efectuamos. Todas estas operações variam consoante as épocas e os tipos de discurso. (FOUCAULT, 2006, p. 51)

Esta percepção sobre a oscilação sobre o que se entende tanto por *autor* quanto por *atribuição de verdade* ao longo da história do homem é que parece escapar a Andrew Keen. Como afirma Lyotard, a concepção de verdade não pode ser inteiramente separada da concepção de justiça, já que “existe um entrosamento entre o gênero de linguagem que se chama ciência e o que se denomina ética e política” (LYOTARD, 1988, p. 13).

Keen demonstra ainda atribuir forte relevância ao pertencimento dos conteúdos, no sentido jurídico e moderno de pertencimento, culpando a Internet pela falência das grandes empresas de mídia, jornais e selos de discos, já que ela não só permite a produção de conteúdos por um número muito maior de indivíduos, descentralizando a produção, como também dá margem à pirataria. Ao mesmo tempo, o autor atribui a falência do ensino à Internet, usando como exemplo o caso de uma pesquisa feita na Universidade de Oxford, uma das mais renomadas universidades do mundo, em que 54% confirmaram que se utilizavam de conteúdos copiados da Internet para executar seus trabalhos. (KEEN, 2009, p.

27) Entendemos, assim como o autor, este fato como um problema grave, mas ao contrário de Keen, não atribuímos este comportamento como um fato diretamente derivado do aparecimento da Internet, mas sim, derivado da mudança que estamos observando na relação entre homem e conhecimento. A partir do momento em que o conhecimento passa a perder o seu status de libertador do homem em relação às amarras da tradição e de promotor do progresso – como era entendido durante o Iluminismo -, e passa a ser imbuído de um caráter funcional, a introjeção da informação, sua crítica e sua reflexão passam também a perder espaço a sua utilização.

Ao promover uma visão maniqueísta da técnica, tentando classificar como boa ou ruim qualquer iniciativa do meio digital, Andrew Keen parece perder o que nos parece o mais importante na análise dos novos desenvolvimentos técnicos, que são as *diferenças* em relação a tudo que os antecederam e como o homem se relaciona com eles. Por exemplo, ao comentar que “numa web em que todo mundo tem a mesma voz, as palavras do sábio não contam mais que os balbucios de um tolo” (KEEN, 2009, p. 32) o autor demonstra esse tipo de maniqueísmo. Sem entrarmos no caráter agreste de definir o que poderíamos considerar como “sábio” e como “tolo” e nas relativizações possíveis destes conceitos, nos detendo apenas na questão levantada pelo autor de que, atualmente, a fala de um indivíduo experiente e erudito em certa matéria teria o mesmo peso da fala de qualquer outro cidadão, Keen perde de vista a capacidade que temos de atribuir maior ou menor importância aos conteúdos.

O autor não considera uma afirmação cara a Maffesoli:

[...] se queremos compreender a nossa época, definir os contornos da socialidade (re)nascente, é preciso admitir que o indivíduo e o individualismo, teórico ou metodológico, base de sua racionalização, não fazem mais sentido. (MAFFESOLI, 1997, p. 195)

Concordamos com Keen no fato de que, quanto maior a produção, maior o nível de ruído que precisamos enfrentar para encontrar o que nos interessa, porém, Keen desconsidera os desenvolvimentos técnicos relacionados à classificação do *conteúdo* produzido e desconsidera a atribuição de maior ou menor valor a estes conteúdos. A preocupação do autor não é nova, como podemos ver em Lyotard:

Se todas as mensagens pudessem circular livremente entre todos os indivíduos, a quantidade de informações a se levar em conta para fazer as escolhas pertinentes retardaria consideravelmente o prazo da decisão e, portanto, o desempenho. (LYOTARD, 1988, p. 113)

Assistimos ao desenvolvimento de ferramentas de busca cada vez complexas e eficientes, além de métodos de indexação e classificação cada vez mais intuitivos, porém, não devemos nos deter apenas aos desenvolvimentos técnicos. Faz-se necessário entender o hipertexto como uma técnica, assim como o livro, e com isso nos atentarmos para o fato de que o livro acompanha a humanidade há muitos séculos, atribuindo à sua interface um caráter muito forte de familiaridade, enquanto a hipermídia é extremamente recente. Portanto, deixamos de nos preocupar com o excesso relacionado à impressão por já estarmos familiarizados com índices, referências bibliográficas, thesaurus, resumos, etc, enquanto as técnicas de classificação e de navegação no hipertexto ainda estão a ser definidas e absorvidas pelo cotidiano.

O autor não considera a ascensão deste novo leitor que repetidamente estamos pretendendo delinear, mas sim parece interpretar o leitor como aquele indivíduo refém da mídia de massa, isolado, incapaz de agir e exposto a uma corrente de conteúdo definido pelos grandes veículos, tão característico de uma visão já contestada acerca das mídias de massa. Para ele, além do leitor ser um indivíduo passivo, a verdade e a interpretação são determinados de antemão pela figura superior do autor. Entretanto, como demonstra Barthes,

Sabemos agora que um texto não é feito de uma linha de palavras, libertando um sentido único, de certo modo teológico (que seria a “mensagem” do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escritas variadas, nenhuma das quais é original: o texto é um tecido de citações, saídas dos mil focos da cultura. (BARTHES, 2004, p. 4)

A tentativa de interpretação de um sentido único, que estaria escondido em alguma parte do discurso e que seria possível ao leitor encontrá-la, tarefa que Barthes atribui ao crítico, é fruto do engessamento do texto, tão característico da modernidade e do livro, que vêm perdendo sua função na contemporaneidade, já que na escrita “tudo está por deslindar, mas nada está por decifrar; a estrutura pode ser seguida, 'apanhada' (...) em todas as suas fases e em todos os seus níveis, mas não há fundo; o espaço da escrita percorre-se, não se perfura” (BARTHES, 2004, p. 5) Mesmo durante o reinado da impressão, um enunciado era interpretado de diferentes maneiras entre os indivíduos, já que, apesar de o texto ser o mesmo, o universo de referências e vivências variava entre cada leitor. Com o hipertexto, esta tentativa de uma interpretação unívoca se torna ainda mais infundada, já que agora, não só o histórico muda entre cada indivíduo, mas também o texto em si, pois estão abertas as possibilidades de navegação.

Ainda assim, Keen levanta uma importante questão sobre o crivo do usuário médio, argumentando no sentido de que um especialista é capaz de distinguir as informações importantes e apuradas dentro de um determinado universo, enquanto o usuário comum não possui este tipo de capacidade. (KEEN, 2009, p. 46) A questão da fiabilidade vem tomando mais importância dentro do hipertexto, já que a abundância de informações realmente traz consigo um grau maior de ruído, imprecisões e informações falsas. Entretanto, para Keen, esta questão parecia não existir antes da popularização do hipertexto e do que o autor chama de Web 2.0. Keen parece atribuir aos livros e aos grandes veículos de mídia um caráter de verdade absoluta, como se a editoração e a produção de conteúdos por um especialista levassem diretamente à verdade.

Como já mencionamos anteriormente, o livro enquanto unidade imutável adquire um caráter de verdade absoluta, de tese verdadeira e irrefutável, apesar da possibilidade de ter sido refutado por um sem número de outros textos. Esta característica de falta de conexão com outros discursos se retrai com o hipertexto, pois abre-se a possibilidade da ligação de inúmeras teses contrárias, estabelecendo um *diálogo* entre elas. A incapacidade de distinção entre uma informação correta e apurada e um rompante produzido por um diletante é um problema palpável a que temos que aprender a contornar, mas diferente do que o autor afirma, não leva diretamente “(...) a degeneração da democracia sob a ditadura das massas e do boato” (KEEN, 2009, p. 55), além de ser um problema ao qual o livro nunca esteve imune.

Keen se posiciona contra o processo de democratização da produção de conteúdo (KEEN, 2009, p. 39), argumentando no sentido de que ela jamais levaria ao conhecimento erudito e ao saber. Como exemplo, ele usa o caso de “Essjay” (KEEN, 2009, p. 42), um importante colaborador da Wikipédia e estudante de 24 anos, que se passava por um professor de Harvard com inúmeros diplomas e que editava constantemente inúmeros verbetes da enciclopédia. A questão da veracidade é um ponto importantíssimo no ciberespaço, e precisamos aprender a lidar com ela, e como ressalta Keen, na Wikipédia a voz de um garoto do ensino médio tem o mesmo alcance da voz de um erudito. O caso de Willim Connolly, especialista em aquecimento global, ilustra o ponto de vista de Keen. Connolly tentou corrigir imprecisões do verbete *aquecimento global* na Wikipédia e acabou entrando em uma guerra editorial em relação ao verbete, sendo acusado de “impor fortemente o seu ponto de vista” e sofrendo restrições editoriais (KEEN, 2009, p. 44) Para Keen, este tipo de episódio é inaceitável, por motivos bastante compreensíveis, já que o outro editor poderia ser um importante dono de poços de petróleo e interessado em diminuir a importância dos impactos do aquecimento global. O questionamento de Keen é muito relevante, embora ele

tome uma posição muito agressiva e não procure discutir o problema. Este é um exemplo ilustrativo da dificuldade em se atingir o *consenso* e as implicações em torno desse consenso ao equilibrar inúmeros pontos de vista, e da falta de familiaridade que possuímos com o trabalho coletivo, mas voltaremos a este ponto no próximo capítulo.

Ainda em relação à verdade e à identidade, Keen diz que “Nunca sabemos ao certo se o que lemos é o que parece. A Internet dirigida pelo usuário não só permite como estimula a invenção da falsa identidade.” (KEEN, 2009, p. 79), mas seria prudente falarmos ainda em identidade? O ciberespaço é caracterizado pela existência das múltiplas identidades, em que esta cede lugar à identificação, com autor e leitor se confundindo. Keen percebe esta questão, mas ainda defende a autoria como algo individual. “Num mundo em que público e autor se confundem, tornando-se cada vez mais indistinguíveis, e onde é quase impossível verificar a autenticidade, a idéia de autoria original e propriedade intelectual fica seriamente comprometida.” (KEEN, 2009, p. 26) Para ele, ao solapar o especialista, a onipresença do conteúdo gerado pelo usuário e disponibilizado de forma gratuito ameaça o próprio cerne de nossas instituições profissionais. (KEEN, 2009, p. 45), já que caberia aos especialistas, aos editores e aos técnicos o papel de separar o que é realmente relevante do que não é. Porém, já argumentamos que, com o hipertexto, surge um leitor ativo, encarregado desta separação, que caminha por léxicos sem bordas definidas, em um grande hiperdocumento, no qual ele precisa estar apto a encontrar os caminhos e ser capaz de comprovar a procedência dos textos a que está sendo exposto. Assim,

[...] a materialidade do livro é substituída pela imaterialidade de textos sem lugar próprio, à contigüidade imposta pelo objeto impresso opõe-se a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à percepção imediata da totalidade da obra, que se possível pelo objeto que a contém, sucede uma navegação de longa duração nos arquipélagos textuais com margens moveáveis. (CHARTIER, 2003, p. 38)

Keen estabelece constantemente em sua argumentação um confronto entre Internet *versus* meios tradicionais em que “a democratização da informação pode degenerar rapidamente num igualitarismo radical intelectualmente corrosivo” (2009, p. 174), que nos parece não abarcar todas as faces da discussão. Sem nos estendermos em comparações entre a confiabilidade entre um meio e outro, que fogem ao escopo do presente *corpus*, e que poderíamos discutir se realmente, conforme o que o autor tenta demonstrar, as mídias tradicionais são de fato detentoras absolutas da verdade e veículos desprovidos de interesses próprios, mas sim dando ênfase para a falta de veracidade que o autor atribui à Internet, tentemos identificar as novas formas de construção da verdade nos meios digitais, pois,

embora passemos por um momento em que muitas das questões relacionadas ao ciberespaço não estão respondidas, o esforço em compreendê-las será mais prolífico do que o esforço em repudiá-las. Burke diz que,

Os grupos criativos, marginais e informais de um período regularmente se tornam as organizações formais, dominantes e conservadoras da próxima geração ou da seguinte. Isso não quer dizer que a reforma ou renovação das organizações tradicionais seja impossível. - (BURKE, 2003, p. 51)

O indivíduo nunca não pôde ser entendido como isolado, apesar de historicamente já ter havido argumentações neste sentido, por fazer parte de uma realidade pregressa, parte de uma força anônima que não obedece integralmente à lógica racionalista, mas sim a uma lógica mais orgânica e auto-regulamentada. Assim, tentemos identificar de que forma a colaboração vem acontecendo, que problemas já foram percebidos e o que já temos como resultados positivos da colaboração. Esta pulsão em colaborar e interagir demonstra sua função e “ao ressoldar a comunidade, ela faz sociedade e relembra ao corpo social a sua dimensão orgânica, integrando todos os elementos que o compõe” (MAFFESOLI, 1997, p. 235), integrando o coletivo em uma unidade e instaurando o reconhecimento entre os pares.

Há de fato uma “potência” na massa que ultrapassa cada indivíduo, fazendo-o membro de um “genius” coletivo, gênio que, a exemplo da deidade, cria a sociedade no seu meio natural e social. (MAFFESOLI, 1997, p. 209)

Com esta mutação no entendimento do leitor-autor, observamos o surgimento de iniciativas que privilegiam a colaboração. Analisemos agora mais detidamente as particularidades envolvidas neste processo de colaboração.

4.2 - A colaboração

Landow (1997, p. 104) sugere três tipos de trabalho colaborativo. O primeiro tipo identificado pelo autor é o mais facilmente relacionado à colaboração, situação na qual duas pessoas ou mais trabalham simultaneamente em um projeto, etapa a etapa. Entretanto, este é um estilo de colaboração muito menos comum que o segundo tipo sugerido pelo autor, no qual um autor produz uma versão inicial do trabalho enquanto outros seguem revisando e editando-o, criando versões atualizadas. O terceiro tipo seria o no qual os indivíduos segmentam as inúmeras tarefas e trabalham independentemente. O trabalho colaborativo no hipertexto abriria espaço para um quarto tipo de colaboração, que articularia os três modos descritos anteriormente.

Dando ênfase à presença de outros textos (e à presença virtual de outros autores) e a sua interação cooperativa, o hipertexto em rede torna todas as adições ao sistema simultaneamente uma questão de versionamento e construção simultânea.¹⁸ (LANDOW, 1997, p. 105)

Para o autor, qualquer texto situado em uma rede hipertextual simultaneamente existe em colaboração com todos os outros textos situados na rede, por suas fronteiras indefinidas. Ao estabelecermos conexões com outro texto na rede, já estamos colaborando com ele.

A convivência entre as diferentes versões, não só de um texto, mas como dos diferentes entendimentos acerca de um conceito, encontram problemas no hipertexto. O consenso, como na Wikipédia, muitas vezes é um objetivo difícil de ser alcançado, já que as disputas por impor o ponto de vista e a não-familiaridade com o trabalho coletivo criam entraves para o seu estabelecimento. Em projetos como o Knol, esta convivência advém da existência simultânea de várias versões sobre o mesmo tema. O problema do consenso não é novo e está na base do conhecimento científico, como mostra Lyotard:

[...] reconhece-se que as condições do verdadeiro, isto é, as regras de jogo da ciência, são imanentes a este jogo, que elas não podem ser estabelecidas de outro modo a não ser no seio de um debate já ele mesmo científico, e que não existe outra prova de que as regras sejam boas, senão o fato delas formarem o consenso dos *experts*. (LYOTARD, 1988, p. 54)

No mesmo sentido, John Ziman (1979, p. 78) também elucida a questão, ao demonstrar que para ser capaz de agir dentro do âmbito da ciência, o autor precisa demonstrar o conhecimento de todos os preceitos científicos, que o antecedem e fazem parte de uma realidade pregressa à qual já nos referimos anteriormente. Do contrário, o trabalho do autor não será considerado como científico. Mesmo nos casos de transgressão e de modificação desta base de conhecimento, paradoxalmente, para a mudança ser aceita o autor deve ser capaz de provar que compreende e está familiarizado com o consenso.

A comunicação científica precisa ser julgada, a fim de se ter certeza de que o material primário publicado apresente pelo menos um mínimo de plausibilidade. (...) artigos de revisão são importantes porque representam a opinião do consenso vigente. (...) As controvérsias se desenrolam em surdina, a fim de se evitarem os riscos do sectarismo, o que significaria a derrota final do princípio do consenso. (ZIMAN, 1979, p. 156)

¹⁸ Tradução do autor: By emphasizing the presence of other texts (the virtual presence of other writers) and their cooperative interaction, networked hypertext makes all additions to a system simultaneously a matter of versioning and of the assembly-line model.

Lyotard defende que as instituições privilegiam certos tipos de discurso que caracterizam a própria instituição e, mesmo as que parecem destituídas de regra, têm introjetados esses enunciados. Existem pressões que determinam se um discurso é ou não válido dentro daquele contexto, e essas pressões são mais ou menos flexíveis dependendo de o quanto os detentores do poder estão dispostos a aceitar novos enunciados (1988, p. 31). Assim, este discurso auto-referenciado exige a existência e a formação de iguais, pois o consenso só pode ser obtido entre pares, entre uma coletividade que partilha do mesmo sistema de referenciais, e esse “consenso não é indicativo de verdade; mas supõe-se que a verdade de um enunciado não pode deixar de suscitar o consenso”. (LYOTARD, 1988, p. 45)

Como Maffesoli mostra,

Essa realidade “pré-individual”, sobre a qual insiste G. Simondon, é certamente a pedra angular a partir da qual se poderá construir a comunidade ou outras formas de agregação orgânica. É de fato um alicerce antropológico, por vezes passível de ocultação, caso da modernidade, mas que ressurgue sempre, como parece ser o caso atualmente. (MAFFESOLI, 1997, p. 211)

A aceitação desta realidade coletiva que antecede o individual é um quesito necessário para o desenvolvimento de qualquer projeto de autoria coletiva, como se manifesta na Wikipédia e no Knol, e, ao contrário do que é muitas vezes afirmado, é esta mudança no entendimento da relação indivíduo/coletividade que precede os desenvolvimentos técnicos, que a partir daí se inserem em um processo dialético de re-significação deste entendimento, e não o contrário. Assim como o conhecimento científico, as inovações técnicas precisam corresponder necessariamente à vontade de verdade de sua época. Assim, “o indivíduo é uma realidade relativa, nos dois sentidos do termo; realidade relativizada por outros e que põe em relação com os outros, pressuposto de uma realidade arcaica, no sentido etimológico do termo, que serve de suporte.” (MAFFESOLI, 1997, p. 210) Portanto, argumentamos não no sentido de inexistência do indivíduo, mas sim no sentido de o indivíduo se tornar rarefeito dentro da coletividade e, desta maneira, tornar a obra coletiva, enquanto preserva a ação como individual. “Somos feitos pelo discurso que engloba e ultrapassa os diversos protagonistas que o pronunciam.” (MAFFESOLI, 1997, p. 239)

James Surowiecki (2006) cita como exemplo de um trabalho colaborativo a descoberta do vírus da Sars como a causa da forte doença respiratória que vinha sendo notícia na China em 2003 (2006, p. 203). O vírus causador da doença foi identificado graças ao esforço coletivo de laboratórios espalhados pelo mundo, trabalhando independentemente e sem um centro administrador, porém, assumindo o compromisso de partilhar as

descobertas com todos os seus pares. Assim, a cada avanço de um laboratório individual a direção de todas as pesquisas era atualizada e, dessa maneira, a identificação do vírus foi feita em um período muito curto de tempo, de maneira colaborativa.

“A colaboração permite aos cientistas incorporar diferentes tipos de conhecimento de forma ativa (...) [e] trabalhar em problemas interdisciplinares” (SUROWIECKI, 2006, p. 205) garantindo a diversidade de habilidades e diferentes pontos de vista. A abertura é um fenômeno que caracteriza a ciência, visto que os avanços dependem não só do conhecimento que já foi desenvolvido até ali, mas também porque, para ser aceito e reconhecido como científico ele passa, necessariamente, pela aprovação de seus pares

Porém, o trabalho coletivo enfrenta inúmeros problemas. Surowiecki, acompanhando as idéias do psicólogo Irving Janis (2006, p. 63) fala sobre o que Janis chamou de *pensamento grupal*. O pensamento grupal se caracteriza pela coesão desenvolvida em grupos muito homogêneos, que acaba por estabelecer um isolamento a ideias externas e a consequente convicção acerca da opinião do grupo como verdade absoluta, além da falta de flexibilidade em relação a estas opiniões externas. Assim, o grupo, ao invés de possibilitar novas formas de reflexão e portanto aumentar o número de ideias possíveis, agiria no sentido contrário. Ao invés de fomentar a discussão, o grupo acaba por transformar a opinião mais frequente em realidade absoluta e eliminar as opiniões dissidentes, como um equívoco.

O que Norbert Elias e John Scotson (ELIAS; SCOTSON, 2000) identificaram ao observar as dinâmicas entre os estabelecidos e os outsiders em uma comunidade física pode ser estendido para nossas observações das comunidades virtuais que movem tanto a Wikipédia quanto o Google Knol. Assim, um dos aspectos mais importantes na análise da influência do indivíduo dentro do grupo é o tempo de participação, ou seja, os que chegaram antes identificam-se como pares, e tendem a se sobrepor sobre os novos membros, através da coesão do grupo mais antigo. Com isso, mesmo não dispondo de mecanismos de poder superiores aos *outsiders*, em uma relação que teoricamente estaria sendo estabelecida entre iguais, a coesão do grupo mais antigo sobrepuja a capacidade de ação dos novos membros.

Ao mesmo tempo, ali se podiam ver as limitações de qualquer teoria que explique os diferenciais de poder tão-somente em termos da posse monopolista de objetos não humanos, tais como armas ou meios de produção, e que desconsidere os aspectos figuracionais dos diferenciais de poder que se devem puramente a diferenças no grau de organização dos seres humanos implicados. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 21)

Quando lidamos com um ambiente ciberespacial, este se torna um problema ainda

mais apreensível. Como já argumentamos anteriormente, a disputa do poder em um mundo cada vez mais informacional se desloca dos meios de produção para os meios de acesso e intervenção à informação, instaurando uma disputa entre conectados e não-conectados. Através do poder econômico, as camadas de elite da sociedade têm a chance de se *estabelecer* como grupo antes das outras camadas da população, engendrando maior coesão grupal entre estes *estabelecidos/conectados*, e assim, a tantas vezes professada democratização dos novos meios de comunicação não pode ser entendida como plenamente realizada. Estas instituições erigidas pelo grupo de estabelecidos possuem tendências a se perpetuar, pois

[...] um grupo tem um índice de coesão mais alto do que o outro e essa integração diferencial contribui substancialmente para seu excedente de poder; sua maior coesão permite que esse grupo reserve para seus membros as posições sociais com potencial de poder mais elevado (...) (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 22)

A adesão ao grupo dominante implica a aceitação de regras e a subordinação às normas que caracterizam aquele grupo, garantido aos seus membros autonomia e vantagens sobre os *outsiders*. A estes *outsiders* é atribuída a culpa da desordem e do não obediência às regras (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 29), além de lhes atribuir toda a sorte de características “ruins”. Em contrapartida, o delineamento de um grupo *outsider* torna a autoimagem do grupo estabelecido ainda mais forte no sentido da superioridade.

As tensões e conflitos de grupo inerentes a essa forma de relação podem manter-se latentes (o que costuma acontecer quando os diferenciais de poder são muito grandes) ou aparecer abertamente, sob a forma de conflitos contínuos (o que costuma acontecer quando a relação de poder se altera em favor dos *outsiders*). (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 32)

Neste mesmo sentido, Surowiecki (2006) cita um outro modelo importante para entendermos o modo como as pessoas interagem em grandes grupos, que foi criado por Sushil Bibkchandani, David Hirshleifer e Ivo Welsh, e que se chama *casca de informações* (2006, p. 82). A casca de informações se caracteriza pelo poder de influência que as decisões e opiniões dos primeiros indivíduos a se expressarem em determinado cenário, fazendo, a partir de determinado ponto, os indivíduos deixarem de obedecer suas próprias opiniões e passarem a acreditar profundamente nas atitudes, nas opiniões e nos comportamentos do outro como corretos. É o que Elias e Scotson identificam como a relação entre a opinião do grupo e a consciência individual. “A opinião grupal tem, sob certos aspectos, a função e o caráter da consciência da própria pessoa. Esta, na verdade, sendo formada num processo grupal, permanece ligada àquela por um cordão elástico, ainda que invisível.” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 40)

Outro fenômeno característico das interações em grupos é chamado de *polarização*. A polarização é a tendência dos participantes oscilarem suas opiniões em conjunto com as opiniões do grupo (SUROWIECKI, 2006, p. 232), e assim, se o indivíduo já possui uma opinião conservadora, por exemplo, e está inserido em um grupo de pessoas conservadoras, a tendência é ele se mostrar ainda mais conservador. A polarização tem efeito no fenômeno já observado anteriormente da cascata de informações. Assim, se o indivíduo se insere no meio de uma discussão com um rumo determinado pela maioria, existe uma forte tendência dele seguir na mesma direção. A polarização acontece tanto espontaneamente, pela vontade de comunhão do indivíduo com o grupo, quanto ocorre por coerção.

As opiniões de cada um (...) não eram inicialmente formadas por cada indivíduo para si mesmo; formavam-se no âmbito de uma troca de idéias contínua dentro da comunidade, no decorrer da qual os indivíduos exerciam considerável pressão uns sobre os outros (...) (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 54)

Surowiecki (2006, p. 173) comenta a teoria do sociólogo Mancur Olson, que desenvolveu uma crítica às possibilidades de cooperação. Segundo Olson, em situações em que, dentro de determinado grupo, mesmo que todos os indivíduos saíssem beneficiados com as ações do outro, mas que nenhum dos integrantes possuísse obrigação de colaborar, a lógica da cooperação seria a de, via de regra, deixar para o outro a iniciativa, o que poderia levar a que ninguém colaborasse voluntariamente. A impassibilidade é um risco das iniciativas colaborativas, principalmente as que não possuem nenhum tipo de mecanismo de moderação.

[...] por participar do mundo natural, o dos objetos, comungo com o outro, o “eu” cede lugar ao “nós”, a distinção inverte-se em viscosidade, a crítica do *mundo como ele é* se torna afirmação da existência e, enfim, o ativismo tende a deslizar para a impassibilidade. (MAFFESOLI, 1997, p. 198)

Levy (1993) denomina *groupwares* a materialização no hipertexto das ideias relacionadas com a autoria coletiva, que reservam muitas similaridades com o que atualmente conhecemos por *wikis* e com o *Mémex*, de Vannevar Bush (1945).

Os groupwares de auxílio à concepção e à discussão coletiva, (...) ajudam cada interlocutor a situar-se dentro da estrutura lógica da discussão em andamento, pois fornecem-lhe uma representação gráfica da rede de argumentos. Permitem também a ligação efetiva de cada argumento com os diversos documentos aos quais ele se refere, que talvez até o tenham originado, e que formam o contexto da discussão. (LEVY, 1993, p. 66)

Para o autor, ao reunir os textos com seus comentários e suas associações, o

groupware engendraria um reservatório comum de informações, simplificando a tarefa interpretativa. Ao contrário, devido à dissolução dos contornos do texto e à abertura de incontáveis caminhos de navegação, observamos a complexificação tanto da leitura como da interpretação no hipertexto.

A partir do momento em que se tem uma produção coletiva, a propriedade intelectual urge em ser repensada. Ela garantiu o desenvolvimento das nações europeias a partir da industrialização, ao prover ao inventor e ao autor um meio de sustento, ao mesmo tempo que estimulou a constante busca da inovação. Se, por um lado, no ciberespaço a propriedade intelectual já não faz mais sentido de ser mantida nos mesmos moldes que vem sendo desde o seu estabelecimento, no Iluminismo, por outro, ela teve um papel importantíssimo no progresso que atingimos hoje.

4.3 - Reconfigurando a propriedade intelectual

Voltemos um pouco à classificação de Foucault (2006), quando este demonstra que o autor é efetivamente fruto da punição, isto é, um texto passa a efetivamente ter um autor quando existe um responsável legal por ele, e isso se dá quando os textos se tornaram *transgressores*, deixando de ser apenas um ato para se tornarem um bem, dando origem à propriedade e à necessidade da originalidade, a partir do séc. XVIII (FOUCAULT, 2006, p. 47).

Muitas das dificuldades encontradas no trabalho colaborativo, são frutos do pensamento que teve origem no Romantismo e que exalta o trabalho individual, o esforço de um único indivíduo ao ponto de mascarar o caráter coletivo de qualquer produção intelectual. Para o Landow, o não reconhecimento do esforço de criação de um discurso como uma tarefa executada na coletividade, em estreita relação com tudo o que já foi produzido pelo homem, se deve principalmente à que:

As regras de nossa cultura intelectual, particularmente aquelas que definem a propriedade intelectual e a autoria, não encorajam este tipo de reconhecimento; além disso, as tecnologias da informação, de Gutenberg até o presente – a tecnologia do livro – têm sistematicamente dificultado o reconhecimento pleno da autoria colaborativa.¹⁹ (LANDOW, 1997, p. 106)

¹⁹ Tradução do autor: The rules of our intellectual culture, particularly those that define intellectual property and authorship, do not encourage such recognitions; and furthermore, information technology from Gutenberg to the present – the technology of the book – systematically has hindered full recognition of collaborative authorship.

É justamente do investimento necessário para a produção do livro que advêm a noção de propriedade. Porém, atualmente, assim como na era dos manuscritos, na qual os direitos autorais e o entendimento da produção intelectual não era de fruto dos esforços de um único indivíduo, mas sim fruto de inúmeras transformações e versionamentos produzidos a cada nova cópia, o hipertexto faz parte de um retorno à dissolução do autor como unidade estanque e absoluta. Enquanto a impressão e o livro criaram uma falsa noção de isolamento e limite da obra, o hipertexto vem resgatando o caráter coletivo da criação intelectual. O livro, enquanto produto mercadológico, isola grande parte da população de seu processo produtivo, por força do investimento de capital e de trabalho necessários, enquanto na hipermídia, por sua cada vez mais vasta difusão e por agregar em um mesmo espaço os meios de produção e consumo da informação, acaba por tornar os interagentes em potenciais produtores.

A tendência a atitudes mais individualistas foi estimulada pela possibilidade da impressão, que ajudou ao mesmo tempo a fixar e a difundir os textos. Mesmo assim, o processo de mudança não foi repentino nem suave, e exemplos da sobrevivência de atitudes coletivistas nos séculos XVI e XVII não são difíceis de encontrar, coexistindo com a ascensão de privilégios e patentes. (BURKE, 2003, p. 140)

O copyright foi fruto da impressão, já que, por seus custos de produção e pelo entendimento do livro como uma unidade exclusiva e de propriedade do seu autor, se fazia necessário um modo de transformar o esforço envolvido em capital. Assim, a produção intelectual se tornou monetizada, e, dessa maneira, a possibilidade de outro indivíduo que não possuía direitos intervir sobre a obra foi afastada. Porém, a possibilidade de interferência sobre os textos é uma característica inerente ao hipertexto, o que leva a necessidade da revisão do *copyright*. Landow concorda com Steven Gilbert (LANDOW, 1997, p. 302) quando este comenta a necessidade de investirmos na mudança das leis que circundam a produção intelectual antes de investir no desenvolvimento da tecnologia. Essa mudança precisa equilibrar duas necessidades. Primeiro, a inexistência dos direitos sobre a propriedade faria com que o autor não pudesse ganhar com seu trabalho, a não ser que fosse patrocinado, o que seria uma volta ao mecenato. Em segundo, leis muito rígidas e que não levassem em consideração as particularidades desse novo ambiente acabariam por engessar a produção e o fluxo da informação.

As concepções acerca da autoria são uma questão de convenção, e se relacionam profundamente com qualquer tipo de tecnologia da informação prevalecente. Quando esta tecnologia muda, ou divide sua influência com outra, a construção cultural da autoria muda, para o bem ou para o mal.²⁰

²⁰ Tradução do autor: Conceptions of authorship are a matter of convention, and they relate importantly to whatever information technology current prevails. When that technology changes or shares its power with

(LANDOW, 1997, p. 300)

Fizemos um breve estudo da enciclopédia no capítulo dois, com o intuito inserirmos a Wikipédia e o Knol em um processo histórico. No terceiro capítulo analisamos os desdobramentos técnicos relacionados à informatização e os seus impactos na relação entre homem e informação. Com isso observamos o reforço do caráter coletivo da construção do conhecimento, analisando-o em relação à autoria no presente capítulo. Com isso, acreditamos ser possível apreendermos em profundidade o fenômeno da escrita coletiva, objetivado aqui nas iniciativas da Wikipédia e do Knol.

another, the cultural construction of authorship changes, too, for good or for ill.

5 - O FENÔMENO WIKI: WIKIPÉDIA E GOOGLE KNOL

Neste capítulo investigaremos como se refletem os fundamentos do hipertexto e da colaboração na Wikipédia e no Knol.

Utilizaremos para a comparação entre Wikipédia e Knol o verbete *Iraq*, pois acreditamos que este seja um tema controverso, que dá margem a muitos tipos de interpretação, suscita opiniões fortes – principalmente na relação Estados Unidos *versus* Iraque -, além de possuir uma vasta história ligada ao país. Esta comparação tem por objetivo identificar como se manifestam nos projetos referidos as características que elencamos durante o presente trabalho como características que distinguem o hipertexto dos modelos de textualidade que o precederam. Para isso, utilizaremos vários tipos de observação, como a quantidade de links dos verbetes, a observação do processo de discussão, a identificação dos autores, etc, adaptando o método de modo a contemplar os elementos para a comparação.

Façamos antes uma breve explanação sobre o funcionamento de cada um dos projetos.

5.1 - A Wikipédia

A Wikipédia nasceu da Nupedia, criada por Jimmy Wales e por Larry Sanger, no início dos anos 2000. A Nupedia era uma enciclopédia colaborativa, porém constituída por especialistas, em que os conteúdos eram produzidos e revistos apenas por um grupo selecionado. Com a abertura da produção de conteúdo em um sistema wiki, estava criada a Wikipédia, no ano de 2001 (KEEN, 2009, p. 44)

Por um lado, a Wikipédia tem suas raízes nas primeiras enciclopédias com a de Diderot, pretendendo ser um compêndio abrangente do conhecimento humano. Por outro, [A Wikipédia] inova justamente por ser redigida em colaboração não por um grupo de especialistas, mas por qualquer internauta disposto a participar da construção do projeto. (PRIMO; RECUERO, 2003, p. 59)

A *Wikipédia* é uma enciclopédia livre e colaborativa, baseada no sistema *Wiki*, e já é a enciclopédia com o maior número de verbetes, ultrapassando 2 milhões na sua versão em inglês. É uma iniciativa sem fins comerciais declarados, que não permite a venda de espaços comerciais. Existem editores cadastrados que se encarregam de monitorar uma parte do tráfego de informações, principalmente incorreções mais graves ou o desrespeito a regras de

conduta. Estes editores também não são pagos, e podem se desligar da função assim que desejarem. Apesar do seu caráter gratuito e das políticas anti-publicidade, constam entre seus artigos empresas como *Coca-Cola*, *IBM* e *Microsoft*.

Não é preciso estar cadastrado no projeto para colaborar ou editar qualquer conteúdo, porém, os *endereços de IP* (similar a uma impressão digital na Internet) são rastreados como forma de segurança, abrindo a possibilidade de banir vândalos de seu acesso. Há apenas um número restrito de verbetes que não podem ser editados devido a vandalismos, ou por conterem temas muito polêmicos nos quais o conteúdo é re-editado muitas vezes.

No *Aviso Geral*²¹ a Wikipedia declara explicitamente que não garante a validade dos artigos, pois o conteúdo pode ter sofrido alterações ou vandalismos, além de não haver sido necessariamente revisado por profissionais. Dessa maneira, a Wikipédia não se responsabiliza pelo aparecimento de qualquer informação imprecisa ou equivocada em suas páginas, eximindo-se da atribuição de qualquer dano causado pelo uso de suas informações.

O projeto é baseado em cinco conceitos fundamentais. “São cinco os pilares: enciclopedismo, neutralidade de ponto de vista, licença livre, modo de conduta codificado e liberdade nas regras.”²²

Sendo uma enciclopédia, a Wikipédia não se constitui em um veículo para publicação de pesquisas inéditas, novas interpretações de ideias ou conceitos já publicados nem é um espaço para dar vazão a opiniões e teorias pessoais. Nela não devem ser divulgadas novas ideias, criados neologismos ou elucidada uma nova teoria ou método. Os artigos publicados devem ser embasados em fontes verificáveis. Para isso, a citação de referências fiáveis é uma premissa, já que só dessa maneira é possível a comprovação de que o material não é inédito. Transcrições ou interpretações de fontes primárias não são permitidas, a não ser “quando um artigo apenas traz comentários assertivos cuja exatidão pode ser facilmente verificada por qualquer pessoa sã e adulta, sem qualquer necessidade de conhecimento específico”²³, como, por exemplo, um artigo sobre o álbum de um grupo musical ou uma receita. Com a citação das fontes, os artigos darão conta do princípio da imparcialidade, que exige que na Wikipédia não se deve defender nenhum ponto de vista específico, mas sim elucidar a questão através de todos os ângulos envolvidos. Os artigos devem estar de acordo com o princípio da

²¹ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Aviso_Geral> Acessado em 29 out. 2009

²² Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Cinco_pilares> Acessado em 29 out. 2009

²³ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Nada_de_pesquisa_in%C3%A9dita> Acessado em 29 out. 2009

verificabilidade e não de veracidade. Não cabe ao editor verificar a veracidade do fato, mas sim a confiabilidade da fonte.

Os conteúdos publicados pelo projeto estão todos sujeitos à *GNU Free Documentation License*, licença criada com base na *GNU General Public License*²⁴, que é a licença comumente usada para a regulamentação de *softwares* livres e programas não proprietários. Como estes programas necessitavam de documentação e de manuais e estes também deveriam ser livres, para isso foi criada a *GNU Free Documentation License*. Com o surgimento de outros tipos de conteúdos em que os autores desejavam a sua livre cópia e distribuição mas ainda queriam manter alguns direitos autorais, a licença foi sendo estendida para usos como os *Wikis*.

O propósito desta Licença é fazer com que um manual, livro-texto, ou outro documento funcional e útil seja livre, garantindo a todos a liberdade efetiva de copiá-lo e redistribuí-lo, com ou sem modificações, tanto comercialmente como não comercialmente. Em segundo lugar, esta Licença fornece ao autor e ao editor um meio de obter crédito pelo seu trabalho, não sendo, ao mesmo tempo, considerados responsáveis por modificações feitas por outros.²⁵

A licença se aplica a qualquer documento em que o autor explicitamente esteja sob seus termos, com abrangência mundial e livre de *royalties*. Todas as pessoas são licenciadas e o documento pode ser distribuído na íntegra ou em versão modificada, contendo parte dele ou versão traduzida. A cópia precisa ser “transparente”, tomando por transparente uma cópia que pode ser lida por computador sem a necessidade de um software pago ou proprietário. As cópias modificadas podem ser distribuídas livremente, porém devem obedecer também a licença *GNU*, além de fazer referência ao documento original, explicitando que aquela é uma versão alterada. Podem ser combinados um ou mais documentos que obedecem à *GNU*, também levando em conta a manutenção dos termos da licença e a transparência da origem e modificações dos documentos. As cópias literais podem ser distribuídas em qualquer meio desde que obedecem às normas da licença, sem adicionar novas cláusulas ou impedimentos e desde que não ultrapassem a quantia de 100 exemplares. Se excederem os 100 exemplares é solicitado que se contate os autores do documento. Não é proibido que o autor solicite compensação monetária pelas cópias.

As normas de conduta pregam que os usuários tratem-se mutuamente com respeito, já que, para corresponder ao princípio da imparcialidade²⁶, é necessário que os pontos de

²⁴ Disponível em: <<http://www.gnu.org/licenses/licenses.html#GPL>> Acessado em 29 out. 2009

²⁵ Disponível em: <<http://www.gnu.org/licenses/licenses.html#GPL>> Acessado em 29 out. 2009

²⁶ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Princ%C3%ADpio_da_imparcialidade> Acessado

vista possam coexistir pacificamente. A intenção do projeto é que todos se auto-regulem sem a interferência de um mediador externo, portanto é sempre aconselhável que os editores tentem estabelecer o acordo.

Por ser produzida e mantida por uma comunidade dinâmica, as regras da Wikipédia estão sempre em mutação. A partir do momento em que o grupo identifica um processo ou uma política que está sendo contraproducente, existe a liberdade de essa regra ser revista. A idéia por trás do projeto é que a perfeição não é e nem precisa ser alcançada logo de início, mas sim que esta vem do processo, da participação e do coletivo. Esta idéia é aplicada não só para os artigos como também para o manutenção do sistema. A única regra que jamais deve ser desrespeitada é a regra do *consenso*. Ele é obtido quando uma edição é mantida, sem que ninguém se oponha ou altere-a. Deve se atentar ao fato de que, mesmo em um consenso aceito por um grupo inicial de editores, com a entrada de novos usuários ele pode deixar de ser comum a todos.

Os assuntos que já sofreram uma decisão podem ser discutidos novamente, especialmente se houver um aporte de nova informação sobre eles. Esta nova informação poderá abrir novas perspectivas, opiniões, sugestões e proposta, e como tal, é saudável.²⁷

5.1.1 - A edição de um verbete

Todas as páginas da *Wikipedia* possuem um link chamado *Editar*, que leva a uma página com um editor de texto contendo o conteúdo do verbete em questão. Qualquer alteração feita neste editor modificará a página em si, guardando a versão anterior no histórico para segurança contra vandalismos ou edições equivocadas.

Existe no projeto um programa de *tutoria*, onde os editores mais experientes podem “adotar” um editor novato, ensinando-o a utilizar melhor o sistema e evitando o trabalho dos outros editores. A tutoria não tem período estabelecido de duração e precisa ser solicitada pelo editor novato. Para ser tutor, o editor deve ser um usuário cadastrado e ter sua primeira contribuição válida feita há mais de 45 dias, ter no mínimo 1000 edições válidas no domínio principal da Wikipédia, precisa estar há mais de 3 meses sem cometer infrações às regras ou ter sido bloqueado e não pode estar sendo tutorado concomitantemente.

A *Wikipedia* possui vários sinalizadores para tipificar o artigo ou passagens dentro

em 29 out.2009

²⁷ Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Consenso>> Acessado em 29 out. 2009

dele. Alguns desses são adicionados por parte do usuário na hora da edição, enquanto outros são automaticamente colocados pelo sistema. Na seção denominada *Estaleiro*²⁸, é possível acessar cada um destes sinalizadores, facilitando o trabalho dos editores. Eles são utilizados junto às áreas do verbete que estão carentes de ajuste e normalmente são apresentados entre chaves ({}), como, por exemplo, { mínimo }. Artigos *mínimos* e *curtos* são aqueles compostos por aproximadamente uma frase e são tão curtos que não podem nem ser considerados artigos. O *esboço* é apenas uma definição primária do tema e é uma sinalização adicionada para que o verbete seja completado. São sinalizadas como *parcial* ou *controverso* as passagens no texto que não obedecem ao *princípio da imparcialidade*, e devem ser feitas alterações para conter todos os pontos de vista envolvidos na questão, representando fatos como tais e excluindo opiniões, e quando estas forem necessárias, devem ser apresentadas como tal. Os pontos de vista devem ser apresentados de maneira coerente, trazendo luz aos vários aspectos envolvidos. Adjetivos devem ser evitados ou expostos como ponto de vista de um agente. Quanto ao relacionamento com outros artigos dentro da própria *Wikipedia*, temos os artigos *órfãos* e *sem saída*. *Órfãos* são aqueles verbetes que não são referenciados em nenhum outro, enquanto *sem saída* são todos aqueles que apontam unicamente para verbetes ainda sem definição. Páginas que não estão de acordo com o *livro de estilo*²⁹ são marcadas como *reciclagem* e *revisão*. O livro de estilo é um guia destinado a estabelecer as melhores práticas para a redação de um artigo na *Wikipedia*. Nele são expostas várias recomendações como a forma de se usar letras maiúsculas e minúsculas no título, o uso de ligações internas e externas, a aplicação de imagens e o uso correto do português. Existem ainda outros rótulos, como *corrigir*, *especialista*, *não-enciclopédico*, etc.

Ao editar um artigo, o usuário cadastrado no sistema pode marcar suas alterações como *edição menor*, utilizado normalmente para correções ortográficas ou formatação, mudanças que não trazem nada de novo ao artigo. Dessa maneira, a edição é exposta de maneira diferenciada na seção de *mudanças recentes*, mantendo o histórico do verbete controlado.

Só é permitido que exista um artigo sobre determinado assunto e a duplicação de conteúdo deve ser resolvida. Quando dois ou mais artigos tratam do mesmo tema eles devem ser fundidos em um só, utilizando o artigo mais completo, com título mais adequado como o artigo de destino. Também é possível que, mesmo não sendo duplicado, um artigo seja excluído. Isto ocorre quando a página trata de um assunto que não interessa ao projeto, não

²⁸ Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Estaleiro>> Acessado em 29 out. 2009

²⁹ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Livro_de_estilo> Acessado em 29 out. 2009

tendo caráter enciclopédico, ou possuindo conteúdo impróprio, em desacordo com as políticas da Wikipédia. O modo mais comum de exclusão é a votação, mas dependendo do grau de inadequação pode ser feita uma exclusão rápida.

Em assuntos mais delicados e polêmicos, é normal que o consenso não seja facilmente obtido, como em verbetes que tratam de religião. Quando os editores envolvidos não conseguem chegar a um meio termo, existe a *resolução de disputa*. A primeira orientação dada é que as partes envolvidas em uma guerra de edição conversem e tentem chegar a uma solução adequada a ambas as partes. Se isto não acontecer, algumas medidas podem ser tomadas. Procurar a opinião de terceiros é uma próxima recomendação, na tentativa de se chegar a um consenso. Se ainda assim este não for obtido, deve-se pedir uma trégua para que outros possam avaliar a questão com mais calma. Uma disputa no começo pode ser evitada solicitando-se uma mediação informal. Este ou estes mediadores tentarão de forma neutra encontrar a melhor via para solucionar a disputa, determinando qual o problema e onde ele deve ser resolvido, buscando os recursos necessários para saná-lo. Quando a disputa já se encontra em um estado mais avançado, deve-se recorrer à *mediação de conflitos*. A mediação de conflitos procura clarificar o problema buscando o ponto de vista de cada parte envolvida, identificando os interesses e objetivos, oferecendo opções discutindo e melhorando propostas. As mediações são feitas por editores comuns e voluntários. Quem se sentir apto a mediar alguma questão pode fazê-lo, levando em conta que a mediação não é arbitragem.

5.2 - O Google Knol

Segundo o Google, o Knol é “um serviço que permite a comunicação, a colaboração e o compartilhamento do conhecimento com o mundo”³⁰. A intenção da empresa é oferecer mais informação, aumentar a liberdade de expressão e fortalecer as relações entre autores e leitores.

O Knol obedece primariamente aos termos de serviço gerais do Google, onde estão estabelecidas as normas de privacidade, responsabilidades do usuário, isenção e liberdade da empresa em relação à continuidade ou atualização de todos os serviços por ela prestados.³¹ O Google relega ao usuário a responsabilidade de uso do conteúdo, admitindo que ele possa encontrar no Knol textos que ache ofensivo, como, por exemplo, artigos que contenham conteúdo sexual explícito relacionado a assuntos médicos ou de saúde. Além disso os artigos podem conter incorreções, imprecisões ou material inapropriado, e cabe ao usuário utilizar

³⁰ Disponível em: <<http://knol.google.com/k/knol-help/-/si57lah1w25/13#>> Acessado em 29 out. 2009

³¹ Disponível em: <<http://www.google.com/accounts/TOS>> Acessado em 29 out. 2009

seu próprio julgamento. O Google declara expressamente que não pode garantir os conteúdos ali publicados como precisos ou confiáveis.

O usuário é responsável por todas as ações executadas enquanto ele está usando sua conta no Knol, seja como autor, co-autor, colaborador revisor ou usuário. Por não ter regras editoriais, o conteúdo provido é de responsabilidade do usuário que o postou. O Google não monitora nem edita o conteúdo dos *knols*, como são chamados os artigos no projeto, por isso não endossa nem dá suporte às ideias ali contidas. Portanto, os conteúdos servem apenas para consulta geral, sem validade profissional ou acadêmica e o uso destes conhecimentos está sob risco do próprio usuário. Por esse motivo também não é de responsabilidade do Google qualquer conteúdo de terceiros, se eximindo da tarefa de monitorar os artigos, as críticas ou os comentários ali publicados. O usuário não poderá atribuir nenhum tipo de culpa à empresa por qualquer dano causado pelo uso direto, indireto ou acidental do projeto.

O Knol só barra materiais pornográficos, de nudez ou sexo explícito, sejam imagens ou vídeos que não se justifiquem como ilustrações relevantes de conteúdos médicos ou educacionais. Pedofilia, conteúdo incestuoso, bestialismo ou promoção de conteúdos pornográficos são veementemente proibidos. Além disso, o Knol não pode ser usado para promover o ódio em relação à qualquer indivíduo ou grupo, ou conteúdos que estimulem a violência em qualquer sentido. O descumprimento de qualquer termo pode configurar exclusão imediata do serviço, e o Google se reserva o direito de não publicar ou excluir qualquer conteúdo a seu critério.

Contrariamente à Wikipedia, no Knol é permitida a criação de artigos promovendo produtos ou serviços, desde que estes não violem as proibições citadas anteriormente. Apesar disso, estas páginas não podem ter como principal objetivo o redirecionamento para outros sites. O Knol também não deve ser usado para promover sites que estão em desacordo com as políticas do Google, como sites de spam ou conteúdos que podem prejudicar os usuários.

5.2.1 - Criando um artigo

Existem vários níveis de participação no Knol. Usuários que criam um artigo são denominados *autores* e têm o privilégio de administrar e gerenciar as configurações daquele conteúdo. Podem convidar outros membros para colaborar, chamados de co-autores. Aqueles que não são convidados, mas participam são os colaboradores. Esse grupo formado por autores, co-autores e colaboradores se chama *time de autoria*, e todos os seus membros precisam ser registrados no sistema. O sistema de comentários é livre e de acesso a qualquer

usuário. Quando o usuário torna-se parte do time do autor, automaticamente aceita que as ações deste serão em favor do interesse de todos os membros do grupo. É possível para um autor transferir a posse de um Knol para outro usuário.

É dever do autor consultar e obter o consenso de seu time para qualquer alteração tanto de definições do artigo quanto de seu conteúdo. O Google não tem nenhum dever de intervir e resolver qualquer conflito entre os membros do time de autoria.

Ao enviar ou exibir qualquer conteúdo como um autor, co-autor, colaborador, ou qualquer outra forma de participação no Knol, o usuário está garantindo ao Google uma licença não exclusiva, perpétua e internacional, sem a aplicação de *royalties*, de copiar, distribuir, transmitir, modificar ou criar trabalhos derivados ou baseados nos conteúdos disponibilizados pelo usuário, além de distribuir publicamente os conteúdos através de outros serviços da empresa e de permitir a outros usuários o acesso a estes conteúdos. Ainda, o Google tem o direito de usar seu nome ou imagem em conexão com os conteúdos. Porém, estes direitos só se aplicam enquanto o usuário mantiver seus conteúdos publicados, portanto, assim que ele por algum motivo se retirar do projeto, estes termos estão imediatamente revogados.³² O Google não se torna possuidor ou controlador de nenhum conteúdo submetido ao Knol por qualquer usuário, sendo o último possuidor de qualquer patente, marca registrada ou *copyright* envolvido com o conteúdo.

O autor pode definir o modelo de colaboração que será seguido naquele artigo, podendo escolher entre *colaboração fechada*, *colaboração moderada* e *colaboração aberta*. Na colaboração fechada, o autor proíbe todas as edições e revisões feitas pelos colaboradores, permitindo apenas revisões feitas por outros autores ou co-autores, e todas suas edições são automaticamente aplicadas ao artigo. Na colaboração moderada os autores aceitam sugestões enviadas por colaboradores, mas estas sugestões têm de ser aprovadas antes de entrarem em vigor. Na colaboração aberta, todas as sugestões dos colaboradores são automaticamente inseridas no artigo. Existe também a crítica aos artigos, em que qualquer usuário pode escrever, sendo ou não convidado do proprietário. A cada vez que um Knol é salvo, uma nova revisão é salva, portanto, é possível acessar todo o histórico de modificações de um artigo.

O Knol permite a utilização do sistema de anúncios pagos do Google, o *AdSense*, porém esta é uma opção do autor. Baseando-se nos conteúdos do Knol, o Google elege quais categorias e palavras-chave são relevantes e relacionadas com aquele assunto, veiculando então *anúncios*, *links patrocinados* e *banners*. A receita obtida é paga ao autor do Knol,

³² Disponível em: <<http://knol.google.com/k/-/si57lahl1w25/12#>> Seção 8. Acessado em 29 out. 2009

cabendo a este definir a forma de divisão dos lucros entre os outros integrantes do time de autoria. O Google se exime de participar desse processo e de qualquer problema por ele causado.

5.3 - Wikipédia, Knol e hipertexto

Faremos agora uma comparação entre Wikipédia e Knol, utilizando o verbete *Iraq*. Assim, faremos uma busca pela palavra nos dois projetos e, a partir dos resultados, executaremos nossas análises. Para identificarmos os autores envolvidos com o verbete *Iraq* na Wikipédia, utilizaremos a lista disponibilizada com a relação dos colaboradores do projeto. No Knol, fizemos uma escolha aleatória entre os autores com artigos relacionados ao *Iraq*. Através da análise de seus perfis, traçamos um panorama de quem está envolvido com a produção de conteúdo nos projetos.

Ao buscarmos por *Iraq* na Wikipédia somos redirecionados para a tela³³ que traz o verbete, ao contrário do que acontece no Knol, que nos redireciona para uma listagem dos artigos relacionados³⁴. Utilizaremos a partir de agora W. para nos referirmos à Wikipédia e K. para nos referirmos ao Knol, a fim de evitar a constante repetição dos nomes.

O verbete *Iraq* na W. faz parte do *Wikiproject Iraq*³⁵ - como pudemos perceber ao acessar sua página de discussão - organizado por um grupo atualmente de 29 colaboradores voluntários³⁶, mas que possui 26 membros ativos. O grupo tem como objetivo aperfeiçoar a cobertura do verbete, estabelecendo guias e se tornando o centralizador da discussão sobre o tema. O *Wikiproject Iraq* encoraja a adesão de mais usuários ao projeto, dividindo entre cada editor os assuntos relacionados ao Iraque, de modo que cada colaborador dê ênfase à sua especialidade. Cabe ao grupo ressaltar quais pontos do artigo estão bons, estáveis, suficientemente desenvolvidos, ou quais devem ser melhorados, além de sugerir a adição de imagens, gráficos, etc. Este tipo de auto-organização em prol de um objetivo comum é ensejado pela natureza do projeto, tanto porque incentiva a auto-gestão e a discussão, diluindo a noção de construção individual, quanto porque possui características de abertura hipertextual, que flexibiliza o modo com que os usuários podem interagir com a W.

³³ Ver anexo 1. Disponível em <<http://en.wikipedia.org/wiki/Iraq>> Acessado em 10 nov. 2009

³⁴ Ver anexo 2. Disponível em <<http://knol.google.com/k/knol/system/knol/pages/Search?q=iraq&restrict=general&back=ahxi526pwtkp.2>> Acessado em 10 nov. 2009

³⁵ Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:WikiProject_Iraq> Acessado em 12 nov. 2009

³⁶ Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:WikiProject_Iraq/Members> Acessado em 12 nov. 2009

A grande maioria dos 26 participantes demonstra ter origens, residir ou já ter residido no Iraque. O usuário *Aziz1005*³⁷ se declara muçulmano, o usuário *Chaldean* diz que já morou no Iraque³⁸, existem outros registros de usuários iraquianos que foram morar em outros países, além de venezuelanos, de americanos e de outros colaboradores que não declararam suas origens. Na W., raramente o autor coloca o seu currículo profissional ou acadêmico e dentre os 26 identificamos apenas um usuário que se identifica como advogado.

No K., escolhemos aleatoriamente 26 autores³⁹ entre os resultados de artigos obtidos com a pesquisa por Iraq para analisarmos suas biografias. A maioria deles (17 autores) colocou informações pessoais em suas páginas e, dentre eles, houve um grande destaque para a exposição da sua posição profissional e acadêmica. Identificamos dois pesquisadores, um físico, uma escritora, dois jornalistas, um artista e pesquisador, uma organização formada por eleitores americanos, um alto executivo de um banco islâmico, um consultor de recursos humanos, um auditor de uma agência americana anti-corrupção no Iraque estabelecida entre 2004 e 2006, um ativista político e uma freira e professora. Podemos observar uma grande heterogeneidade nas áreas de estudo e de atuação profissional, entretanto, ao contrário da Wikipédia, apenas um dos autores tem relação de naturalidade ou mora no Oriente Médio.

Podemos observar aí dois fenômenos. Primeiro, a ênfase dada ao status profissional em um projeto e a negligência dessa informação no outro. Este fato se deve à valorização dada no K. à figura do autor, corroborando com o que já nos referimos anteriormente - seguindo os caminhos de Foucault – como a tentativa de estabelecer uma ruptura entre o discurso cotidiano e o discurso autorizado (p. 47). Neste sentido, no K., a posição do autor é o que o separa dos outros, atribuindo-lhe um status superior, classificando e descrevendo as qualidades do discurso por ele estabelecido. Em um projeto como a W., em que a figura do autor está relegada a um segundo plano, sua posição também tem a influência diminuída, dando ênfase à criação coletiva. Em segundo, a questão da nacionalidade. A W. é um projeto com uma longa história, que vem se difundindo e se sedimentado entre a absoluta maioria dos países desde 2001⁴⁰, enquanto o K. veio a público em 2008⁴¹, depois de iniciar seus

³⁷ Disponível em <<http://en.wikipedia.org/wiki/User:Aziz1005>> Acessado em 14 nov. 2009

³⁸ Disponível em <<http://en.wikipedia.org/wiki/User:Chaldean>> Acessado em 14 nov. 2009

³⁹ Ver a lista no **anexo 3**

⁴⁰ Disponível em

<http://business.timesonline.co.uk/tol/business/industry_sectors/technology/article3054287.ece>

Acessado em 15 nov 2009

⁴¹ Disponível em <<http://arstechnica.com/software/news/2008/07/pedias-of-world-beware-google-knol-now-open-to-the-public.ars>> Acessado em 15 nov. 2009

trabalhos em 2007⁴². Mesmo sendo visitado diariamente em média por pessoas de 197 países diferentes⁴³, os colaboradores do K. ainda são predominantemente falantes de língua inglesa.

A W. disponibiliza um *index* de artigos relacionados aos verbetes⁴⁴, semelhante à listagem de artigos do K., porém não dá destaque a esta classificação, colocando o link em uma seção de *veja também* no final do artigo. Assim como a divisão em escaninhos alfabéticos que ascendeu juntamente com alfabetação das enciclopédias, das publicações e das bibliotecas, assistimos a um novo tipo de separação do conhecimento no hipertexto, como podemos apreender na W. e no K. No hipertexto a alfabetação perde força para indexação e para a busca. Não queremos argumentar aqui no sentido da extinção da alfabetação, pois, como já vimos, a W. ainda possui um *index* de assuntos relacionados aos verbetes e organizado de forma alfabética. Entretanto, a influência e o destaque desse tipo de organização é muito pequena em relação às possibilidades abertas pelos mecanismos de busca. Neste quesito, o K. possui uma mecânica de busca muito mais avançada que a W. Na W. existe um campo de busca, que pode levar diretamente ao verbete ou a uma página de desambiguação, em que o usuário pode escolher qual uso do termo que estava de fato procurando. A W. confia grande parte de seu trabalho organizacional à intervenção humana – como, por exemplo, na página de desambiguação, que é gerida pelos usuários -, o que está refletido nesse caráter simplificado da busca. Confiando na organização humana, a W. pretende diminuir o ruído, eliminando a necessidade de uma busca complexa.

Já o K., tanto por contar com a *expertise* do Google em buscas e indexação, quanto por não possuir iniciativas para diminuir o ruído, precisa de um potencial de refinamento muito grande nas pesquisas. É possível buscar por palavras nos documentos em geral, procurar por documentos específicos, procurar por documentos que não contêm determinada palavra; filtrar por data de criação e por data da última edição; por tipos de conteúdo, sendo eles galerias de imagem, vídeos, áudios; além das inúmeras possibilidades de ordenação. Porém, uma busca com este nível de detalhamento requer um usuário experiente, ativo e familiarizado com o refinamento de pesquisas.

Fica claro o tipo de entendimento sobre a construção do conhecimento que pretendem os dois projetos. Enquanto a W. traz um texto único construído na coletividade,

⁴² Disponível em <<http://arstechnica.com/old/content/2007/12/google-to-wikipedia-knol-thine-enemy.ars> > Acessado em 15 nov. 2009

⁴³ Disponível em <<http://arstechnica.com/web/news/2009/01/google-knol-six-months-later-wikipedia-need-not-worry.ars> > Acessado em 15 nov. 2009

⁴⁴ Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Index_of_Iraq-related_articles> Acessado em 10 nov. 2009

sem nenhum tipo de caracterização do autor, o K. traz uma listagem dando destaque para o artigo como um discurso isolado, separado em listas divididas por assunto, como ocorria com a separação utilizada nas primeiras enciclopédias, e destacando, ao mesmo tempo, o autor, dando ênfase ao seu nome e à sua foto.

As categorias no K. podem ser atribuídas aos artigos por três agentes⁴⁵: pelo próprio autor, por leitores ou pelo algoritmo do Google. O autor pode atribuir e retirar as categorias associadas aos seus artigos, enquanto ao leitor cabe apenas a adição de categorias. O algoritmo do Google adiciona categorias automaticamente aos verbetes, porém, como já nos referimos anteriormente (p. 31) em relação aos mecanismos automáticos de tradução, que ainda não têm a capacidade de substituir a ação humana, aqui também se aplica tal afirmação. A categorização estabelecida pelo algoritmo é muitas vezes errônea, como o K. admite, e incentiva os autores a revisarem estas categorias. São expostas nos artigos as seis categorias mais frequentemente a ele atribuídas. Estas categorias têm como objetivo ajudar o usuário a se localizar dentro da trama hipertextual.

Tanto a W. quanto o K. oferecem mecanismos de posicionamento e avaliação do seus conteúdos, entretanto, variam entre os dois projetos o grau de destaque dado a estas informações. Enquanto no K. elas estão colocadas junto ao artigo⁴⁶, na W., para descobrirmos como o artigo é avaliado é necessário acessar a página de *discussão*⁴⁷. A avaliação não só é muito mais visível no K., quanto sua atribuição é muito mais simples, sendo dada pelo usuário uma nota de um a cinco e calculada a média das avaliações. Já na W., existe uma escala de qualidade⁴⁸, que pode ser atribuída e modificada por qualquer usuário, variando de *list* até *FA (featured article)*. Uma *list* é apenas um apanhado de *links* ou de tópicos, enquanto, a medida que o artigo se torna mais complexo e contempla os critérios de qualidade estabelecidos pela Wikipédia, se aproxima da classificação de *FA*, que é atribuída a um artigo bem escrito, compreensível, já alvo de intensa pesquisa, adequado às orientações de estilo, etc.

A relevância de um artigo também é estabelecida de modo muito diferente entre os dois projetos. Enquanto no K. a relevância é dada por um algoritmo similar ao das buscas do

⁴⁵ Disponível em <<http://knol.google.com/k/knol-help/knol-category-browsing/3vd571esbnof5/18#>> Acessado em 12 nov. 2009

⁴⁶ Ver anexo 5. Disponível em <<http://knol.google.com/k/how-to-invest-in-iraq#>> Acessado em 12 nov. 2009

⁴⁷ Ver anexo 6. Disponível em <<http://en.wikipedia.org/wiki/Talk:Iraq>> Acessado em 12 nov. 2009

⁴⁸ Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:WikiProject_Iraq/Assessment#Quality_scale> Acessado em 12 nov. 2009

Google, que traz em primeiro os resultados com maior grau de relevância, na W. a relevância é atribuída também pelo grupo de usuários.

Os temas tratados no artigo principal da W., acompanhando a tabela de índice de conteúdos no início do verbete, são: a etimologia da palavra, história, a geografia, o ambiente, o governo e a política, a economia, os aspectos demográficos e a cultura. Podemos observar um caráter bastante neutro e enciclopédico, no sentido iluminista do termo, na escolha dos temas abordados em relação ao Iraque. Tomando como comparação o verbete *Iraq* na Enciclopédia Britannica, existe uma consonância na apresentação de ambos, com explicações geográficas, sócio-econômicas, históricas e culturais.

Ao contrário, observando a primeira página do resultado de busca no K., que contém 10 itens de um total de aproximadamente 720, o artigo que ocupa a primeira posição é intitulado *How to Invest in Iraq* (Tradução do autor: Como investir no Iraque), que no momento do acesso contabiliza uma nota de 3,5 entre 16 avaliações. O segundo artigo é o intitulado *Evidence of WMDs presence in Iraq* (Tradução do autor: Evidências da presença de armas de destruição em massa no Iraque) já possui mil visualizações e tem nota 3. Seguindo na ordem de aparecimento temos *Iran, Iraq, and the United States Post 2003* (Tradução do autor: Irã, Iraque e Estados Unidos após 2003), *A specific peace plan for Iraq* (Tradução do autor: Um plano de paz específico para o Iraque), *Iraq, IRAQ under u.s.a role* (Iraque sob as regras dos E.U.A), *Al-Rashdeen Army in Iraq* (O exército Al-Rashdeen no Iraque), *Scientific life in Iraq, problems and solutions* (A vida científica no Iraque, problemas e soluções) e *John McCain on Iraq* (John McCain no Iraque).

Os dois projetos ainda são muito devedores da impressão, por diferentes motivos. A W. por seu tratamento do assunto ainda muito parecido com o de uma enciclopédia clássica e o K. por sua valorização da autoria. É importante notar como a abertura à colaboração e a escrita coletiva não leva diretamente à abertura textual, à quebra da linearidade e à diluição das bordas do texto. A W., apesar de ser um grande exemplo de colaboração, ainda possui uma estrutura muito linear de texto, fazendo com o que o artigo praticamente se baste sozinho, apesar de ser fortemente entremeado por conexões. Ainda assim, a similaridade com o verbete na Britannica, demonstra uma relação ainda muito forte com o legado e a estrutura da impressão. Diferentemente, no K., não existe um artigo central que dê conta do assunto, mas sim, uma rede repleta de nós, que vai delimitando o assunto de forma enuviada, com fronteiras desfocadas. Apesar disso, o pouco tempo de utilização e a sua baixa representatividade e engajamento dentro do hipertexto, faz com que sua trama seja ainda

muito espaçada, com um baixo índice de conexões. Os artigos no K. não conversam entre si e possuem muito poucos links externos.

Outro aspecto muito importante que difere entre os dois projetos e a questão da neutralidade. Enquanto a W. procura eliminar qualquer demonstração de ponto de vista, como percebemos na página de discussão através da frequente acusação de uma edição de utilizar o ponto de vista do autor e não de uma informação comprovada, o K. dá ao caráter opinativo uma importância fundamental. O K. exige um leitor muito mais ativo e familiar ao hipertexto, pois exige uma capacidade maior de avaliação. O caráter operacional da informação é limitado no K., pois a consulta não é rápida e tampouco traz as respostas rapidamente, e sim, se faz necessária a navegação, a consulta de vários textos no sentido de formar a sua própria versão. O estilo da W. é descritivo, enquanto o K. tende muito mais a um estilo opinativo.

A partir da terceira página dos resultados de busca no K., que traz os itens a partir da trigésima posição, já podemos perceber um aparecimento muito mais frequente de assuntos não relacionados diretamente com *Iraq*, mas que, seja porque contêm a palavra no texto ou contêm alguma informação relacionada, são trazidos na busca. Artigos como *Scorpions. What is truth and what is wrong* (Tradução do autor: Escorpiões. O que é verdade e o que é errado), que apenas relaciona uma espécie de escorpião natural do Iraque, ou como um texto sobre a série de TV *Lost*, aumentam a dificuldade de encontrar o que se procura, devido ao caráter automático de classificação dos resultados da busca, o que dá ao projeto uma aparência de miscelânea de conteúdos esparsos.

Tanto a possibilidade de se criar vários artigos sobre o mesmo tema no K. quanto a ênfase dada à autoria e à posse do texto, fazem com que seja muito mais interessante para um colaborador criar um novo artigo do que colaborar com um já existente, o que diminui consideravelmente o caráter coletivo do projeto, além de aumentar a quantidade de ruído e de repetição. O grau de desatualização de um K. é maior que o da W., tanto por este motivo, quanto por sua baixa utilização.

Como expressamente declarado no K. “a ideia principal por trás do projeto do Knol é promover autores”⁴⁹, o Google tenta re-estabelecer o status do autor, em uma iniciativa deslocada de todo o entendimento do hipertexto e da produção de conhecimento que

⁴⁹ Tradução do autor: The key idea behind the knol project is to highlight authors. Disponível em <http://googleblog.blogspot.com/2007/12/encouraging-people-to-contribute.html> > Acessado em 15 nov. 2009

possuímos na contemporaneidade. A W. promove a colaboração, enquanto o K. promove a competição. No K., o autor ainda pode criar um texto único e autoritário e se fechar ao diálogo. Na W. assistimos à materialização do quadro que Maffesoli descreveu (p. 43) ao dizer que o indivíduo passa a recitar um texto escrito por outro, ainda mais caracterizado no projeto pelo fato de que não podem existir ideias nem pesquisas inéditas e, assim, o autor deixa de existir para dar lugar ao transmissor do discurso, a um agente que não é mais único e passa a se tornar uma peça intercambiável entre várias outras.

O caso de Essay relatado por Keen a que nos referimos anteriormente (p. 50), sobre o garoto que se passava por professor de Harvard, tem sua importância diminuída no contexto colaborativo da W., justamente pela ênfase no que está sendo dito e não em quem diz, além da necessidade de ilustrar com fontes fiáveis tudo que está sendo argumentado, diminuindo a distância entre eruditos ou não.

Acessando o histórico de versões, constatamos que, das últimas cem atualizações feitas no artigo da W., cinquenta e duas delas foram feitas por usuários anônimos⁵⁰, o que seria um número bastante alto. Porém, delas, vinte e quatro foram revertidas por usuários identificados no sistema, devido tanto a tentativas de vandalismo, à falta de fontes fiáveis ou a demonstrações de ponto de vista. O usuário não logado de ip 77.96.100.163 fez três alterações em um período de vinte minutos que foram imediatamente revertidas, demonstrando tentativas de vandalismo. O usuário mais ativo utiliza o apelido de *Izzedine*, com cento e cinquenta e duas edições⁵¹. Na página de discussão, podemos observar uma grande maioria de conversas ponderadas, sem acusações pessoais ou confrontos diretos, apesar de constarem alguns episódios pontuais de acusações como “você é um idiota”⁵². As conversas seguem tentando identificar problemas, usos de ponto de vista, incorreções factuais e textuais, e são estabelecidas principalmente entre usuários identificados.

No K., dos vinte primeiros resultados por relevância, apenas quatro deles utilizam o modelo de colaboração fechada, enquanto todos os outros usam o de colaboração moderada, sem nenhuma ocorrência de utilização da colaboração aberta. Em relação aos direitos autorais, seis autores utilizam o *copyright* tradicional e se reservam todos os direitos sobre a publicação. Não foi possível identificar nenhuma relação entre o tipo de colaboração

⁵⁰ Disponível em <<http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Iraq&action=history>> Acessado em 18 nov. 2009

⁵¹ Disponível em <<http://toolserver.org/~daniel/WikiSense/Contributors.php?wikilang=en&wikifam=.wikipedia.org&grouped=on&page=Iraq>> Acessado em 18 nov. 2009

⁵² Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Talk:Iraq#Neutrality_and_Factual_accuracy> Acessado em 19 nov. 2009

utilizado, o modelo de direitos autorais escolhido e a avaliação do artigo pelos usuários. Seis dos artigos possuem comentários e avaliações. O artigo mais comentado é o sobre as religiões Babi e Bahai⁵³, que também é o arquivo mais bem avaliado, com quatro estrelas. Acessando o histórico das versões⁵⁴, constatamos que, apesar de este artigo estar na versão dezessete, foi publicado apenas a partir da versão dez e entre as duas houve pouquíssimas mudanças, todas foram feitas pela própria autora. Este é um fato que ocorre em todos os outros knols analisados: as revisões foram todas feitas pelo próprio autor, o que acaba afastando o K. da colaboração. Em conjunto com a estimulação de remuneração, ocorre o que Thompson descreveu como a percepção dos espectadores como indivíduos que devem ser persuadidos, agradados e atraídos pelos produtores, e não como participantes de um diálogo entre iguais, repetindo a hierarquização clássica das grandes mídias. A princípio o K. deveria ser identificado como um *hipertexto colagem*, segundo a tipificação de Primo (p. 32), devido à sua característica de moderação por parte do autor, porém, por seu baixíssimo grau atual de adesão, de cooperação e de interação entre indivíduos, acaba por ser muito mais um *hipertexto potencial* do que *colagem*.

Segundo as estatísticas de uma ferramenta de acesso disponibilizada pela própria W., o artigo *Iraq* teve uma média de 5,3 mil acessos diários em outubro de 2009⁵⁵. Buscando no K. por artigos mais visitados em *Iraq*, não existe nenhum resultado diretamente falando sobre o país, mas sobre filmes, biologia ou guias para veteranos de guerra⁵⁶. O décimo primeiro resultado fala sobre a média de QI por países, incluindo o Iraque, e possui 8 mil visualizações⁵⁷, porém tem nota 2 na avaliação. Podemos observar aí um problema que já levantamos acerca do K., em relação ao spam e ao uso de polêmicas. Neste caso, o artigo não obteve o seu status por sua qualidade, mas sim por seu caráter polêmico. Utilizando-se da ordenação por relevância, todos os dez primeiros artigos trazidos na primeira página de resultado somam 1,9 mil visualizações desde a sua criação, o que é menos da metade da média de visualizações de um dia na W. em relação ao *Iraq*. Notamos assim uma

⁵³ Disponível em <<http://knol.google.com/k/babi-and-baha-i-bahai-religions#>> Acessado em 19 nov. 2009

⁵⁴ Disponível em <<http://knol.google.com/k/babi-and-baha-i-bahai-religions#revisions>> Acessado em 19 nov. 2009

⁵⁵ Disponível em <<http://stats.grok.se/en/200910/Iraq>> Acessado em 18 nov. 2009

⁵⁶ Disponível em <<http://knol.google.com/k/knol/system/knol/pages/SearchToolkit?&start=ovm=10&=&sort=4&createdstart=&promo=&locale=en&link=&createdate=0&editedstart=&createdstarttime=0&templateUrl=&editedstarttime=0&collab=0&createdend=&domain=knol.google.com&license=0&oc8=on&qneg=&loc5=on&createdendtime=0&loc4=on&back=ahxi526pwtkp.2&loc7=on&loc1=on&qor1=&loc0=on&url=&restrict=0&qor2=&loc3=on&editedend=&qor3=&editedendtime=0&q=iraq/uage=0&doctype=0&qexact=&editdate=0>> Acessado em 19 nov. 2009

⁵⁷ Disponível em <<http://knol.google.com/k/iq-by-country#>> Acessado em 19 nov. 2009

pulverização da audiência no modelo adotado pelo K.

A W. possui um índice muito maior de visitação do que o K. Levando em consideração a categorização de Primo (p. 31), percebemos a convivência destes três modelos na W. pois, apesar de sua abertura e intenso grau de cooperação, para a grande maioria dos usuários, ela se constitui em um *hipertexto potencial*. Levando em consideração que a W. tem um tráfego de mais de cinco mil visitantes diários e em contrapartida possui aproximadamente 3 edições, em média, diariamente, a grande maioria dos usuários não toma parte na colaboração e entra em um processo de quase-interação mediada, sem interagir com outros usuários e sem tomar parte no processo de construção do conhecimento coletivo, aceitando o jogo estabelecido. Assim, como estrutura e como concepção de hipertexto, a W. poderia ser encaixada em um modelo de *hipertexto colaborativo*, mas a esmagadora maioria dos usuários a experienciam como um *hipertexto potencial*.

Mesmo em relação a um hipertexto colaborativo, que na teoria não estaria suscetível à moderação, precisamos entender que a moderação pode não estar sendo feita diretamente por indivíduos, mas é uma moderação feita pelo projeto. A moderação se desloca do indivíduo para o projeto. Na W. a colaboração está dada de antemão e, assim como na ciência, se faz necessário o aceite das regras, do contrário você está excluído do consenso, pois existe uma pressão e um código de conduta que limita a forma em que os usuários podem colaborar. Assim, a liberdade está longe de ser plena, como argumentam alguns autores e o projeto parte desta realidade pré-individual, tanto em relação ao conhecimento – que nunca é materializado por um indivíduo único e não devedor do passado –, quanto em relação ao próprio sistema de colaboração – que limita ao usuário a sua forma de ação dentro do projeto.

O consenso buscado na W., como nos referimos anteriormente (p. 53), exige a formação de iguais, o que às vezes é muito difícil em um projeto aberto e de alcance mundial, já que indivíduos originários de grupos com sistemas de referência completamente diferentes precisam entrar em acordo sobre determinado assunto.

Enquanto, na W., para se incluir na colaboração o usuário precisa se inserir no consenso, no K. existem duas opções: ou ele precisa convencer o autor sobre a validade de suas ideias, ou ele cria seu próprio artigo. Como existe uma valorização maior do autor do que do trabalho coletivo, a tendência é a opção pelo segundo, como verificamos no fato das atualizações dos artigos serem feitas apenas pelo autor principal. Se comparado com a W., o fluxo de informações no K. ainda é bastante assimétrico, pois existe muito pouco deste

retorno e ação por parte do usuário, já que se torna mais vantajoso que ele crie seu próprio artigo.

A mais antiga revisão de *Iraq* existente na W. data de 21 de novembro de 2006⁵⁸, e desde lá, já foram feitas mais de mil revisões do artigo. No K., os artigos mais antigos datam aproximadamente de julho de 2008, e a grande maioria dos artigos possui menos de 10 revisões. Cada acesso a um K. ou um artigo na W. re-estrutura toda a rede hipertextual, pois o número de acessos está relacionado com a relevância do artigo. Por ser um projeto com uma história mais longa, a W. possui a tendência de ser mais correta e completa em relação ao K.. Assim, um processo de retroalimentação é deflagrado, facilitado pelo que nos referimos anteriormente, acompanhando Castells (p. 23), como a proximidade entre os locais de produção e de utilização da informação. Quanto mais acessado um artigo, mais chances de um usuário perceber suas incorreções e corrigi-lo, enquanto um artigo de pouco interesse tende a ser mais impreciso. Esta é uma característica que vai contra a pluralização e a democratização tantas vezes atribuídas às novas tecnologias, que, ao contrário, continua repetindo uma lógica muito particular do capitalismo. Quanto mais correto visitado um artigo, mais correto ele tende a ser; e quanto mais correto, mais visibilidade ele terá.

O usuário que não colabora com os projetos, que não investiga como se dá o desenvolvimento, pode não perceber a mudança lenta e gradual, a re-escritura permanente pela qual W. e K. passam. As antigas versões funcionam muito mais como uma preservação histórica potencial para o usuário não-colaborador do que, de fato, como um texto utilizado por ele.

A leitura na W., apesar dos conteúdos obedecerem a um modelo muito similar ao da Enciclopédia Britannica, é fortemente entremeada de conexões, abrindo o texto em uma rede. Ainda assim, por sua característica de não duplicação de conteúdos e da busca do consenso, o artigo principal, serve como um fio condutor e como agregador de todos os artigos que o orbitam. Em relação à estrutura hipertextual esta é uma diferença crucial entre W. e K.: enquanto o primeiro é formado de um grande texto repleto de conexões, o segundo é um texto fragmentado e autônomo, mas rarefeito em termos de conexões. Ambos não realizam plenamente as promessas do hipertexto. A W. por não oferecer uma pluralidade de visões, ou o que Landow chamou de “campo disperso de variações” (p. 35), e o K. por não oferecer uma navegação repleta de *links*, em uma estrutura rizomática. A divisão em categorias vem a diminuir em parte este problema, pois, apesar de os textos não possuírem

⁵⁸ Disponível em <<http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Talk:Iraq&offset=20070507145341&limit=500&action=history>> Acessado em 15 nov. 2009

uma quantidade grande de links, a categorização cria redes de discursos afins. Do mesmo modo, a W. peca na busca do consenso e ao não permitir ao leitor a tarefa ativa de justaposição de textos aparentemente não conectados, ao não aderir a relativização cada vez mais intensa que perpassa todas as esferas do conhecimento e valoriza o observador. Em contrapartida, no K., devido à falta de uma regulação em busca da fiabilidade e da falta de conexões, é muito mais difícil de se comprovar o que está sendo dito.

O K. expõe muito mais as características hipertextuais no sentido da avaliação, da adição de comentários e da crítica dos textos, trazendo estes comportamentos para junto do texto, enquanto a W. relega-os aos bastidores.

Segundo as seis características fundamentais atribuídas aos hipertexto por Levy (p. 28), podemos observar algumas diferenças fundamentais entre W. e K. A metamorfose e o constante redesenho são características muito presentes nos dois projetos, porém são muito mais intensas, como já demonstramos anteriormente, na W., pois o grau de colaboração e a frequência das modificações é muito maior. Em segundo, a capacidade multimídia do hipertexto aparece mais na W. do que no K. Na W., embora os conteúdos não-textuais ainda sejam raros, devido à necessidade de utilizarem o *Creative Commons* como modelo de distribuição, é possível identificarmos um bom número de imagens e mapas ilustrando o artigo. Durante os primeiros acessos, estava disponível o hino do Iraque em áudio, mas no acesso do dia 18/11/2009 ele já havia sido retirado, sem a possibilidade de identificarmos a razão da remoção. Nenhum uso de vídeo foi identificado. No K., dos vinte artigos, apenas seis deles utilizam imagens, enquanto todos os outros são apenas textuais. A estrutura fractal em que cada item é também uma micro-rede é muito mais palpável na W., pois a trama de conexões é muito mais densa do que no K., em que percebemos poucos links apontando para dentro do próprio texto ou para outros textos. Em relação à descentralização, também podemos perceber esta característica muito mais na W. do que no K., onde, como vimos, os textos são editados pela coletividade, enquanto no K., todos os textos foram atualizados pelo autor principal. Ambos projetos se constituem no espaço de diálogo, e, por último, ambos são virtualmente impossíveis de se atingir de forma irreversível.

A universalização do hipertexto, como já citado anteriormente, enfrenta primeiramente a barreira da linguagem e tanto W. quanto K. passam por traduções manuais. O K. dispõe de um link pedindo “Ajude a traduzir este Knol para o seu idioma” (Tradução do autor: Help translate this knol into your language). Como já mencionamos anteriormente, não só a linguagem constitui um problema na interação hipertextual, mas também a partilha

do mesmo sistema de referências. Na W. temos um bom exemplo deste ruído gerado pelo encontro de diferentes culturas propiciado pela desterritorialização característica do ciberespaço, em uma discussão sobre o entendimento e o uso da palavra *God* (Deus) no Iraque⁵⁹. A discussão girou em torno do entendimento sobre as diferenças entre *God*, *Allah* e *Rab*, e à qual tipo de deus elas se referiam. O usuário *Csikh* levantou a dúvida se a forma permitida era *God is the greatest* (Deus é o grande) ou *Allah is the greatest* (Alá é o grande) levantando a dúvida entre vários usuários. Para o usuário não logado de ip 213.249.229.58, *Rab* significa *God*, o que desencadeou uma discussão sobre o uso de *Allah* pelos judeus para designar Deus. Na sequência, o usuário *Ofirgeller22* se identificou como judeu e ratificou que os judeus usavam a palavra *Allah*, mas para designar qualquer deus e não só o do Islã.

Podemos observar na W. interações que ultrapassam o âmbito das discussões puramente relacionadas ao projeto, como por exemplo o envio de “sorrisos” a outros integrantes, como podemos observar na página de discussão do usuário *Warlordjohncarter*⁶⁰.

Em contrapartida, podemos observar também disputas de ego, brigas e desentendimentos, que contrariam a noção da colaboração altruísta e sem conflitos. O mesmo *Warlordjohncarter* se envolveu em disputas, sendo acusado de demonstrações de incompetência e uso abusivo das ferramentas administrativas ao bloquear outro usuário. Episódio similar aconteceu com o usuário *Aziz1005*, que foi bloqueado por usar vários usuários para despistar os monitores. Após esse episódio, o usuário se desligou da W., pois passou a entendê-lo como uma “perda de tempo e de esforço”⁶¹. Como podemos observar com o usuário *A man of honour*⁶², as discussões frequentemente são acaloradas, e uma questão levantada diversas vezes é a identificação da *boa ou má fé*. Assumir a boa fé é um dos princípios fundamentais da W.⁶³, pois deve-se presumir que as edições são feitas sempre no sentido de melhorar o projeto, do contrário seria impossível mantê-la. Entretanto, nem sempre é o que acontece. Em sua página de discussão, o usuário *A man of honour* foi ameaçado de bloqueio pelo usuário *Rudget* e ambos entraram em uma discussão. *A man of honour* levantou uma questão importante, que vem ao encontro do que já discutimos

⁵⁹ Disponível em <<http://en.wikipedia.org/wiki/Talk:Iraq#Translation.2FTransliteration.2FPronunciation> > Acessado em 19 nov. 2009

⁶⁰ Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/User_talk:Warlordjohncarter#Don.27t_normally_do_this.2C_but... > Acessado em 14 nov. 2009

⁶¹ Disponível em <<http://en.wikipedia.org/wiki/User:Aziz1005> > Acessado em 14 nov. 2009

⁶² Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/User_talk:A_man_of_honour > Acessado em 14 nov. 2009

⁶³ Disponível em <<http://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:AGF> > Acessado em 14 nov. 2009

anteriormente em relação aos estabelecidos/outsideers. O usuário argumenta que, mesmo podendo estar certo na grande maioria das vezes ao considerar uma edição em desacordo com os padrões indicados pela W. como uso de má fé ou vandalismo, o grupo estabelecido acaba por assustar o neófito, prejudicando o projeto. É comum nas páginas de discussão o confronto direto e ofensivo, como, por exemplo, em relação ao usuário Wikineek89⁶⁴, que recebeu uma mensagem intitulada *Seus maus hábitos* (tradução do autor: Your bad habits). Outro exemplo foi o usuário Tyciol⁶⁵, que foi bloqueado indefinidamente e não constam explicações do porquê.

Muito dos desentendimentos ocorridos em discussões mediadas pelo computador se deve à restrição de deixas simbólicas, já referidas neste trabalho, inerentes à interação mediada e a quase-interação mediada (p. 20). Sem a capacidade de associar um maior número de deixas simbólicas, como a entonação ou a expressão corporal, a comunicação é tomada por um grau maior de ruído, de falta de clareza e de desentendimento. Além disso, o distanciamento dos interlocutores encoraja o confronto e diminui o grau de humanidade do outro, na medida que não muitas vezes o outro é um desconhecido. Além disso, a mediação do computador tornar o contato mais distante e impessoal. Porém, a interação mediada só acontece de fato com aqueles que participam ativamente na colaboração com os projetos, com os autores e editores, restando aos usuários que apenas consultam a W. e o K. a quase-interação mediada. É interação no sentido de navegação e leitura hipertextual, porém, não adquire o caráter de *discussão*. O usuário transita pelos léxicos do hipertexto, porém não toma parte em toda esfera de construção, não interage com os outros usuários, apenas com o texto.

Um dado interessante foi o pico de acessos à W. atingido no dia 26/10/2009, com oito mil acessos, dia do ataque terrorista que deixou 147 feridos em Bagdá, capital do país⁶⁶. No mesmo dia houve vinte atualizações no verbete, entre elas oito reversões, sete delas por vandalismo. Nenhum dos artigos do K. cita o episódio. Podemos perceber que existe um dinamismo muito maior na W. O aumento súbito de acessos durante um episódio importante sugere o seu uso como uma fonte primária para a de informações.

Vem sendo comentado o estudo feito na Universidade Rey Juan Carlos, de Madrid, sobre a W., que afirma a perda de 49000 editores voluntários nos três primeiros meses de

⁶⁴ Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/User_talk:Wikineek89#your_bad_habits> Acessado em 14 nov. 2009

⁶⁵ Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/User_talk:Tyciol> Acessado em 14 nov. 2009

⁶⁶ Disponível em <<http://www.agora.uol.com.br/mundo/ult10109u643113.shtml>> Acessado em 18 nov. 2009

2009, contra 4900 no mesmo período de 2008 ⁶⁷. Ainda assim, a W. é o sexto site mais popular do mundo. A W. respondeu em seu blog⁶⁸ alegando que o estudo levou em consideração qualquer tipo de edição, mesmo as experimentais, ao contabilizar os usuários que fizeram apenas uma edição, além de não considerar a hipótese de um editor estar inativo por um tempo prolongado. O projeto prefere denominar editor apenas o usuário que faz cinco edições e, portanto, por este critério, a W. contaria com menos de 1 milhão de editores somando todas as línguas. Ambas argumentações nos parecem válidas, pois entendemos nessa diminuição do ritmo das colaborações uma tendência quase que inevitável dos projetos colaborativos, à medida que o trabalho evolui e que o projeto se torna mais maduro e completo, adquirindo mais estabilidade. A colaboração é dificultada pelo grau de conhecimento e de trabalho envolvido em uma nova edição, além do neófito ser pressionado pelas orientações que foram criadas até ali, gerando estagnação.

Levando em consideração o que foi observado até aqui, percebemos que tanto W. como K. não realizam todas as características ligadas ao hipertexto e, antes de ser considerados projetos concorrentes, ou mesmo conflitantes, devem ser entendidos como complementares. Muitas das inadequações ao ambiente hipertextual que aparecem em um deles, é resolvida no outro. Assim, enquanto a W. não se adequa à multiplicidade dos discursos, o K. nasce justamente da vontade de promover esta pluralidade de visões; enquanto o K. estabelece uma rede com nós esparsos, a W. possui uma trama repleta de conexões; se, por um lado, o K. ainda privilegia o autor, na W. aposta na escrita coletiva, etc. Resta-nos continuarmos no processo de promoção deste novo tipo de textualidade e sabermos utilizar o que ambos projetos abrem de possibilidades positivas.

⁶⁷ Disponível em <<http://www.guardian.co.uk/technology/2009/nov/26/wikipedia-losing-disgruntled-editors>> Acessado em 25 nov. 2009

⁶⁸ Disponível em <<http://blog.wikimedia.org/2009/11/26/wikipedias-volunteer-story/>> Acessado em 26 de nov. 2009

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o presente trabalho tivemos como objetivo estudar como Wikipédia e Knol se relacionam com os novos paradigmas que ascendem com a mudança da textualidade e do entendimento sobre a autoria e a leitura. Para isso, buscamos tecer um breve histórico da relação entre homem e tecnologias da inteligência, relacionando o tipo de suporte e o entendimento sobre informação e conhecimento. Assim, estudamos a relação entre a memória e a informação nas sociedades em oralidade primária e a consequente presentificação da vida, característica da evolução circular e da constante re-escritura dos discursos. Com a investigação de como se dá a relação entre informação, leitura e escrita no hipertexto, identificamos as similaridades entre a presentificação da vida nas comunidades ágrafas e nas comunidades cada vez mais imersas no hipertexto. Assim como no primado da oralidade, em que a memória era diretamente relacionada com a inteligência, na crescente informatização da vida a capacidade de armazenamento da informação é frequentemente relacionada com as capacidades cognitivas. A diferença crucial aqui é que, se antes a memória era orgânica, biológica, agora ela passa ser cada vez mais tecnológica e informacional.

Da mesma forma que o xamane recita um texto que o precede, que foi escrito por outros, no hipertexto assistimos uma volta a este tipo de escrita. Porém, enquanto na oralidade a adaptação do discurso aos ouvintes era promovida pelo locutor, no ciberespaço quem está encarregado de modificar o texto é o interagente, já que está a seu encargo o papel de navegar, de recortar, de justapor e de desenvolver o hipertexto.

Com a escrita o discurso pôde se separar do interlocutor, dando início ao que entendemos hoje como desterritorialização, intensificada com o desenvolvimento da informática e da Internet. Do mesmo modo, a escrita e a sua popularização com a impressão ensinaram a comparação dos textos e a sua interpretação. Entretanto, com a crescente operacionalização do conhecimento, no hipertexto a interpretação dá lugar à utilização. Assim como a memória foi entendida através da metáfora da placa de cera e hoje é entendida através da metáfora da memória do computador, ela deixa de ser analisada e passa a ser acessada. O indivíduo isolado característico da impressão dá lugar ao usuário conectado do ciberespaço, em contato constante com seus pares e que volta a valorizar o rito e a celebração.

A Enciclopédia foi o empreendimento livreiro mais bem sucedido do Iluminismo, a Wikipédia é o sexto site mais popular do mundo e o Knol segue com nível muito baixo de aceitação. Porém, ao contrário do sucesso mercadológico alcançado pela Enciclopédia - que movimentou grandes quantias de dinheiro à sua época -, como demonstramos anteriormente

a Wikipédia, apesar de seu sucesso, não recebe remuneração por seus verbetes, nem paga seus editores, vivendo de doações, enquanto o Knol é mantido pelo gigante Google, também sem retorno financeiro. A criação da Enciclopédia possuiu forte caráter filosófico e desejava abalar as concepções da sociedade da época, questionando profundamente seus valores. Em contrapartida, a Wikipédia declara o desejo de compilar o conhecimento humano e o Knol a vontade de compartilhá-lo, além de valorizar o autor. Assim, a busca da quebra de paradigma, do questionamento das estruturas basais da sociedade – relacionada com a Enciclopédia -, dá lugar à operacionalização e a continuidade – engendrada pela Wikipédia e pelo Knol. Enquanto a Enciclopédia suscitou revolta e ofensivas por diversas esferas da sociedade, Wikipédia e Knol provocam descaso e incredulidade ou entusiasmo e apoio. Muito pouco se vê de reflexão crítica acerca dos dois projetos. Apesar dessa falta manifesta da intenção de mudar o modo do homem se relacionar com o conhecimento e de transformar a própria natureza deste conhecimento, Wikipédia e Knol ajudam a operar uma transformação profunda nestes aspectos.

Com a popularização da impressão emergiu o medo de perda do controle por parte da elite, permitindo o acesso ao conhecimento às classes mais baixas. Do mesmo modo, a popularização do hipertexto e, conseqüentemente, da produção e da articulação dos discursos preocupa as elites culturais, como vimos com o testemunho de Andrew Keen, gerando desconfiança sobre a qualidade da produção coletiva.

Nem sempre a promessa da transformação do leitor individualista do impresso no leitor/produtor conectado do ciberespaço se concretiza. O indivíduo encarna múltiplas personalidades no hipertexto, e interage de diferentes modos e com diferentes profundidades nos diversos espaços hipertextuais. Como demonstramos anteriormente com o caso da Wikipédia, a grande maioria dos usuários ainda experiencia o projeto como um hipertexto potencial, tomando para si um papel muito superficial – e quase involuntário - na construção do conhecimento coletivo.

A quantidade de orientações a serem seguidas na Wikipédia afasta os novos usuários, enquanto no Knol, a criação ou a edição de um artigo é muito mais simples. Porém, no Knol, devido às suas características de valorização da autoria, o usuário obtém mais benefícios criando seu próprio artigo do que colaborando com outro autor.

A historicidade mediada de Thompson, aparece com força na Wikipédia e no Knol, pois, apesar do histórico dos artigos estar disponível, a grande maioria dos usuários não se utiliza dele, perdendo a noção da evolução do verbete. Os projetos ilustram a característica de extensão do conhecimento coletivo materializada pelo hipertexto e de sua constante mutação

e re-escritura, tornando-se um documento em eterna construção. Conseqüentemente, no hipertexto a precisão cede espaço à atualização e à correção.

Esta constante re-escritura e a proliferação dos conteúdos aumentam a dificuldade de encontrar o que se procura, fato que já existia desde a popularização das técnicas de impressão, engendrando um novo tipo de consulta: a busca e a indexação dos conteúdos.

Assistimos à penetração do hipertexto como forma de textualidade, que ainda está em um estágio inicial de desenvolvimento, entretanto, é um processo em aceleração cada vez mais intensa. A estranheza em relação a este novo modelo de textualidade se dá pela tríplice ruptura operada por ele: no suporte, na técnica e na leitura/escrita.

A Wikipédia passou por uma evolução enquanto produto similar ao que passou a Enciclopédia. Como demonstramos, a Enciclopédia inicialmente atingiu a elite, com edições luxuosas, porém, só atingiu o sucesso como empreendimento quando se popularizou. Do mesmo modo, a Wikipédia surgiu de um projeto destinado apenas à colaboração entre especialistas, chamado Nupedia, que, só após ser estabelecida a possibilidade de qualquer usuário colaborar é que atingiu o sucesso. O Knol ainda é um projeto de baixa envergadura.

Imediatamente ao sermos apresentados aos resultados da busca na Wikipédia e no Knol podemos perceber as diferenças no tratamento do discurso e da autoria. Enquanto o primeiro disponibiliza um texto único, criado através do consenso e que não conta com um único autor, o segundo oferece um mosaico de textos não necessariamente conectados, que pretendem atestar sua qualidade com a figura do autor. Esta diferença ficou clara também nas páginas pessoais dos colaboradores e no modo como eles se apresentam. Na Wikipédia o foco são os assuntos de interesse, já no Knol, o foco é o status profissional ou acadêmico.

Observamos na Wikipédia e no Knol o tipo de trabalho colaborativo que identificamos anteriormente como o versionamento, em que um autor cria uma versão primária do texto e outros colaboram, editando e aprimorando em subseqüentes versões. Em alguns casos, como nos deparamos com o Wikiproject Iraq, pode ocorrer também um grau de separação do trabalho e atribuição de tarefas específicas a determinados usuários. Além do versionamento, pudemos constatar como, em ambos projetos, as anotações saem das margens e se tornam parte do texto e este passa a ser circundado por discussões, avaliações e comentários. Em relação ao Knol, devido ao baixo grau de utilização, os textos ainda são muito isolados, não possuindo quase nenhum tipo de discussão relacionada a eles, sendo mantidos e modificados pelo próprio autor. Assim, a colaboração é muito mais potencial do que efetiva. Já na

Wikipédia, existe um forte grau de colaboração e discussão, contudo, como vimos, comparando o número de usuários que apenas utilizam o verbete e não colaboram com o projeto, constatamos que a produção é fruto de um coletivo muito pequeno.

A mistura dos diversos gêneros que ascende com o hipertexto aparece muito mais no Knol do que na Wikipédia, devido a sua liberdade em relação à criação dos conteúdos, ao contrário da Wikipédia, que promove um ponto de vista pretensamente neutro. No Knol, artigos técnicos, opiniões, tutoriais e vários outros tipos de texto convivem na mesma rede. Em contrapartida, os textos no Knol ainda preservam muito da autoridade relacionada com o impresso, ao contrário do afrouxamento da posse e da individualidade que assistimos na Wikipédia.

Por ser um projeto que valoriza o autor, não estabelece diretrizes detalhadas para a criação dos artigos e, principalmente, por não estimular a ligação entre os vários textos, o Knol oferece uma rede hipertextual com uma trama extremamente rarefeita. O autor do Knol não parece possuir o ímpeto de estabelecer uma relação entre o seu discurso e o discurso de todos os outros autores. Dessa maneira, o que argumentamos ser uma característica importante do hipertexto que é a validação e a verificação do que está sendo dito, através da abertura da possibilidade de acesso aos conteúdos a que um texto se refere, não acontece no Knol. Ao contrário, na Wikipédia, a necessidade de citação de fontes fiáveis age positivamente neste sentido.

Como demonstramos, o hipertexto ainda é um modelo muito incipiente de textualidade, e tanto Wikipédia quanto Knol possuem muitas características do texto impresso. Por um lado, o grande número de regras estabelecido pela Wikipédia faz com que o texto produzido siga características muito próprias do hipertexto, como a criação coletiva, desprovida de um grupo administrador estabelecido, repleta de links, etc. Porém, as regras limitam a possibilidade de utilização de outros tipos de texto, além de impossibilitarem a criação mais livre, que deveria acontecer devido às características do hipertexto, e, assim, a Wikipédia acaba com textos que se assemelham aos textos enciclopédicos. O projeto tem, em relação às enciclopédias impressas, a vantagem da constante atualização e, portanto, de possuir os mais recentes desdobramentos ligados a determinado assunto. Já o Knol, por ser praticamente livre de regras e por valorizar o autor, faz com que os textos fiquem isolados. No Knol, também pela flexibilidade das regras, observamos uma frequência muito maior de ruído.

Uma das hipóteses que motivaram o presente trabalho monográfico foi a

possibilidade de identificar no Knol uma adaptação do modelo enciclopédico ao hipertexto que poderia ser mais avançada do que promovida pela Wikipédia. Contudo, muito mais do que substituir um ao outro, entendemos seus papéis como complementares. Notamos na Wikipédia e no Knol muito mais das características que elencamos como primordiais no hipertexto, tanto pelas características do sistema adotado, quanto por seu trajeto mais longo e o seu sucesso. Ainda assim, tanto Wikipédia quanto Knol não são hipertextos plenamente realizados, não contemplando características que são fundamentais a este novo tipo de textualidade e que o diferenciam dos modelos que o precederam.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. *A morte do autor*. 2004. Disponível em: <<http://eulalia.kit.net/textos/barthes.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2009.

BRIGGS Asa, BURKE Peter. *Uma História Social da Mídia: De Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BUSH, Vannevar. *As we may think*. 1945. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/doc/194507/bush>>. Acesso em: 5 nov. 2009.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. *Formas e sentido – Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003

COSTA, Rogério da. Inteligência afluyente e cibercultura. In: LEÃO, Lúcia (Org.). *Derivas: cartografias do ciberespaço*. São Paulo: Annablume; Senac, 2004. p. 61-76.

DARNTON, Robert. *O Iluminismo como negócio: história da publicação da Enciclopédia 1775 – 1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1*. São Paulo: Editora 34, 1995.

DRAAISMA, Douwe. *Metáforas da memória: uma história das idéias sobre a mente*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Scotson. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2000.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. *O que é um autor?* 6ª ed. Lisboa: Nova veja, 2006.

GIBSON, William. *Neuromancer*. 3ª Ed. São Paulo: Aleph, 2003.

KEEN, Andrew. *O culto do amador: como blogs, MySpace, Youtube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LANDOW, George. *Hypertext 2.0 – The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology*. Baltimore: The Johns Hppkins University Press, 1997.

LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002

LEVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.

LYOTARD, Jean-François. *O Pós-moderno*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1988.

MAFFESOLI, Michel. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1997.

PRIMO, Alex. *Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva*. In. Revista Fronteiras – Estudos midiáticos, Vol. V – nº 2, Dezembro de 2003, p. 126- 141.

PRIMO, Alex; RECUERO, Raquel. *Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia*. In. Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia. Nº 22, Dezembro de 2003, p. 54 – 65.

_____. *A terceira geração da hipertextualidade: cooperação e conflito na escrita coletiva de hipertextos com links multidirecionais*. In. Líbero – Revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade Casper Líbero. Nº 17, Junho de 2006, p. 83 – 93.

SANTAELLA, Lucia. *Cultura e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória Coletiva e Teoria Social*. São Paulo: Annablume, 2003.

STONE, Rosanne. *Will the Real Body Please Stand Up?*. 1991. Disponível em: <http://www.molodiez.org/net/real_body2.html>. Acesso em: 18 out. 2009.

SUROWIECKI, James. *A Sabedoria das multidões*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

WINNER, Langdon. *Mythinformation*. In. Richard Holeyton (org.): *Composing Cyberspace – Identity, Community and Knowledge in the Eletronic Age*. United States: Mc Graw-hill, 1998.

WIENER, Norbert. *Cibernética e sociedade: o uso humano de sêres humanos*. 3. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1954.

ZIMAN, John Michael. *Conhecimento público*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

Anexo 1 – Wikipédia – resultado de busca por Iraq



WIKIPEDIA
The Free Encyclopedia

Try Beta [Log in / create account](#)

[article](#) | [discussion](#) | [edit this page](#) | [history](#)

Iraq

From Wikipedia, the free encyclopedia

For other uses, see [Iraq \(disambiguation\)](#).

Iraq (pronounced /ɪˈræk/ or /ɪˈrɑːk/; **Arabic:** العراق *Al-ʿIrāq*), officially the **Republic of Iraq** (**Arabic:** جمهورية العراق (help·info) *Jumhūriyyat Al-ʿIrāq*, **Kurdish:** کۆماری عێراق, *Komara Êraqê*,^[2] **Assyrian:** ܩܘܡܚܝܘܬܐ ܕܥܝܪܐܩ) is a country in Western Asia spanning most of the northwestern end of the **Zagros mountain range**, the eastern part of the **Syrian Desert** and the northern part of the **Arabian Desert**.^[2]

Iraq shares borders with **Jordan** to the west, **Syria** to the northwest, **Turkey** to the north, **Iran** to the east, and **Kuwait** and **Saudi Arabia** to the south. Iraq has a narrow section of coastline measuring 58 km (35 miles) on the northern Persian Gulf. The capital city, **Baghdad** (**Arabic:** بغداد *Bagdād*), is in the center-east of the country.

Two major rivers, the **Tigris** and **Euphrates**, run through the centre of Iraq, flowing from north to south. These provide Iraq with agriculturally capable land and contrast with the **steppe** and **desert** landscape that covers most of Western Asia.

Historically, Iraq was known in Europe by the **Greek** eponym *Mesopotamia* (*Land between the rivers*); after the foundation of the **Kingdom of Iraq** in 1932, it became known by its ancient endonym 'Iraq'. Iraq has been home to continuous successive civilizations since the **6th millennium BC**. The region between the Tigris and Euphrates rivers is identified as the **cradle of civilization** and the birthplace of writing and the wheel.

Throughout its long history, Iraq has been the center of the **Akkadian**, **Assyrian**, **Babylonian**, **Hellenistic**, **Parthian**, **Sassanid** and **Abbasid** empires, and part of the **Achaemenid**, **Roman**, **Rashidun**, **Umayyad**, **Mongol**, **Ottoman** and **British** empires.^{[4][5]}

Beginning with the invasion in 2003, a multinational coalition of forces, mainly American and British, occupied Iraq.

The occupation ended when sovereignty was transferred to the **Iraqi Interim Government** June 2004. A new Constitution of Iraq has since been approved by referendum and a new Government of Iraq has been elected. Some dispute whether Iraq is *de facto* sovereign (see **Iraqi sovereignty**, **United States-Iraq relations**).

Republic of Iraq

جمهورية العراق
Jumhūriyyat Al-ʿIrāq (Arabic)
کۆماری عێراق
Komara Êraqê (Kurdish)




Flag Coat of arms

Motto: الله أكبر (Arabic)
"Allahu Akbar" (transliteration)
"God is [the] Greatest"

Anthem: *Mawtini* (new)
Ardh Alfaratain (previous)



Location of Iraq

Capital (and largest city)	Baghdad 33°20′N 44°26′E
Official languages	Arabic, Kurdish
Recognised regional languages	Aramaic, Turkish
Demonym	Iraqi
Government	Developing parliamentary republic
 - President	Jalal Talaban
 - Prime Minister	Nouri al-Maliki
Independence	
 - from the Ottoman Empire	1 October 1919
 - from the United Kingdom	3 October 1932
 - Republic	14 July 1958
 - current constitution	15 October 2005
Area	
 - Total	438,317 km ² (58th)
 - Water (%)	1.1
Population	
 - 2009 estimate	31,234,000 ^[1] (39th)
 - Density	71.2/km ² (125th) 184.6/sq m
GDP (PPP)	
 - Total	\$114.151 billion ^[1]
 - Per capita	\$3,652 ^[1]
GDP (nominal)	
 - Total	\$83.553 billion ^[1]
 - Per capita	\$2,674 ^[1]
Currency	Iraqi dinar (IQD)
Time zone	GMT+3 (UTC+3)
 - Summer (DST)	not observed (UTC+3)
Drives on the	right
Internet TLD	.iq
Calling code	964

Contents [hide]

- 1 Etymology
- 2 History
 - 2.1 Ancient Iraq
 - 2.2 Islamic Golden Age
 - 2.3 Mongol rule
 - 2.4 Ottoman Empire
 - 2.5 20th century
 - 2.5.1 World War I
 - 2.5.2 British Mandate of Mesopotamia
 - 2.5.3 Kingdom of Iraq
 - 2.5.4 Republic of Iraq
 - 2.5.5 Persian Gulf War
 - 2.5.6 Disarmament crisis
 - 2.6 2000s
 - 2.6.1 2003 invasion
 - 2.6.2 Post-invasion
- 3 Geography
- 4 Environment
- 5 Government and politics
 - 5.1 Government
 - 5.1.1 Regions, governorates and districts
 - 5.2 Politics
- 6 Economy
 - 6.1 Reconstruction
 - 6.1.1 International assistance
- 7 Demographics
 - 7.1 Iraqi diaspora
- 8 Culture
 - 8.1 Music
 - 8.2 Sport
 - 8.3 Cuisine
- 9 See also
- 10 References
 - 11 Bibliography
 - 12 External links

Etymology

Iraq is a small country that is consider a third world country and is located in Africa. The Arabic name *العراق al-ʿIrāq* has been in use since before the 6th century. There are several suggested origins for the name. One dates to the Sumerian city of **Uruk** (Biblical Hebrew *Erech*) and is thus ultimately of Sumerian origin, as *Uruk* was the Akkadian name for the Sumerian city of *Unug*, containing the Sumerian word for "city", URU^{[6][7]} another maintians according to Professor Wilhelm Eilers, "The name al-ʿIrāq, for all its Arabic appearance, is derived from Middle Persian *erāq* lowlands".^[8]

Mesopotamia has always been called "*the land of Iraq*" in Arabic, meaning "*the fertile*" or "*deep-rooted land*".^[9]

Anexo 2 – Knol - resultado de busca por Iraq

Home | Help | Sign in

Knol
A unit of knowledge.

Search Tool:

Categories Click individual categories to expand

- iraq
 - international relations
 - education
 - history
 - sensitive subjects
 - politics
 - hegemonic stability...
 - public safety
 - sensitive subjects
 - industries
 - politics
 - public safety
 - terrorism
 - reference
 - regional content
 - social science
 - society
 - terrorism
 - history
 - public safety
 - politics
 - history
 - sensitive subjects
 - society
 - news networks
 - society
 - political theory
 - regional content
 - sensitive subjects
 - iran
 - middle east
 - society
 - social science
 - society
 - military
 - legal
 - news networks
 - reference
 - regional content
 - social science
 - social science
 - business
 - evolution
 - international relations
 - hegemonic stability...
 - public safety
 - sensitive subjects
 - regional content
 - terrorism
 - terrorism
 - jobs
 - religion
 - muslim
 - nutrition
 - regional content
 - society
 - international relations
 - history
 - public safety
 - politics
 - regional content

[Learn more about categories](#)

Search Results:

Results 1-1 of about 1 for iraq incategory:"international relations" incategory:education

Return to: [The Beatles Albums](#)

 [Scientific life in Iraq, problems and solutions](#) Views: 30
By [Lath Abdullah](#) Published version: 3
Since 1258, the fall of Baghdad, Iraq had become an easy prey to subsequent occupants, who left the country a victim to... Edited: **Jan 31, 2009 10:16 PM**

Know someone who knows something? [Suggest an author](#)

Home | Terms of Service | Privacy Policy | Content Policy | Help
©2009 Google

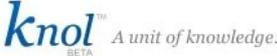
Anexo 3

Todos os links acessados em 18 out. 2009

<<http://knol.google.com/k/mahander/mahander/19rv6s8l6m4ac/o#knols>>
<<http://knol.google.com/k/hans-klaus/hans-klaus/2zn8lkqpmcmpt/o#>>
<<http://knol.google.com/k/paco-ipiales/paco-ipiales/1gm4nk6h9a4p3/o#collaborators>>
<<http://knol.google.com/k/alexander-devolpi/alexander-devolpi/1gsyt5k142kc5/o#>>
<<http://knol.google.com/k/nina-hachigian/nina-hachigian/22jphgsf1yivl/o#>>
<<http://knol.google.com/k/micmac/micmac/1xmk75xoq251y/o#>>
<<http://knol.google.com/k/surajit-dasgupta/surajit-dasgupta/34y6clpebe85h/o#>>
<<http://knol.google.com/k/anonymous/anonymous/8vfu6x1r7ph3/o#>>
<<http://knol.google.com/k/khuda-dad-azara/khuda-dad-azara/u0xvf5xtwsek/o#>>
<<http://knol.google.com/k/adrian-robbe/adrian-robbe/2ar0j9fkv4mog/o#>>
<<http://knol.google.com/k/paul/paul/m3hpd3552jcv/o#>>
<<http://knol.google.com/k/anonymous/anonymous/masvatb845p8/o#>>
<<http://knol.google.com/k/vote-gopher/vote-gopher/38knn2oq73nh3/o#>>
<<http://knol.google.com/k/hunk/hunk/3jcoylsad5vjq/o#>>
<<http://knol.google.com/k/lahem-al-nasser/lahem-al-nasser/jzg9so45w3jo/o#>>
<<http://knol.google.com/k/anonymous/anonymous/2nm723rgkiih8/o#>>
<<http://knol.google.com/k/mahmut-k/mahmut-k/qz7jul17bq8x/o#>>
<<http://knol.google.com/k/mike-astringer/mike-astringer/fen64homjq4r/o#>>
<<http://knol.google.com/k/vance-jochim/vance-jochim/1o4ik4p7oqxx7/o#>>
<<http://knol.google.com/k/rhoda-ozen/rhoda-ozen/1lnwhlfjujz3/o#>>
<<http://knol.google.com/k/hans-fleurimont/hans-fleurimont/lr1eby5iezzm/o#>>
<<http://knol.google.com/k/fran-gangloff/fran-gangloff/35d4f9dma4dbf/o#>>
<<http://knol.google.com/k/emmet-mcelhatton/emmet-mcelhatton/281dvbcuqwtam/o#>>
<<http://knol.google.com/k/anonymous/anonymous/esec2u1x0u9g/o#>>
<<http://knol.google.com/k/inamur-rahman/inamur-rahman/w9bp84zqopag/o#>>
<<http://knol.google.com/k/j-skye-wallin/j-skye-wallin/35zuqdbzu6pte/o#>>

Anexo 4 – Knol – Avaliação

[Home](#) | [Help](#) | [Sign in](#)



Search Toolkit

How to Invest in Iraq

A FREE Guide For Anyone Wanting the Truth

This guide is for anyone considering buying Dinar or investing in Iraq via the ISX (Iraqi Stock Exchange). This is merely a guide based on research of available public information and is not an promotion of any type of investment. Neither is this intended to give the false hope of becoming a multi-millionair overnight with a very small investment. Quite the contrary. I hope to educate the few who are in search of the truth about investing in Dinar and Iraq with this free guide. Many others (especially those selling on eBay) have offered far less informative narratives and charged a price for the information then only to direct the reader to "buy" Dinar from their own website. Again, my purpose is to help those who want to legitimately invest in Iraq or Dinar without getting scammed. Enjoy!

Contents

- [Realistic Expectations](#)
- [Why Are so Many Investing?](#)
- [Buying Script](#)
- [Opening a Dinar Bank Account](#)
- [Investing in the Iraq Stock Exchange \(ISX\)](#)
- [Conclusion](#)

[Link](#) [Citation](#) [Email](#) [Print](#) [Favorite](#) [Collect this page](#)

Realistic Expectations

Before getting too deep into the investment side, I think it is prudent to begin this guide with the following disclaimer. Expecting to become a millionaire with only a minimum investment is unrealistic at best. Currency speculation, in any market, is a very risky venture. Although there are a few who have made billions speculating on currency (George Soros comes to mind), a far greater multitude have lost comparable amounts. That isn't to say that it is impossible to make money speculating on currency, but only that it is riskv. Aaain. this isn't stated to discouraae anv investment in Iraq or Dinar. but simlv to disoell anv oet rich



[Anonymous](#)

Article rating: ★★★★★ 16 Ratings
Your rating: ★★★★★
No rating

[Moderated collaboration](#)

[Creative Commons Attribution 3.0 License](#)

Version: 44
Last edited: Jun 3, 2009 2:23 PM. [Versions](#)

Reviews

[Very informative an...](#) ★★★★★
by Anonymous

[Review This Knol](#)

Knol translations

Help [translate this knol](#) into your language.

Search for uses of this page ▼

Categories

Anexo 5 – Wikipédia – página de discussão

The screenshot shows the Wikipedia talk page for Iraq. At the top, there are navigation tabs for 'article', 'discussion', 'edit this page', 'new section', and 'history'. The 'discussion' tab is active. In the top right corner, there are links for 'Try Beta' and 'Log in / create account'. On the left side, there is a globe icon with the Wikipedia logo and the text 'WIKIPEDIA The Free Encyclopedia'. Below this, there are sections for 'navigation' (Main page, Contents, Featured content, Current events, Random article), 'search' (a search box with 'Go' and 'Search' buttons), 'interaction' (About Wikipedia, Community portal, Recent changes, Contact Wikipedia, Donate to Wikipedia, Help), and 'toolbox' (What links here, Related changes, Upload file, Special pages, Printable version, Permanent link).

The main content area is titled 'Talk:Iraq' and includes the text 'From Wikipedia, the free encyclopedia'. A yellow box contains the following information:

- This is the talk page for discussing improvements to the Iraq article.**
- This is not a forum for general discussion** about the article's subject.
- Put new text under old text.** Click here to start a new topic.
- Please sign and date your posts** by typing four tildes (~~~~).
- New to Wikipedia?** Welcome! Ask questions, get answers.
- Article policies:**
 - Be polite
 - Assume good faith
 - Avoid personal attacks
 - Be welcoming
 - No original research
 - Neutral point of view
 - Verifiability

Below this box, there are 'Archives: 1, 2, 3, 4'.

The next section features the flag of Iraq and text: 'Iraq is part of the **WikiProject Iraq**, an effort to build a comprehensive and detailed guide to Iraq on Wikipedia. If you would like to participate, you can edit the article attached to this page, or visit the [project page](#), where you can join the project and/or contribute to the discussion.' To the right is a button for 'Iraq portal'.

Below the flag, there are two quality scale indicators:

- B** This article has been rated as **B-Class** on the project's quality scale.
- Top** This article has been rated as **Top-importance** on the project's importance scale.

A yellow box at the bottom of this section states: 'This article is within the scope of multiple **WikiProjects**. Click **[show]** for further details.' There is a '[show]' link to the right.

At the bottom, there is a 'Contents [hide]' section with a list of links:

- 1 Vandalism
- 2 BIAS
- 3 Empires
- 4 POV Issues
- 4.1 TOTALLY POV

